QUEM É O SUCESSOR DE HO CHI MINH (NA 3.ª PÁGINA)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 3 DE OUTUBRO DE 1969 N.º 16 807 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

Sessão de Propaganda da C. D. E. em Braga

especial ELEIÇÕES

LER NO SUPLEMENTO

MESA REDONDA

QUE ESTAMOS A PUBLICAR DIARIAMENTE

E QUE HOJE INCLUI TAMBÉM OS SEGUINTES ASSUNTOS:

● Conferência de Imprensa da C. D. E. de Lisboa ● Manifesto democrático ao povo de Leiria ● Mesa-redonda sobre a reforma agrária ● Sessão eleitoral da Oposição em Braga ● Carta aberta ao Presidente do Conselho.

Previsão em Bonn

Brandt será chanceler

BONN, 3 — (F. P.) — A luz está verde para um Governo de esquerda socialista-liberal, dirigido por Willy Brandt, o primeiro do género ao nível federal na Alemanha desde 1945. Três dias de negociações entre plenipotenciários do S. P. D. e do F. D. P. bastaram para lançar as bases desta nova aliança e preparar a substituição do gabinete cessante, da grande coligação (entre cristãos-democratas e sociais-democratas) que Kurt-Georg Kiesinger, presidente da C. D. U., tinha formado no fim de 1966.

A nova coligação é devida á iniciativa de Brandt, presidente do S. P. D., vice-chanceler e ministros dos Negócios Estrangeiros no gabinete Kiesinger, que viu agora oportunidade de chegar a chancelaria que visa há muito tempo. Tendo ganho 22 lugares e apoiando-se em 224 deputados no Bundestag, estendeu a mão aos liberais algumas horas após o escrutínio legislativo de domingo, em que estes ultimos foram derrotados: conseguiram apenas 30 deputados e perderam 19 lugares.

Sendo a maioria absoluta no Parlamento de 249 votos, Brandt considerou possível tentar a investidura com 254 votos e não ter de reconduzir a grande coligação com os cristãos-democratas (242 lugares, ou seja menos 7 do que a maioria).

NEGÓCIOS ESTRANGEIROS?

BONN, 3 — (A. N. I.) — Willy Brandt será o novo chanceler da Alemanha Federal, e Walter Scheel, chefe dos democratas li-

(Continua na ultima pagina)

O PROJECTO ESPANHOL DE LEI SINDICAL INCLUI A «PARTICIPAÇÃO»

MADRID, 3 — (F. P.) — José Solis Ruiz, ministro-secretário do Movimento apresentou ontem á Imprensa espanhola o texto de 53 artigos do projecto de lei sindical.

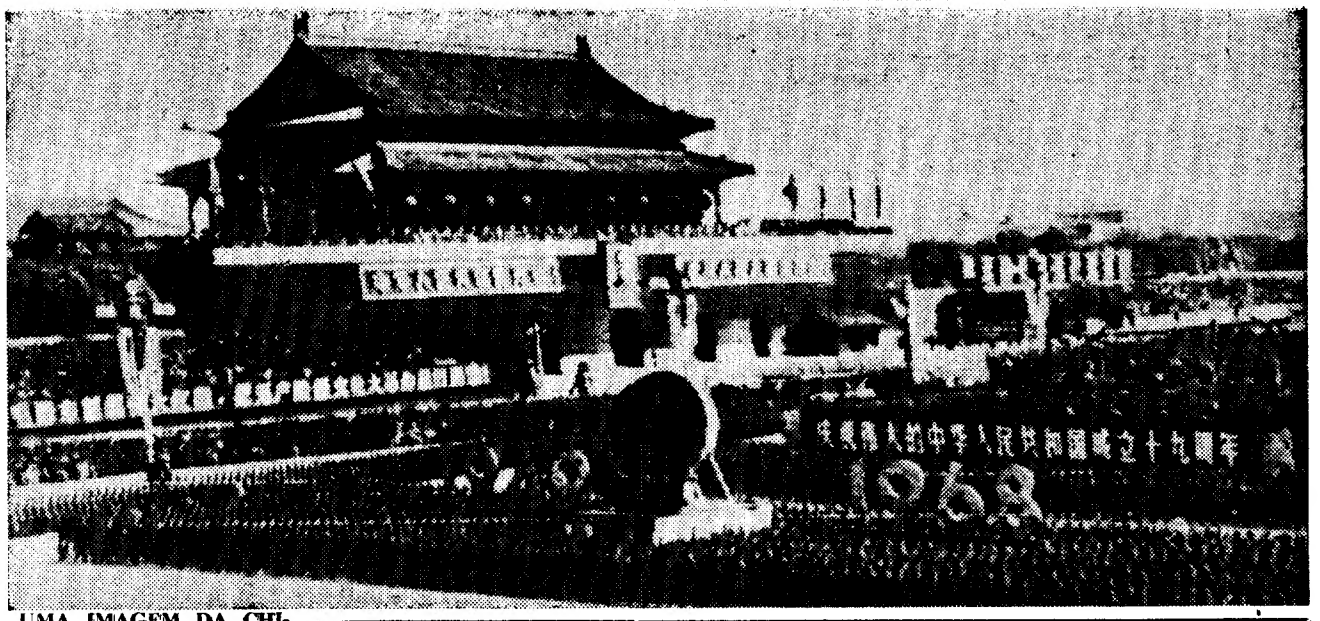
No novo projecto, os princípios de «totalidade» e de «hierarquia» na lei anterior foram substituidos pelos de «representatividade», de «autonomia», de «associação organica» e de «participação».

Os trabalhadores deixam de ser considerados (como no caso da lei de 1940) como «contribuindo para o poderio da pátria» e a este título «ordenados em milicias».

O presente projecto já não diz que «a lei assegura a subordinação da organização sindical do Partido».

O sindicalismo espanhol, diz o artigo 3 do projecto, tem por objectivo «representar exclusivamente, defender e promover os interesses profissionais derivados do trabalho e da produção, tanto sociais como económicos». Diz também que o sindicalismo espanhol «integra todos os campos da produção».

«Será ilegal toda a associação ou organização profissional operária ou económica, seja qual for a sua forma, que pretenda constituir-se ou agir fora da organização sindical».



UMA IMAGEM DA CHINA MODERNA: desfile militar na Praça de Tien An Men. Ler na pág. 9 a primeira parte de «Há vinte anos, a China», artigo de Amadeu Lopes Sabino

HOJE 32 PÁGINAS VISADO PELA CENSURA

Celtic-Benfica — Taça dos Campeões e Magdeburgo-Académica — Taça das Taças

(Ler na última página)

HÁ PESCAR E PESCAR, HÁ PERDER E GANHAR — 3

A pesca artesanal constitui um factor económico de importância para o País

Prosseguindo as suas considerações, os Grémios dos Armadores que se nos dirigiram referem-se, depois, á «pesca de arrasto» nos seguintes termos:

«No que se refere ao arrasto costeiro (84 navios em 1968, todos a motor de combustão interna, contra apenas 8 em 1940) há uma frota na sua maioria constituída por navios novos, de moderna concepção, dos quais 28 já equipados com o sistema de pesca pela popa.

«O limite da sua expansão está condicionado pelos «stocks» existentes nas águas metropolitanas, os quais, infelizmente, são bastante limitados. Dispomos, realmente, de peixe de alta qualidade, mas relativamente pouco abundante.

«Em virtude desta circunstância, não se prevê que, nos próximos anos, possa ser mantido o actual e acelerado ritmo de expansão.

«O arrasto do alto é tradicionalmente exercido na região vulgarmente conhecida por Cabo Branco, a cerca de 6 dias de viagem de Lisboa aos pesqueiros.

«As espécies capturadas entraram nos hábitos da população e têm, normalmente, consumo assegurado. Esse peixe é conservado em gelo e em muitos barcos, complementarmente, a acção do gelo é ajudada pela refrigeração mecânica. Sucede, porém, que sendo a pesca exercida em águas quentes e as viagens relativamente prolongadas, há normalmente uma percentagem elevada de inutilizações.

«Tem uma importância fundamental, na percentagem das inutilizações, a qualidade das espécies capturadas e essa qualidade está, pelo menos parcialmente, dependente das existentes no mar, na ocasião da pesca e não depende só pois da vontade dos capitães.

«É evidente que são também factores importantes: os cuidados da tripulação, as condições de arrumação a bordo e o estado dos porões.

«No entanto, sob este aspecto, os progressos técnicos são bastante limitados porque mesmo a própria refrigeração mecânica (não confundir com congelação) dá uma certa melhoria, mas bastante relativa. E no que diz respeito ao isolamento e ao material de protecção dos porões, também os progressos tecnológicos não são muito apreciáveis.

«Ainda muito recentemente um dos navios da frota, cujos porões e refrigeração tinham sido inteiramente renovados e se encontravam nas melhores condições de funcionamento, teve uma percentagem excessiva de inutilizações, não em consequência dos homens ou das máquinas, mas sim das espécies capturadas — não foram encontradas outras — que eram de muita fraca resistência.

«O sistema de propulsão de quase todos os barcos de arrasto do alto (45) é o de motores de combustão interna. Só 5 são ainda a vapor, mas produzido por combustível líquido e não por carvão.

«A renovação da frota — como se vê — não tem sido descurada, antes tem sido largamente fomentada.

«No que diz respeito à pesca e á conservação do peixe, qualquer dos sistemas de propulsão é equivalente.

«As diferenças provêm da propulsão a «diesel» ser mais económica do que a propulsão a vapor, mas sob o aspecto de rentabilidade estes factores podem ser completamente alterados, desde que os barcos utilizando vapor estejam amortizados e os motores de combustão interna não se encontrem nessas condições e sejam, como se sabe, de elevado custo.

«Pode, pois, econòmicamente, não fazer sentido abater arrastões a vapor desde que eles se encontrem em boas condições de conservação e sem grandes gastos de manutenção, para os substituir por arrastões com motores de combustão interna cujo custo é de algumas dezenas de milhares de contos.

«Aliás, mesmo nos países industrialmente mais evoluídos — como a Alemanha e a Inglaterra — existiam, ao serviço, respectivamente 68 e 132 unidades deste tipo. (Examen des Pêcheries dans les pays

(Continua na 8.ª página)

DE ONTEM PARA HOJE

FOMENTO DE PESCA

O comodoro Alves Lopes tomou posse do cargo de vice-presidente da Junta Nacional de Fomento das Pescas. A cerimónia decorreu no gabinete do almirante Henrique Tenreiro, estando presentes os almirantes Henrique Jorge e David de Carvalho; os comodoros Duarte Silva e Valente de Araujo; o eng.º Paulino Pereira, presidente do Instituto Português de Conservas de Peixe e outras individualidades. O presidente da Junta, num breve discurso, afirmou que muito se tem feito nos ultimos 30 anos. Por sua vez, o empossado disse, nomeadamente: «No sector das pescas não me considero um estranho, pois tenho dado a minha modesta colaboração á ostreicultura, no de arrasto costeiro; tratei de assuntos de pesca, durante quatro anos, na Capitania de Lisboa e, ultimamente, como vogal da Comissão Central de Pescarias, tive ocasião de acompanhar os mais momentosos problemas das pescas. Mas, evidentemente, isto não seria suficiente como indicação do meu nome para desempenhar tal cargo, além disso, eu, como oficial-general, tinha o meu futuro orientado no sentido de me ocupar de problemas de defesa nacional e internacional». Mais adiante, e a finalizar, afirmou: «Para justificar, porém, a confiança em mim posta, vou procurar trabalhar, como sempre tenho feito, com afinco e entusiasmo para não atraiçoar ou desiludir aqueles que, na sua benevolência ou amizade, viram em mim quaisquer qualidades aproveitáveis ao progresso e ao bem das pescas nacionais.»

ESFAQUEOU O MÉDICO

Por não concordar que o médico lhe tenha dado alta, considerando-o apto para o trabalho, o servente de pedreiro Manuel Quitério Peixinho, de 31 anos, casado, natural e residente no Entroncamento, vibrou cinco facadas no clínico, dr. José Eduardo Vítor das Neves, de 67 anos, solteiro, pessoa geralmente estimada naquela vila. Transportado a uma casa de saude de Torres Novas, o médico ficou internado, em estado grave.

CAIU DA JANELA

Teve morte quase imediata a sr.ª D. Justinna Florência Costa Delgado, de 75 anos, que caiu da janela de um 4.º andar, na Rua Garcia da Ora, onde residia.

FAQUISTA PRESO

Tem maus instintos o electricista Bernardino Correia Dias, de 19 anos, que, na Rua Correia Teles, após uma breve discussão, agrediu, com uma navalhada, José Manuel de Sousa Santos, residente nos Sete Moinhos, 68. Tendo fugido, a P. S. P. veio a prendê-

MORREU A MENINA

A pequenita Isabel Maria Mendes da Silva, de 6 anos, de Broega, Sarilhos Grandes, onde, como noticiámos, fora vítima de um acidente em que pereceram sua mãe e um irmão, faleceu no Hospital de S. José. Trata-se, portanto, de um triplo atropelamento mortal o causado pelo: futebolista Djalma.

DOIS MORTOS

Dois homens morreram e cinco ficaram feridos, no choque de uma furgoneta com um camião, em Árvore, Vila do que o acidente foi motivado por encandeamento. Pereceram o condutor da furgoneta, Rodrigo Teixeira Gomes, de 40 anos, negociante, de Vila Verde, Lourosa, e o ajudante de motorista do camião, Domingos Triangolim, de 57, solteiro, de Chape, Viana do Castelo. Dos cinco feridos, apenas dois ficaram internados. hs?,rpã

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

CURSO SOBRE TÉCNICAS DE EXPORTAÇÃO

Promovido pelo F. F. E., realiza-se na Associação Industrial Portuguesa, Praça das Indústrias, Lisboa, o «VIII Curso sobre Técnicas de Exportação», que será dirigido pelo economista, Sr. Dr. José da Silva Lopes, nos dias 13, 15 e 16 de Outubro de 1969, em sessões das 18 horas às 20.15 horas.

Os pedidos de inscrição, com indicação do nome ou nomes dos participantes, deverão dar entrada até 10 do mesmo mês, na Sede do Fundo de Fomento de Exportação, Rua Camilo Castelo Branco, n.º 2-3.º, em Lisboa, tendo sido fixado em 80 o número máximo de participantes, os quais deverão ser entidades ligadas à exportação.

Vendo colecção «Diário do Governo» (32 anos) Rev. Legislação Jurisprudência — Colecção Legislação 1830/1935. Telef. 65 02 55.

EMISSORA NACIONAL

PAGAMENTO DE TAXAS

AVISO

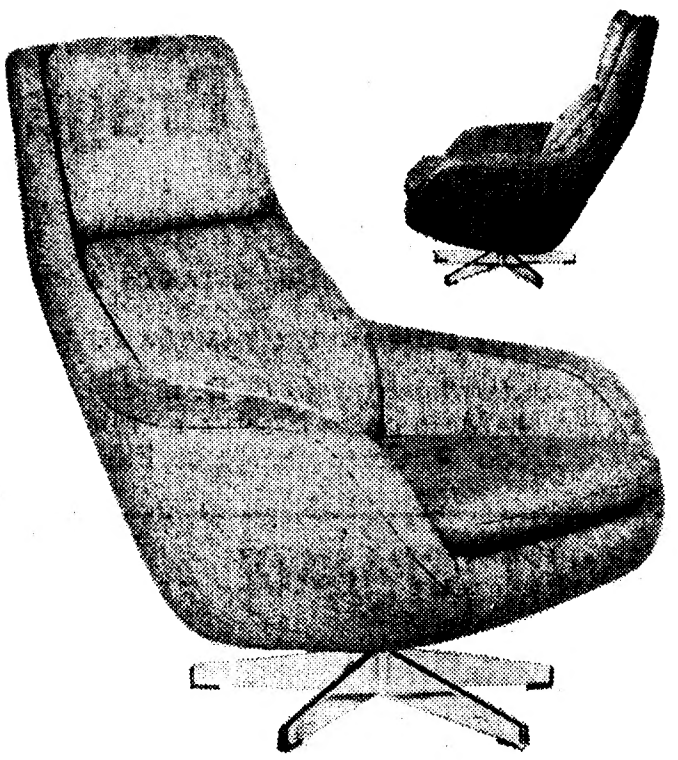
Devem ser pagas durante o corrente mês, as taxas correspondentes ás licenças de rádio e de televisão anuais com numeros terminados em **8 (oito)**, e semestrais em **6 (seis)** ou **7 (sete)**.

Este pagamento pode ser efectuado, até ás 18 horas, em qualquer estação dos Correios do continente ou ilhas adjacentes, na Tesouraria da Emissora Nacional — Rua Castilho, 30-A, em Lisboa, ou nos Emissores Regionais, ás horas normais de expediente.

Também até final deste mês podem ainda ser pagas na Emissora Nacional as taxas das licenças anuais com numeração terminada em 7, ou semestrais com numeração terminada em 4 ou 5, acrescidas de 25%. Decorrido este prazo, segue-se a cobrança através dos juízos fiscais.

Os vales de correio destinados ao pagamento de taxas, devem mencionar o numero da licença, sem o que serão recusados.

ETP 30



DOMUS

A NOBREZA DO DESENHO CONTEMPORÂNEO

É UMA CADEIRA SEEL

SELDEX SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO S. A. R. L.
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. DA LIBERDADE, 127-129 — LISBOA 2 — TELEFS. 324986 - 328671 - 327022

QUEM É O «TIO» THANG SUCESSOR DE HO CHI MINH

HONG-KONG — Ton Duc Thang o idoso vice-presidente do Vietnam do Norte, foi escolhido para sucessor do falecido Ho Chi Minh, no cargo de Chefe de Estado.

A escolha de Thang, tornada pública no mundo por notícia da Tass, num telegrama proveniente de Hanói, sugere aos especialistas que a «chefia colectiva» norte-vietnamiana optou por uma figura de compromisso, evitando assim que se enveredasse por rivalidades das várias facções.

O facto de Thang ser apenas membro do Comité Central do Partido Lao Dong (Partido dos Trabalhadores) e não do seu supremo Politburo vem em apoio dessa interpretação na medida em que se indica que Thang terá, sobretudo, um papel honorífico.

Além disso, o facto de ele ter já 81 anos, é considerado também uma evidência de que não se espera que Thang venha a exercer uma autoridade real em Hanói.

Até agora não há notícia nem indícios que façam crer que o poderoso cargo de Ho Chi Minh como Presidente do comité central do partido Lao Dong já terá sido preenchido. O primeiro-secretário do partido, Le Duan, é considerado o «primeiro entre os seus pares» e não um chefe claramente definido

A eleição de Thang pela assembleia nacional processou-se de acordo com os preceitos constitucionais, os quais prevêem a escolha de um novo presidente dentro dos 30 dias subsequentes à vacatura do lugar.

A assembleia elegeu também um vice-presidente: Ngruyen Luong Bang, membro do comité central, que foi embaixador em Moscovo, de 1952 a 1957 e que, desde então, tem ocupado um «lugar administrativo» em Hanói.

Segundo certos observadores, foi Ho Chi Minh quem escolheu Thang para vice-presidente, na expectativa de que após a sua morte Thang seria, como vice-presidente, o sucessor mais indicado.

Outras fontes dizem que Thang, sulista por nascimento, foi ecolhido para vice-presidente em 1960, como símbolo da unidade do Norte e Sul, numa altura em que a insurreição comunista do Sul começava a ganhar vulto.

■ BREVE BIOGRAFIA

Nascido no delta do Mekong na vila de Long Xuyen, Thang frequentou uma escola francesa em Saigão. Primeiro, quando estudante, depois, já trabalhador, Thang granjeou uma reputação de nacionalista convicto e fugiu para a França, em 1911, a fim de escapar á Polícia colonial.

Quando rebentou a I Grande Guerra, Thang alistou-se na marinha francesa. Em 1917, participou no motim (de inspiração comunista) do esquadrão naval francês enviado para o Mar Negro com o objectivo de ajudar a esmagar a revolução russa. Expulso do serviço, voltou a Paris onde trabalhou numa fábrica de automóveis.

Por STANLEY KARNOW
Exclusivo «The Washinton Post»-«D. L.»

Depois de 16 anos passados no estrangeiro, Thang regressou ao Vietnam, em 1927 e alistou-se na «Liga da Juventude Revolucionária» (fundada por Ho), cedo ascendendo a membro do comité central.

Em 1929, condenado pelos franceses como cúmplice num crime de homicídio político, foi exilado para Poulo Condole, uma ilha ao largo do Vietnam do Sul, reservada a prisioneiros políticos. Passou 15 anos nessa ilha.

Não se sabe se Thang foi libertado ou se fugiu da ilha. O que se sabe é que em 1946 estava actuando na área do Delta (Sul), como organizador do **Vietminh.**

Com uma aparência de estudioso e dotado de grande poder de persuação, Thang foi escolhido por Ho como o homem ideal para convencer as organizações nacionalistas não-comunistas do Sul a cooperarem com o **Vietminh.**

Daí a sua nomeação para o cargo de vice-presidente do **Lien Viet**, uma «frente» associativa, composta por vário grupos nacionalistas e religiosos, sob auspícios comunitas. Em 1955 quando a frente foi subustituida por uma associação semelhante «A Frente Patriótica», Thang ascendeu a presidente.

■ QUESTÕES POLITICAS

No decurso dos anos, entretanto, Thang sobraçou várias pastas no gabinete **Vietminh** e no Governo do Norte. Uma das suas funções mais importantes foi a de inspector-geral das questões políticas e administrativas do **Vietminh.**

Antes de vir a ser vice-presidente, em 1960, Thang foi, durante 11 anos, presidente do comité permanente da assembleia nacional, cargo agora ocupado por Truong Chinh, que figura no **Politburo** de Hanói logo a seguir a Le Duan.

É um dos estadistas mais velhos de Hanói — e também alcunhado de «Tio» — tendo feito frequentes viagens de propaganda á U. R. S. S. e á Europa de este.

Recebeu o Prémio Stalin Internacional da Paz, em 1955 e foi agraciado com a ordem de Lenine, a mais alta condecoração soviética, em Outubro de 1967.

Há quem diga que Thang simpatiza mais com os russos que com os chineses. Em 1962, por exemplo, quando Krutschev retirou os misseis de Cuba, evitando uma confrontação directa com os E U. A., Thang louvou-o, enquanto Pequim criticava o recuo soviético.

A idade avançada de Thang indica que a sua presidência será temporária e terá sido provávelmente decidida a fim de dar tempo a que os dirigentes norte-vietnamianos constituam as novas hierarquias.

RECTÂNGULOS DA VIDA

O REFORMADO

Parecia mais pequeno naquele dia, mais mirrado, mais velho. Muito mais velho do que habitualmente. Estava sentado à beira do maple, de sobrancelhas franzidas e sorriso amargo, e havia nele algo de quem se prepara para partir. E preparava-se, com efeito. Desde que ali se sentara, meia hora antes. A filha perguntou-lhe onde ia, sem curiosidade, simples demonstração de simpatia. «Aonde vai o pai a esta hora, com o frio que está?» Ele respondeu vagamente: «Por aí. Não sei. Vou dar uma volta. Ou queres que fique aqui sentado como um inválido? Não sou um inválido, felizmente. Ou serei?» Houvera uma certa agressividade na pergunta, nas perguntas. Como se ela, a filha, tivesse a culpa de ele estar ali, àquela hora em que nunca ali tinha estado.

Ela insistiu: «Porque não arranja um entretenimento qualquer? Porque não lê? Porque não faz uma colecção de selos para os pequenos? Eles ficavam contentíssimos». O velho, porém, encolheu os ombros. «E se não dissesses parvoices? Sei muito bem o que faço. Sempre o soube, a vida inteira. Achas que eu deixe [illegible] saber há uma semana? Achas?»

Pôs o chapéu — nunca saira à rua sem chapéu —, desceu a escada devagar, foi andando sem objectivo, deixou-se ir. O tempo estava fresco mas havia sol. Um lindo dia de Inverno como ele sempre gostara, não agressivo mas afectuoso, um leve abraço de sol envolvendo o corpo das pessoas. Atravessou uma avenida, a Avenida que atravessara diáriamente até há uma semana, e olhou para a velha gorda, de preto, esquecida da renda entre os dedos, e para o velho de jornal aberto e sem ler, ambos tranquilos e iluminados como que esquecidos da vida, vegetando. Começou a andar mais depressa, com medo, deixou-se ir, sem pensar, afastando os pensamentos ou afastando-se deles à velocidade dos seus passos já um pouco trôpegos. Quando deu por si estava à porta da repartição onde trabalhara a vida inteira até havia precisamente oito dias, data em que o haviam reformado.

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Nota do dia

NÃO HÁ QUE FALAR DE CULPAS

Aí TEMOS O NOVO ANO ESCOLAR. Nas sessões de abertura que por toda a parte se fazem é costume endereçar uma exortação aos estudantes, mostrando-lhes o caminho do dever que é também o caminho do seu próprio interesse, coincidência esta que nem sempre é sublinhada tanto quanto seria de vantagem. Mas não são apenas os jovens escolares quem tem de aprender, são também os mestres, são também os pais, são também todos e nós também os que procuramos por alguma razão acompanhar a evolução deste fenómeno sempre renovado das gerações que chegam a preparar-se para substituir as que se devem preparar para partir.

Muitas vezes a escola se encontrará a queixar-se da falta de preparação familiar com que os escolares se apresentam. E é certo, mas resta saber como e porquê. E muitas vezes os pais desabafam que as crianças vêm da escola cheias de vícios ou desvios de educação, agressivas, desrespeitosas, respondonas que é o que se chama a dor de alma. E têm razão, uns e outros têm razão. Têm razão porque a escola e a família não encontraram ainda o estilo adequado para fazer face a problemas novos de educação para que na verdade não estamos preparados.

A dificuldade de entender os problemas novos não é do nosso tempo porque é de todos os tempos. Mas é fora de dúvida que estes que hoje se nos deparam são de configuração e dimensões inteiramente novas, de nada valendo tentar ignorá-los, de pouco valendo tentar despojá-los de significação. Eles não são nossos porque evidentemente estão em toda a parte. Tanto estão em toda a parte que também estão junto de nós. E isso obriga-nos a todos, educadores, pais de família, observadores interessados da fenomenologia social que nos rodeia, a procurar a nossa contribuição.

O que primeiro parece preciso é uma atitude de compreensão. Isto não quer dizer condescendência, nem transigência, nem capitulação. Quer dizer apenas, primeiro, que as coisas existem e não as podemos negar. Quer dizer, depois, que precisamos nós, os que nos supomos responsáveis pela formação das gerações que vão chegando à vida, de ver como e em que medida é que podemos ainda intervir, afeiçoar, arredondar as dificuldades para não ser tudo áspero, farpado, tudo debruado a arestas vivas onde os choques são mais dolorosos e as dores mais difíceis de sarar.

Se fôssemos a falar de culpas nunca mais nos entenderíamos, porque a atitude fácil e mais corrente é a de as assacarmos uns aos outros. E daí, qual a vantagem? Porque a verdade é que o que se observa, que nos desagrada e para que não estamos preparados é o produto evidente de uma transformação social, com tudo o que isso comporta, moral, costumes, o que está longe de ser novidade porque é da História e é de todos os tempos. A única diferença é que, no nosso tempo, veio tudo num tropel, tudo de repente, como no frémito de um desabamento.

Se a palavra revolução não tivesse chamado a si desvirtuações semânticas de uma banda só, pois diríamos simplesmente que é a isso mesmo que estamos a assistir. Ora, a verdade é que a História dos povos, a da civilização em todos os tempos se faz correntemente ao ritmo da evolução, evolução lenta, sim, mas teimosa e sistemática. De repente há grandes coisas na vida dos povos, há o período dos Descobrimentos, há o dar a volta ao mundo, há um James Watt que domina e utiliza a força do vapor. E nos nossos dias quantas coisas novas e com que ritmo elas nos aparecem?

A possibilidade de utilização de meios condiciona todos os mecanismos do nosso comportamento. Nós somos todos consoante o que nos rodeia. Nos nossos dias as coisas novas estão a chegar novas todos os dias com a força que nós sabemos. Como é que as sociedades hão-de reagir com esse afluxo de novidades, esse afluxo de meios que alteram tudo para que estávamos preparados? Os que já estávamos onde estamos, que remédio, vamos a querer continuar como aprendemos. Os que chegam não percebem nada do sentido que foi o nosso. E é disso que se queixam. Eles não podem ser do nosso tempo. E nós não sabemos ser do tempo deles.

EXTERNATO INFANTIL E PRIMÁRIO
A ÁRVORE
Tr. do Oleiro, 11 (a S. Bento)
LISBOA
ABERTO DAS 8.30 ÀS 19.30 H
Preços normais, que incluem:
Actividades artísticas ● Matemática moderna ● Iniciação ás Ciências e á Musica ● Meios audiovisuais ● Inglés diário ● Ginástica e jogos no jardim
Telef. 69 05 86, das 15 ás 19.30 h.

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 950232
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sábado, dia 4, a nossa Sala «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO» se encontram reservadas para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se no entanto na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.
A DIRECÇÃO
Agradecemos que as reservas de mesas para os Jantares sejam feitas até ás 19 horas.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Acampamento do Outono promovido pelo C. C. L.

Realiza-se no próximo fim de semana o grande acampamento do Outono, promovido pelo Clube de Campismo de Lisboa, no seu Parque da Costa de Caparica.

Apesar do estado incerto do tempo, o grande entusiasmo com que nos meios campistas se aguarda este acontecimento faz prever uma grande afluência já a partir de hoje, devido à noite de «Música e Poesia», anunciada no programa.

A C. P. PROPÕE-SE CRIAR UMA COMISSÃO DE RELAÇÕES HUMANAS

O Conselho de Administração da C. P. promoveu a realização de duas reuniões com os quadros superires e médios da empresa, no sentido de fomentar um maior contacto entre a administração e o seu pessoal e de frnecer esclarecimentos sobre a situação e os problemas mais importantes que se encontram em curso.

Estiveram presentes á primeira reunião, além dos membros do Conselho de Adminisração e do Conselho Fiscal, o director-geral, o director da exploração e seu adjunto e os chefes das regiões, dos diversos departamentos, ... grupos oficinais

A segunda reunião teve um carácter mais amplo, e a ela assistiram cerca de 250 pessoas pertencentes aos quadros superiores e médios de todos os serviços, bem como os dirigentes dos sindicatos que representam o pesscal da empresa.

Em ambas as reuniões, o presidente do Conselho de Administração, dr. Neto de Carvalho, fez uma exposição em que apontou a necessidade de mais frequentes contactos entre a administração e os serviços e entre os diversos sectores dos serviços, entre si, bem como de uma informação ampla, tanto no sentido ascendente como no descendente, ligada aos principais problemas da empresa, em especial aos que maior interesse revistam para o pessoal; indicou os meios que podem facilitar este tipo de comunicação no âmbito da empresa e as dificuldades que se lhe opõem dada a extensão e a dispersão dos serviços; e esclareceu que era intenção do Conselho de Administração criar, na Companhia, uma comissão de relações humanas, para começar a funcionar dentro em breve.

Em seguida abordou direcamente algumas das questões que maior importância revestem de momento, nomeadamente a siuação juridica da empresa; os estudos em curso para sua modernização, objectivos a atingir nos aspecos técnicos e de reorganização interna e meios de acção disponiveis; a situação financeira da empresa; e, por fim, os prblemas relativos á gestão do pessoal e á revisão do acual acordo colectivo de trabalho, na sequência dos benefícios concedidos a partir de Janeiro ulimo, cujos encargs totalizaram 148000 contos anuais.

A este respeito, acrescentou que a administração não pretende que o actual acordo colectivo de trabalho seja um ponto de chegada que estabilize, por longos anos, a situação do pessal, mas antes um ponto de partida para uma actuação dinâmica da empresa, dentro do impulso de mdernização que lhe está sendo dado, com o auxílio do Governo, através dos diversos Planos de Fomento. Esa prespectiva deve assentar, todavia, em ganhos de produtividade, para o que se torna necessário que ao esforço da administração corresponda a colaboração do pessoal na execução dos programas que estão a desenvolver-se e cujos bons recultados são indispensáveis para a melhoria da situação de odos, pis é do trabalho conjugado de todos que dependerá tudo quanto de esável e progressivo se consiga alcançar.

No final da exposição inicial houve, em ambas as sessões, largas trocas de impressões sobre os problemas apresentados nas quais intervieram muitos dos presentes, o que permitiu o melhor esclarecimento dos problemas abordados.

AVISO

O IMPOSTO COMPLEMENTAR está a pagamento no corrente mês.
Contactando-nos já, poderá pagar o seu imposto em 12 mensalidades suaves.
Peça um impresso explicativo deste serviço que o Banco criou para si.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

Em VILA VIÇOSA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por TIBÉRIO RAMOS – Rua Dr. Oliveira Salazar, 51.

VASCO MORGADO
apresenta

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa

HOJE
Às 21 e às 23 h.
(ADULTOS)

RAUL SOLNADO

NUMA HISTÓRIA ONDE SE PROVA
QUE AMAR É DIVERTIDÍSSIMO

Amor às riscas

UMA PEÇA DE «SUSPENSE CÓMICO»

INAUGURAÇÃO DA NOVA ÉPOCA
NO **EUROPA**

A COLUMBIA tem a honra de apresentar uma das suas melhores produções, que foi especialmente seleccionada para abrir a temporada deste cinema.

TOM COURTENAY
O idealista de "O DOUTOR JIVAGO"

ROMY SCHNEIDER
A estrela de "A PISCINA"

ROMY SCHNEIDER – Ainda mais bela e atraente... ensina a TOM COURTENAY alguns "truques" da profissão! ADULTOS

COLUMBIA PICTURES e CARL FOREMAN apresentam
Uma produção de Bruce Cohn Curtis
Um Filme

ESPIÃO POR ACIDENTE
(OTLEY)

com
ALAN BADEL · JAMES VILLIERS · LEONARD ROSSITER · JAMES BOLAM
FIONA LEWIS
MUSIC. STANLEY MYERS · ARGUMENTO IAN LA FRENAIS & DICK CLEMENT
BAC NA NOUVELLE "Otley" by MARTIN WADDELL · PRODUT EXECUT. CARL FOREMAN PRODUC. DE BRUCE COHN CURTIS
REALIZ. DE DICK CLEMENT · COLUMBIACOLOR

Surpreendente, fresco, alegre, moderno, agradável, diferente de tudo!

HOJE às 21.30 ESTREIA NO **EUROPA**

SALVADOR

JOSÉ VIANA

MARIEMA

BARROSO LOPES

DORA LEAL

VITOR MENDES

HOJE ESTREIA

MARIA VITÓRIA

Às 20.45 e 23 h.

GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO
APRESENTAM A NOVA REVISTA

ESPERTEZA SALOIA
(ADULTOS)

Original de ANÍBAL NAZARÉ, SALVADOR E JOSÉ VIANA, com música de JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS

- UM ELENCO SENSACIONAL COM
- SALVADOR • JOSÉ VIANA
- MARIEMA
- BARROSO LOPES • DORA LEAL

- Vitor Mendes
- Mariano Franco
- Dina Maria
- Cristina Cassola
- Um formoso grupo de jovens actrizes

O solista da guitarra portuguesa
FRANCISCO CARVALHINHO

A ATRACÇÃO NACIONAL
HELENA TAVARES

A ATRACÇÃO FILIPINA
«THE MELODIES»

A atracção nacional
HELENA TAVARES

A atracção filipina
«THE MELODIES»

- As bailarinas inglesas do GRANDE «BALLET» INTERNACIONAL viajaram em aviões da TAP

AULAS DE BAILADO

A escola de ballet dirigída pela professora Wanda Ribeiro da Silva, reabre as suas actividades no próximo dia 6 de Outubro. Funcionam como habitualmente, as classes de Ballet, Movimento, Dança Moderna, Educação Musical e Flauta de Bisel, a cargo das professoras Ana Pereira Caldas, Maria Josefina Pinto, Graziela Cintra Gomes, Fernanda Prim e Marlene Forster. As inscrições estão abertas na secretaria da escola, Praceta Pascoal de Melo, 5-1.º, Esq.º, todos os dias úteis das 17 ás 20 horas.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA
ALTA FIDELIDADE
ESTEREOFONIA
Rua Rodrigo da Fonseca, 31, 1.º
Telef. 43464 — LISBOA

COLISEU

HOJE, AS 21.30
(Maiores de 6 anos)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
Números de sensação
PALHAÇOS

AMANHÃ
À TARDE, entrada gratuita ás crianças até 10 anos
À NOITE podem assistir crianças a partir dos 6 anos

VASCO MORGADO apresenta o TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol em

«A MAÇÃ»

de Jack Gelber
só até Domingo no

TEATRO LAURA ALVES

Hoje, às 21 e 45 h. (Adultos)

Intepretação de Vítor Ribeiro, João Vasco, Zita Duarte, António Marques, Augusto Leal, Céu Guerra e Santos Manuel. Cenário de Espiga Pinto. Encenação de Carlos Avilez. Tradução de Mário Delgado. Subsídios do Fundo de Teatro • Fundação Calouste Gulbenkian

ESTUDANTES
— 50 % DESCONTO

Amanhã e Domingo à tarde, às 16 h.

O CARTAZ LUMINOSO DA CIDADE
CONTINUA A SER
A REVISTA
DOS
PARODIANTES DE LISBOA
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO
NO

MONUMENTAL

T. 55 51 33 (ADULTOS)
2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
Domingo à tarde às 16 h.

4.º MÊS

AS MAIS LINDAS MULHERES
A MAIS BELA MÚSICA
NUMA SUMPTUOSA PRODUÇÃO MUSICAL AO NÍVEL INTERNACIONAL

CAMILO FLORBELA
OCTÁVIO DELFINA
AS ATRACÇÕES
PAULA RIBAS
RUI DE MASCARENHAS
e um CORPO DE BAILE com 28 FIGURAS

UM ÊXITO INDISCUTÍVEL!

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO S. JORGE

TÍTULO — «O Diabo à Solta» («Le Diable par la quee» — 1968).

UM FILME DE PHILIPPE DE BROCA

REALIZAÇÃO: Philippe de Broca.
INTÉRPRETES: Yves Montand, Maria Schell, Jean Rochefort, Madeleine Renaut

As qualidades dos filmes de Philippe de Broca são já conhecidas. A espontaneidade, a nota anárquico-libertina, o romantismo ténu o humor insólito, são elementos que se transferem de obra para obra. Desde que encontrou um argumentista de talento em Daniel Boulanger Broca foi acentuando certas características: a tipificação das personagens num certo jeito surrealista, o gosto por espaços circunscritos (uma vila, um palacete) onde os grupos evoluem, o culto do espanto, da magia e da ingenuidade. Isto era o essencial de «O Rei dos Loucos». Mas repete-se em «O Diabo á Solta». Contudo, se «O Rei dos Loucos» tinha uma ideia unificadora e totalizante que articulava os vários factores em jogo, o filme agora estreado não chega nunca a obter o devido ajustamento das suas peças essenciais. Os ingredientes mantêm-se, mas o segredo da sua combinação parece perdido. E o resultado é uma perigosa oscilação entre o lugar-comum quase piegas, o gag já estafado e o lirismo em série. Mesmo se «O Diabo á Solta» tem inegáveis momentos positivos (de riso, de valor poético), constitui, na verdade uma decepção.

Entre os intérpretes, a par de um Yves Montand não muito convincente e de uma Maria Schell claramente envelhecida, temos Jean Rochefort num bom nível e sobretudo Madeleine Renaut na criação de uma figura bastante curiosa.

«O Diabo á Solta» mesmo no plano da produção meramente comercial, é um filme sem grande força nem invenção.

☆

EM COMPLEMENTO: Um documentário canadiano e um excelente desenho animado da série da Pantera.

• NO OLÍMPIA

TÍTULO — «Ódio por ódio».

REALIZAÇÃO — Domenico Paolella, 1968 (Itália).

INTÉRPRETES — António Sabato, John Ireland, Fernando Sancho, Nadia Marconi, etc.

O cinema Olímpia reabriu na passada terça-feira as suas portas para a nova época de estreias, projectando «Ódio por Ódio», um **western** italiano assinado por Domenico Paolella. Com base numa intriga passada no México, numa das suas múltiplas revoluções (aqui o general Carranza), «Ódio por Ódio» não passa de uma produção muito mediocre, que repisa episódios e situações já muito glosadas. Não é, portanto, desta vez que aconselhamos o leitor a descer até á popular sala da Rua dos Condes. Continue porém, atento que obras de interesse ali se anunciam. A ver vamos...

L. A.

Espectáculos de Ópera promovidos pela F. N. A. T.

Em prosseguimento da sua obra de divulgação de espectáculos de ópera, o Teatro da Trindade (F. N. A. T.) vai realizar no corrente mês uma série de espectáculos, em algumas cidades da província, com a Companhia Portuguesa de Ópera do Teatro da Trindad (F. N. A. T.).

No Porto, será apresentada no dia 9 a ópera «Werther», de Massenea, e no dia 16 as óperas (em 1 acto) «Cambiale di Matrimónio», de Rossini e «Amélia vai ao Baile», de Menotti.

Estes espectáculos serão realizados no Coliseu do Porto.

Nos dias 2 e 24, efectuam-se espectáculos na Covilhã, no Cine-Teatro daquela cidade, com as óperas «Traviata» e «Werther», respectivamente.

Nos dias 30 e 31, no Teatro de Gil Vicente serão apresentadas as óperas «Werther» e igualmente as óperas «Cambiale di Matrimónio e «Amélia vai ao Baile».

ANA DOS PASSOS NO CASINO ESTORIL

No Casino Estoril inaugura-se amanhã, ás 19 horas, a exposição de pintura da artista Ana dos Passos, a qual se encontrará patente ao público até ao próximo dia 12.

MAG BODARD APRESENTA

estúdio 444

As 15.30 - 18.30 - 21.45

UNANIMIDADE ENTRE O PÚBLICO E A CRÍTICA: UM FILME NOTÁVEL!

CLAUDE RICH
OLGA GEORGES-PICOT

3ª SEMANA

AMO-TE, AMO-TE!

20th Century-Fox

Um filme de ALAIN RESNAIS

Com ANOUK FERJAC

ARGUMENTO JACQUES STERNBERG

ADULTOS

TEATRO DA TRINDADE

Todas as noites às 21h30 até 4 de Outubro de 1969

SILVA VICENTINA

(recolha de textos de Gil Vicente em forma de revista popular)

Pelo Proscenium, do Sindicato dos Profissionais de Escritório

Direcção: PEDRO LEMOS (M/ 12)

GRANDIOSAS CORRIDAS DE TOIROS

No mais castiço praça de toiros de Portugal

DOMINGO, 5 (As 16.30 h.)
CAVALEIROS
Manuel Conde
David R. Telles
Frederico Cunha
e o amador
J. L. Sommer d'Andrade
FORCADOS
Amadores de Lisboa
cabo: Salvação Barreto
Amadores de Évora
cabo: J. Nunes Patinhas
7 TOIROS DE
J. M. Andrade
e Ernesto de Castro
(M. 6 anos)

2.ª-FEIRA, 6 (ÀS 16.30)
CAVALEIROS
Gustavo Zenki
Fernando Andrade Salgueiro
ESPADAS
José Júlio
Mário Coelho
FORCADOS AMADORES
Académicos de Vila Franca de Xira
cabo: Miguel Palha
8 TOIROS DE
Lima Monteiro
e João Ramalho
(M. 6 anos)

3.ª-FEIRA, 7 ÀS 21.45 h.)
CAVALEIROS
Mestre Batista
L. M. da Veiga
ESPADAS
José Júlio
José Falcão
FORCADOS
Amadores de Lisboa
cabo: Salvação Barreto
4 TOIROS DE
Francisco de Goes
4 TOIROS DE
José Lupi
(M. 12 anos)

4.ª-FEIRA (M. 6 anos) dia 8, ás 16.30 h.
GRANDIOSO FESTIVAL DE HOMENAGEM AOS CAMPINOS DO RIBATEJO

TODOS OS DIAS EMOCIONANTES ENTRADAS DE TOIROS

BILHETES À VENDA: Ag. ABEP, Restauradores; Tabacaria Freitas, R. 1.º de Dezembro, 85; e em Vila Franca de Xira, telef. 001322087

SPITZE E COUVREUR LDA.
ENGENHEIROS
(SUCURSAL DE ENG.º ADOLFO SPITZE)

TEVE O PRAZER DE EXECUTAR PARA A

COVINA

OS PROJECTOS DE ESTABILIDADE E BETÃO ARMADO DE

— EDIFÍCIO COVINA (Av. Liberdade)
— FÁBRICA DE VIDRO NOVA MELTER
— FÁBRICA DE VIDRO IMPRESSO
— FÁBRICA DE VIDRO TEMPERADO
— OFICINAS MECÂNICAS E AMPLIAÇÃO DE ESCRITÓRIOS

E AS EMPREITADAS DE CONSTRUÇÃO CIVIL DE

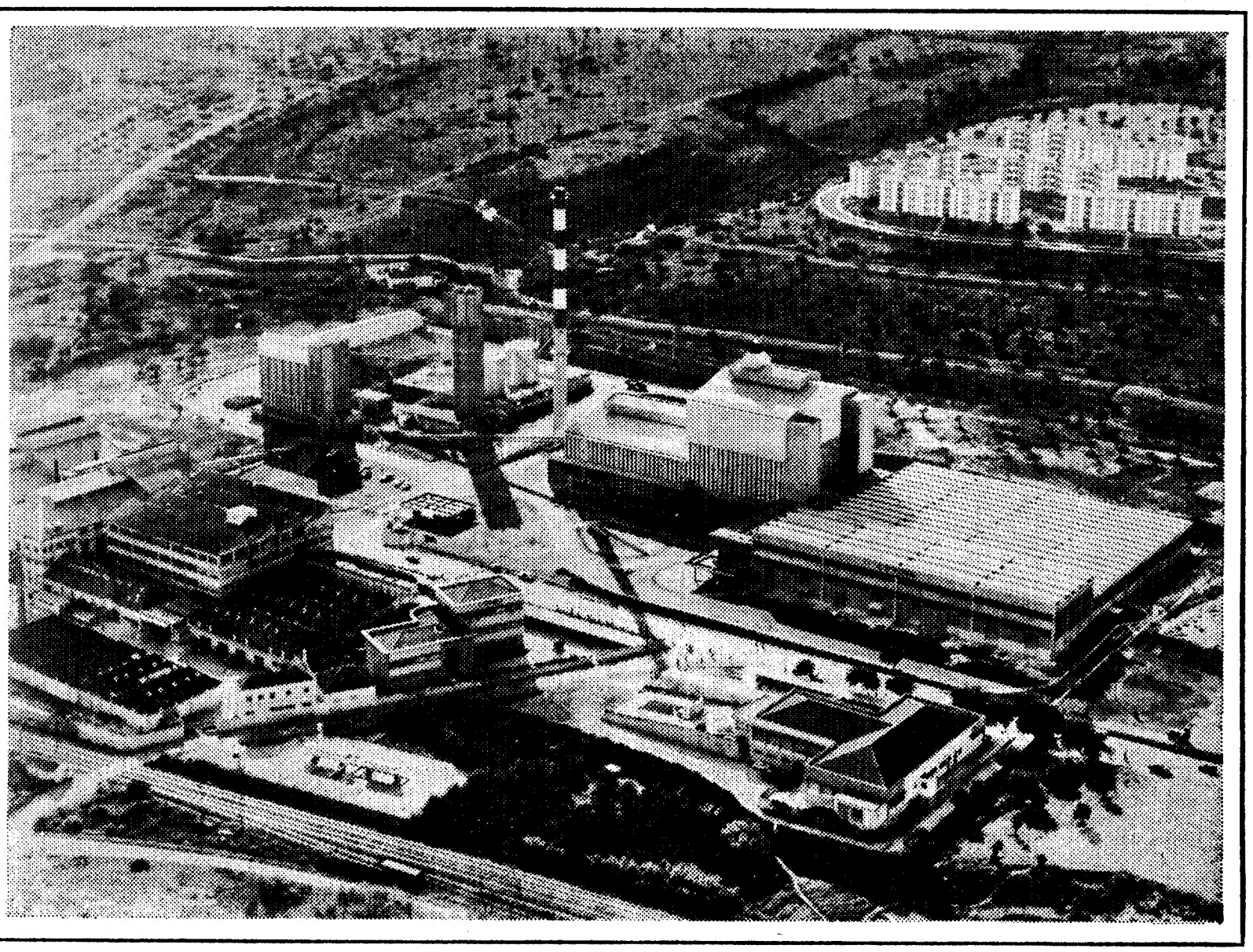
— FÁBRICA DE VIDRO NOVA MELTER
— FÁBRICA DE VIDRO TEMPERADO
— FÁBRICA DE VIDRO IMPRESSO (Ampliação)
— RESERVATÓRIO ELEVADO DE ÁGUAS
— OFICINAS MECÂNICAS E AMPLIAÇÃO DE ESCRITÓRIOS
— ARRUAMENTOS DO BAIRRO SOCIAL (1.ª FASE)
— FOSSA DE COLADA DA FÁBRICA PITTSBURGH

SPITZE E COUVREUR LDA.
CONSTRUÇÕES CIVIS E INDUSTRIAIS
GABINETE DE ESTUDOS
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 21-4.º Dt.º, Lisboa
Tel. 54319/54373

indubel

VIFIBRAS

Colaboraram na execução das coberturas em cascas HP da nova unidade fabril da COVINA Companhia Vidreira Nacional, S. A. R. L.



COVINA

NOVAS INSTALAÇÕES FABRIS

Com a presença de Sua Excelência o Chefe do Estado, inaugura amanhã a COVINA — Companhia Vidreira Nacional, SARL., em Santa Iria da Azóia, entre outras, uma importante unidade industrial para o fabrico de chapas de vidro, de grandes dimensões e fortes espessuras, pelo sistema PITTSBURGH, enriquecendo assim a actividade económica do País.

A capacidade de produção da nova unidade, que é de 6 000 000 m2 anuais, eleva as possibilidades de produção de chapa de vidro a cerca de 11 000 000 m2 anualmente, ou seja o quádruplo do consumo nacional.

Tão jubiloso acontecimento dá à COVINA o ensejo de agradecer a todos os técnicos, seus colaboradores, fornecedores e clientes, que contribuiram para que o País fosse dotado de empreendimento que tanto honra o esforço humano.

covina-companhia vidreira nacional, s.a.r.l.

HÁ PESCAR E PESCAR, HÁ PERDER E GANHAR

[Continuação da 2.ª página

membres de l'O. C. D. E. 1968).

«De resto, num país como o nosso em que, na construção dos navios pouco mais do que a mão-de-obra é nacional, sendo o equipamento e os outros materiais importados, não é acertado que se ponham fora de serviço sem necessidade embarcações em condições satisfatórias de funcionamento para as substituir por outras com avultado dispêndio de divisas.

«Acresce que, apesar de tudo quanto se tem dito, a pesca no nosso País, como aliás nos outros, é uma indústria pobre e, ao contrário dos outros países produtores, não recebe subsídios e, entre eles, um que muito contribui para a substituição dos navios: o que é pago ao armador quando abate a sua unidade.

«Podemos afirmar que com o desenvolvimento do mercado de peixe congelado que está a verificar-se no nosso País, já temos uma das mais elevadas capitações internacionais de consumo de peixe congelado, e que apesar dos enormes consumos das outras espécies de peixe e da evolução da técnica, estão sendo transformados alguns dos navios com conservação de peixe pelo gelo em arrastões congeladores.

«No entanto, a transformação não pode ser brusca nem total porque os consumidores estão habituados ao chamado «peixe fresco» e à variedade das espécies provenientes dos mares de Cabo Branco.

«Além das transformações em curso na frota existente, entraram ao serviço, em 1967, cinco modernos arrastões congeladores, que exercem a pesca nas águas da África do Sul. Estas modernas unidades são mais do que suficientes para assegurar o abastecimento nacional com pescada congelada desses mares e, logo que o consumo desta aumente, ou serão para lá enviados alguns navios que estão actualmente a ser transformados em congeladores, ou serão construídos novos navios.

«Esses navios congeladores de pesca pela popa que custaram 200 mil contos têm uma capacidade de carga de cerca de 500 toneladas cada. Não se optou por navios de maiores dimensões, duplas ou triplas, porque nessa hipótese só dois ou três seriam necessários para o abastecimento nacional e se se desse uma interrupção no exercício da pesca de uma dessas unidades, a carência no abastecimento seria muito elevada.

«As premissas que condicionam o armamento em países de grande população — como a Rússia de mais de 200 milhões de habitantes e a própria Espanha com uma população tripla da nossa — não são, de resto, integralmente aplicáveis ao nosso País.

«Com efeito, para o abastecimento de mercados de elevada capacidade, o funcionamento racional de grandes unidades está indicado, mas não é esse o nosso caso.

«Acresce que a pescada congelada, proveniente da África do Sul, não tem mercado internacional. Só dois países é que a consomem em grandes quantidades — a Espanha e Portugal. Esta situação não permite, pelo menos por enquanto, planear uma frota com produções excedentárias, contando com exportações imaginárias e, portanto, incertas.

«Também em relação à Espanha a nossa situação é diferente. Os nossos territórios ultramarinos, designadamente Moçâmedes, em Angola, constituem bases para a armazenagem de peixe e para o seu transbordo para a Europa em navios de comércio com câmaras frigoríficas. Os espanhóis, não têm, como se sabe, situação comparável. Precisam de se servir das instalações da África do Sul, que são insuficientes, e cujos custos, tanto de conservação como de transporte, carga e descarga, são muito elevados.

«Ao contrário do que se diz, a frota de arrasto assegura perfeitamente o abastecimento público.

«Afirma-se, por vezes, que diminuiu o abastecimento mas não se refere publicamente que noutros períodos do ano há peixe a mais, que não encontra comprador e que deixa de ter consumo humano.

«O peixe fresco proveniente do arrasto do alto não encontra, em regra, mercado externo e seria anti-económico planear uma frota que assegurasse sempre o máximo da quantidade necessária nos pequenos períodos em que as condições climatéricas ou outras não permitem uma pesca regular.

«Aliás, hoje, o problema do abastecimento, sob este aspecto, não tem gravidade nem sequer uma incidência apreciável sobre os preços. Sucede assim, porque o peixe congelado, designadamente a pescada da África do Sul, de que há sempre «stocks» assegura a regularidade do mercado.

«Se o comprador encontra menos variedade de outras espécies, pode sempre recorrer ao peixe congelado que não falta nos locais de venda.

«Também não é costume falar-se nas dificuldades que esta pesca tem atravessado, quer em consequência do agravamento extraordinário do custo dos navios e das reparações, quer do aumento de mão-de-obra, quer ainda das menores capturas resultantes do alargamento das águas jurisdicionais que nos impediram, no exercício dos nossos direitos históricos, de continuar a exercer a pesca em zonas ricas.»

PESCA DO ATUM

«A captura do atum era tradicionalmente exercida no Algarve por meio das armações fixas. Esta captura tem vindo a declinar nos últimos anos, apesar das substanciais ajudas financeiras para a sua modernização, talvez em consequência da intensificação da pesca atlântica e os resultados têm sido ruinosos.

«Este ano, a partir de Junho, quase inesperadamente, começaram, porém, a entrar atuns, em quantidades apreciáveis, nas poucas armações ainda existentes.

«Uma relativa abundância, depois de um período de escassez quase total, fez cair os preços verticalmente. Segundo o inquérito da Capitania do Porto de Vila Real de Santo António, no início da campanha, o atum vendia-se a 29$00/kg. e quando começou a entrar nas armações, o seu preço desceu para 7$00/kg. e a tendência ainda era para baixar.

«Este preço de maneira nenhuma cobria os encargos directos das armações, pois era verdadeiramente ruinoso e estava muito abaixo de todas as cotações internacionais. De facto, nessa época, o atum estava a ser vendido, por exemplo, em Vigo, a 43 pesetas — ou seja, cerca de 17$00/kg.

«Como no Algarve não havia instalações de congelação e conservação frigorífica para o atum, algumas quantidades foram compradas de acordo com a lei, por avaliação, ao preço de 10$00 o quilo e transportadas para Lisboa, onde foram congeladas e armazenadas, ficando o produto, depois de preparado, à disposição da indústria de transformação.

«A medida tomada — com a qual se pretendeu também especular — foi, afinal, perfeitamente razoável e em defesa dos legítimos direitos dos trabalhadores e dos proprietários das armações e evitou, sim, uma especulação que se estava a fazer, pois os compradores do atum a 7$00, conforme foi averiguado no referido inquérito, transaccionavam-no a retalho a preços que atingiam os 28$00...

«Como se considera que as armações do atum se encontram ultrapassadas e não voltarão aos tempos gloriosos do passado, está planeado, e em execução, o desenvolvimento de uma frota oceânica do atum e a construção de bases portuárias e frigoríficas nos territórios portugueses situados próximo dos locais de pesca.

«Já foram construídos 6 tuna-clipers, 3 dos quais estão a exercer a sua actividade em S. Tomé e Angola e os outros 3 em Cabo Verde.

«Está planeada, além disso, a construção de 6 navios mais pequenos, principalmente, para a pesca do atum, no arquipélago dos Açores, e ainda de 6 grandes congeladores oceânicos.

A pesca artesanal constitui um factor económico de importância para o País: 400 000 contos em 1968

«As pescas locais constituem hoje um importante factor económico no país, tanto sob o aspecto social e económico, como de abastecimento das populações em peixe de alta qualidade.

«O valor do peixe proveniente desta pesca rondou pelos 400 000 contos em 1968.

«O número total destas embarcações é de 9881, das quais 2762 já se encontram motorizadas, mas se o número das não motorizadas é ainda muito mais elevado a tonelagem revela um índice oposto: com efeito, as 7119 embarcações não motorizadas têm um total de 8247 toneladas e as 2762 motorizadas atingem nada menos de 14 680 toneladas.

«São estas últimas que exercem activamente a pesca. As outras têm uma utilização precária e, progressivamente, serão substituídas pelas motorizadas ou abatidas.

«Mas, o seu desaparecimento, pelo menos nas estatísticas, será menos rápido do que se podia prever porque são embarcações de pequeno valor, muitas delas propriedade individual de pescadores que exercem a sua actividade noutras pescas como, por exemplo, a da sardinha e a do bacalhau e que só, acidentalmente, as utilizam.

«A motorização deve-se, em grande parte, aos financiamentos que foram feitos — 1632 empréstimos — num total de 31 665 contos, em condições favoráveis de juro e de amortização, pelo Fundo de Renovação e de Apetrechamento da Indústira da Pesca.

«A tendência, com os meios postos á disposição dos pescadores e em face da evolução da pesca e do nível de vida é para em prazo relativamente curto, todas as embarcações artesanais, verdadeiramente operacionais serem motorizadas.

«No entanto, um dos argumentos de que se servem as pessoas que não conhecem bem os assuntos da pesca para afirmar que as nossas frotas de pesca se encontram ultrapassadas e obsoletas é o número muito elevado de embarcações de pequena tonelagem.

«Ignoram ou esquecem, porém, essas pessoas, que situação similar existe em países fortemente industrializados, como o Canadá, Inglaterra e outros. Assim, no Canadá, de um total de 54 751 embarcações, 50 554 eram de menos de 0 toneladas; os Estados Unidos tinham 64 604 embarcações até 5 toneladas; na Inglaterra havia 5883 embarcações de menos de 12 metros das quais 206 á vela e na Noruega havia 13 429 embarcações com menos de 6 metros e 18 207 de 6 a 9 metros. (Confrontação da Política Nacional das Pescas — OCDE — 1968).

«A pesca artesanal merece ser ajudada e desenvolvida pois assegura peixe fresco de alta qualidade, emprega meios de produção necessitando de pequenos investimentos quase exclusivamente despendidos em Portugal, pois os materiais de construção são aqui adquiridos e só os motores são importados; aliás a protecção ás pescas artesanais é praticada em todo o Mundo — e tem em vista dar aos pescadores a propriedade dos meios de produção — política esta que se reveste de um alto sentido social.

«O valor comercial proveniente da pesca artesanal seria muito mais elevado se a sua exportação fosse livre pois tem preços internacionais muito altos e grande procura.

«As restrições á exportação baseiam-se não só na necessidade de assegurar aos portugueses bom peixe, a preços razoáveis, como também de abastecer os hotéis e restaurantes com essas espécies muito apreciadas, como se sabe, pelos turistas estrangeiros».

COMENTÁRIO

1 — «*Dispomos, realmente, de peixe de alta qualidade, mas relativamente pouco abundante*» — assim escrevem os Grémios na sua carta. E eu respondo: mas permite-se, por falta de fiscalização que as nossas águas sejam pilhadas pelos arrastões estrangeiros, nomeadamente franceses e espanhóis.

2 — «*Ainda recentemente um dos navios da frota, cujos porões e refrigeração tinham sido inteiramente renovados e se encontravam nas melhores condições de funcionamento, teve uma percentagem excessiva de inutilizações...*» Certo: há espécies de maior resistência do que outras. As de maior resistência são as de escama (pargo, corvina, garoupa, etc.) e as mais pescadas são quase sempre as de menor resistência. Além disso, se a viagem de Lisboa aos pesqueiros de Cabo Branco é de seis dias e as águas onde a pesca é exercida são quentes, há que lutar contra a demora e a adversidade climatérica.

3 — Os cinco arrastões congeladores que exercem a pesca nas águas da África do Sul pertencem a quatro empresas que são associadas da Gel-Mar — a única empresa privada que comercializa a pescada congelada no País.

4 — Sobre o caso do atum do Algarve («com o qual se pretendeu também eespeculaar»), os Grémios afirmam que a medida tomada «foi, afinal, perfeitamente, razoável». Conclui-se, portanto, que não foi razoável a atitude que tomaram os industriais e as autoridades administrativas ao dirigirem-se imediatamente ao Governo, pedindo-lhe providências

A. E. P.

†

MIGUEL BRAGA LEITE DE FARIA

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA

Maria Helena Santos Lima Leite de Faria, Miguel José Santos Lima Leite de Faria, mulher e filhos, Gonçalo Rodrigo Santos Lima Leite de Faria e mulher, António Leite de Faria e mulher, Frei Francisco Leite de Faria, José Leite de Faria (ausente), Luís Leite de Faria (ausente), Teresa Leite de Faria, Álvaro Oliveira dos Santos Lima e mulher, José António Oliveira Santos Lima e mulher, Rodrigo de Oliveira Santos Lima e mulher, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença no passado dia 28 o seu marido, pai, sogro, avô, irmão e cunhado e que se celebrará missa do 7.º dia na Sé Patriarcal de Lisboa Sábado, dia 4 ás 12 horas.

P. N. A. M.

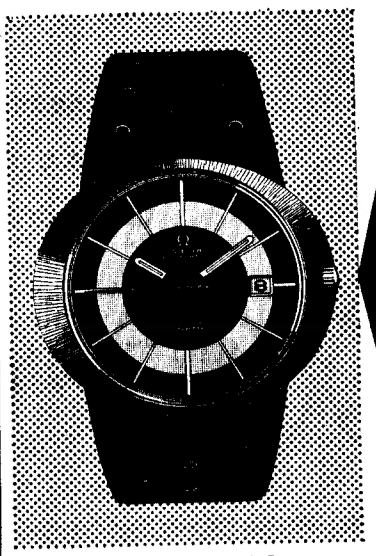
CAMINHOS DE FERRO

BEJA, SALVADA E CABEÇA GORDA

Comunica-nos a C. P. que desde o dia 1 do corrente todas as estações de caminho-de-ferro despacham mercadorias, incluindo pequenos volumes, para Beja (cidade), Salvada e Cabeça Gorda.

Por seu turno, nas localidades de Salvada e Cabeça Gorda, onde existem Despachos Centrais, e na cidade de Beja, onde existe também Despacho Central e serviço a domicílio, expedem-se igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho-de-ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



DYNAMIC
Ω
OMEGA
Apresentado na
AGÊNCIA OFICIAL
Relojoaria
MAURY

Rua Áurea, 202 LISBOA

Actualidade internacional

HÁ VINTE ANOS A CHINA

Em 1 de Outubro de 1949, há precisamente vinte anos, o Partido Comunista Chinês, dirigido por Mao Tsé Tung, proclamava em Pequim a República Popular da China. Em 8 de Dezembro desse mesmo ano, o general Chang-Kai-Chek, dirigente nacionalista apoiado pelos norte-americanos, refugiava-se na Formosa.

A primeira fase da luta pela construção do socialismo na China atingia o seu termo. Trinta anos após o movimento anti-imperialista de 4 de Maio de 1919, que esteve na origem da criação dos primeiros círculos marxistas em Pequim, em Xangai e em Nanquim. Vinte e oito anos depois da fundação do Partido Comunista Chinês.

1789, 1917, 1949: entre esta três datas, a ultima não é a menos importante. Está aliás mais directamente ligada ás preocupações do homem da segunda metade do século XX.

Lucien Bianco, «Le origines de la révolution chinoise»

I — As origens

A revolução chinesa radica, como todas as outras revoluções, socialistas (russa, cubana ou vietnamita) na luta contra o imperialismo, e é à dominação exercida sobre o Império do Meio pelas grandes potências ocidentais que importa ir buscar as suas origens.

Na China, as lutas de emancipação social do século XIX, radicados em e visando modos de produção pré-capitalistas, não ultrapassaram uma fase embrionária e antecrítica de consciência política.

Entre esses movimentos de natureza diversa destaca-se a revolta dos Taiping, dirigida por um visionário de nome Hong-Sieou-Ts'inan, cuja ideologia era um sincretismo religioso, mito de cristianismo e de confucionismo. O Reino Celeste da grande Paz (Taiping Tiangno) chegou a ter sob a sua administração, durante cerca de treze anos (1851-1864), alguns milhares de quilómetros quadrados no centro e no sul do Império, e deu início a um programa de reformas sociais em que é já nítida a influência ocidental: igualdade entre os sexos, proibição da concubinagem, do jogo e do ópio.

O estádio embrionário de desenvolvimento das forças produtivas excluía porém a possibilidade de verificação de um movimento revolucionário moderno na China. A rebelião Taiping está para o Império do Meio como as «jacqueries» camponesas estão para a Europa medieval. É uma explosão de impotência social, uma revolta e não uma revolução.

A penetração imperialista

Os «contactos» com os países capitalistas ocidentais, a penetração europeia e norte-americana na China, vão integrar a economia chinesa na economia mundial.

Esses contactos remontam á guerra dita «do ópio», campanha militar inglesa que conduziu á abertura dos portos chineses aos navios e a muitas outras coisas vindas do centro do Mundo.

Após três anos de uma luta ilegal, o tratado de Nankin concede à Grã-Bretanha a permissão de entrada em cinco portos e a posse de Hong-Kong. Cerca de vinte anos depois, uma expedição franco-inglesa consuma a «abertura»: o tratado de Pekin (1860) prevê nomeadamente, a admissão de representantes das «potências» na capital do Império. Outros tratados concedem vantagens semelhantes aos E. U. A.

A entrada, um tanto inusitada, dos japoneses nesta competição vai marcar a corrida generalizada dos vários imperialismos a um espaço com perto de 5 milhões de quilómetros quadrados e a um mercado de 400 milhões de habitantes.

A guerra sino-japonesa (1894-1895) que o Japão ganha, faz entrar definitivamente a História da China numa nova fase.

Quando o novo século nasce no Extremo-Oriente, as «potências» dominam as regiões costeiras mais acessíveis do que o interior: do sudoeste (França), ao nordeste (Rússia e Japão), do vale do Yanztsé (Inglaterra) à peninsula de Shantung (Inglaterra e Alemanha), concessões e feitorias asseguram a presença do capital e dos seus acessórios. A Grã-Bretanha e o Japão exploram, respectivamente, as minas de carvão de Kaiping e de Fushun. As vias de caminho-de-ferro oferecem aos capitais ocidentais e japoneses ocasião para investimentos e empréstimos.

Um elo fraco

A China dos primeiros anos do século XIX é um dos *elos fracos* do capitalismo internacional.

Tendo atingido o estádio supremo do seu desenvolvimento, esse capitalismo expande-se para além das fronteiras nacionais, em busca de matérias-primas e de mercados. O mundo a que anos mais tarde Afred Sauvy chamaria «terceiro» (terceiro e condenado como o «terceiro estado» do antigo regime) é invadido pelos capitais e pelos «interesses» económicos e políticos das potências industrializadas.

Essa invasão tem como consequência a integração das economias desenvolvidas e dos espaços pré-industriais num mesmo sistema económico mundial. Provoca o nascimento nos países economicamente colonizados, de novos modos de produção e de novas classes sociais, que adquirem progressivamente a consciência do domínio exercido pelo capital estrangeiro, sobre a economia nacional. As revoluções modernas dos chamados países subdesenvolvidos nascem anti-imperialistas.

Assim na Ásia. Assim na China.

Os investimentos nacionais e estrangeiros na indústria, nos meios de comunicação e no comércio fazem nascer e crescer uma nova classe de mercadores, de industriais e de funcionários, com valores próprios, em contradição com os da velha classe dirigente, aliada e cúmplice do imperialismo. Fazem nascer também um proletariado urbano, classe jovem e «selvagem», não enquadrada, ao contrário das suas irmãs ocidentais, por burocracias sindicais e políticas.

No Império do Meio, nas vésperas da primeira guerra mundial, os dados estão lançados. A revolução está na ordem do dia.

AMADEU LOPES SABINO

A SEGUIR

REVOLUÇAO DEMOCRÁTICA, REVOLUÇÃO SOCIALISTA

OLOF PALME que, por virtude da sua eleição para a presidência do Partido Social- Democrático, se tornará primeiro-ministro, no dia 14

GOLPE DE ESTADO MALOGRADO NO BURUNDI

NAIROBI, 3 — (F. P.) — Segundo informações não confirmadas, fornecidas por viajantes chegados a esta cidade, o chefe do Estado do Burundi, coronel Mikombero, teria desmascarado uma conjura, na noite de terça para quarta-feira. Elementos republicanos conservadores do Exército teriam tentado, sem sucesso, assumir o poder. Estariam presos muitos oficiais, assim como os ministros da Planificação e da Economia.

O GOLPE DE ESTADO NA BOLÍVIA SERÁ UM «NOVO PERU»?

A nova intervenção do exército boliviano nas questões políticas do país não constituiu surpresa para ninguém. O general Ovando Candia nunca escondeu o seu gosto pelo poder. Por altura do golpe de Estado de 4 de Novembro de 1964 (que remeteu para o exílio o técnico reformista Paz Estenssoro) foi laboriosamente afastado pelo general René Barrientos, o qual para poder apresentar a sua candidatura às eleições de 1966, teve que lhe prometer que se retiraria dai a 4 anos. Depois disso, o general Ovando Candia comportava-se como um verdadeiro «cão de guarda», multiplicando os avisos sempre que a linha adoptada pelo seu cúmplice no golpe de Estado não o satisfazia.

A partir de Abril passado, com a morte de Barrientos, o comandante-chefe do exército passou a redobrar de vigilância. Ainda que sem grande envergadura e sem base política, o vice-presidente, Siles Salines promovido acidentalmente, às funções supremas, passava por desejar favorecer a vitória de um um civil nas eleições presidenciais do ano que vem. A acusação lançada, há dias, contra o general Ovando, segundo a qual este teria recebido 600 000 dólares da companhia petrolífera americana, **Gulf Oil** para financiar a sua campanha, faria parte de um plano mais vasto tendente a desacreditar a candidatura do general? É possível. Em todo o caso, este episódio parece ter tido um importante papel na decisão do general de passar à acção sem esperar o veredicto dos eleitores.

Que política tenciona seguir agora o general Ovando? Trata-se de um golpe de Estado como qualquer outro, ou, pelo contrário, de um movimento nacionalista de tendências populistas, como o de Paris? Ainda é muito cedo para responder com certeza. No entanto, há vários indícios que merecem ser analisados.

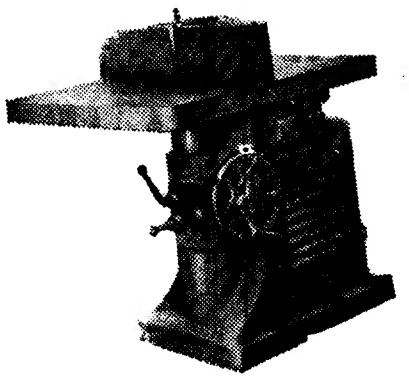
O Governo formado pelo general Ovando não é composto ùnicamente por militares: compreende grande número de civis. É certo que um homem, como António Sanchez de Losada, do Ministério das Finanças, no, mas também é certo que o novo ministro da Educação, Mariano Baptista Canucio, assim como o seu colega do Ministério das Minas e do Petróleo, Marcelo Queiroga Santa Cruz, passam por nacionalistas independentes, pouco favoráveis ao domínio dos capitais estrangeiros. A proclamação lançada pelo general Ovando Candia, por outro lado, afasta-se dos caminhos batidos. Embora estigmatizando os perigos da anarquia e da subversão que teriam feito cair Siles Salinas, fala também de «recuperar as riquezas nacionais transferidas em condições nefastas ao interesse nacional ou entregar uma parte equitativa da sua exploração ao Estado».

A carta do nacionalismo antiamericano é compensadora em toda a América Latina. Pode, pois, tratar-se de uma astúcia por parte do general Ovando. As suas declarações nacionalistas seguiram-se, no entanto, duas decisões que podem constituir uma «abertura» em direcção às massas populares: o general anunciou a suspensão do código petroleiro, concluído em 1954, e graças ao qual a companhia americana **Gulf Oil**, de Pitsburgo, tinha conseguido que lhe fossem atribuídos imensos privilégios de prospecção e de exploração. Por outro lado, o general suspendeu a lei restritiva sobre as actividades sindicais, promulgada em 1965, depois da sangrenta repressão de que foram vítimas os mineiros de estanho. Diz-se também que talvez venha, dentro de pouco tempo, a evacuar os centros mineiros ocupados desde então pelo Exército. O general Barrientos que entendia por bem apoiar-se unicamente nos camponeses índios, recusou-se sempre a adoptar esta medida.

Se quer efectuar uma operação «à peruana», o general Ovando Candia terá, contudo, que vencer muitos obstáculos, e não apenas no seio do exército. A ordem rígida que é tanto da sua afeição não se acomoda bem com as profundas mudanças que ele diz querer realizar.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

«MIDA»



TUPIA VERTICAL
Modelo TV-3

UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDOSTRIAS DE:

* SERRAÇÃO
* CARPINTARIA
* MARCENARIA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5

Filial em Lisboa:
Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)

Em ALMADA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Verissimo, Praça da Restauração, 12.

TRANSPORTE DE TRABALHADORES PELO CAMINHO-DE-FERRO, COM DESTINO A FRANÇA E ALÉM

Com o objectivo de poder assegurar, nas melhores condições de regularidade, o transporte dos Srs. Passageiros destinados a França ou além, a C. P. solicita-lhes que não deixem de efectuar, com a devida antecedência a marcação dos seus lugares quando regressem de férias, pois só assim todos poderão ter o seu lugar evitando aglomerações á ultima hora que dificultam ou mesmo podem impossibilitar uma cómoda viagem.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

BELAS

DONA ZÉLIA DE MEDEIROS TÂNGER CORRÊA

MISSA DO SÉTIMO DIA

Seus filhos, noras e netos participam que será rezada missa do 7.º dia, por seu eterno descanso, amanhã, dia 4, às 11 horas, na Igreja de S. José dos Carpinteiros (Largo da Anunciada).

ECOS

O pensador americano Sidney Cohen afirma — e esta sua tese tem grande audiência — que poderão, na fase actual da vida norte-americana, ser obstáculos a uma segura caminhada para o progresso que ponha fim à exploração imperialista, duas atitudes extremas: a recusa em acreditar que novos conceitos políticos sejam preferíveis a ideias preconcebidas e a precipitação em antecipar o futuro, susceptível de comprometer precisamente o advento desse futuro.

★

TRIUNFOU em Paris o ídolo ié-ié russo Muslin Magomaev, que, facto curioso, é também cantor de ópera. A representação na capital francesa do «Music-Hall» de Leninegrado levou muita gente ao «Olympia» e causou não poucas surpresas. As «girls», lindas e loiras, segundo os comentários exuberantes do «Paris Match», não ficam atrás dos mais belos espécimes de beleza escultural dos quadros vivos das «Folies Bergères». Só falham, ao que parece, no «french-cancan», a que dão um peso eslavo. Também agradaram em cheio as «marionettes» do teatro negro, os «acrobatas», as doces «berceuses» da estepe ucraniana. A crítica francesa foi unânime em sublinhar a bonomia e alacridade do espectáculo.

★

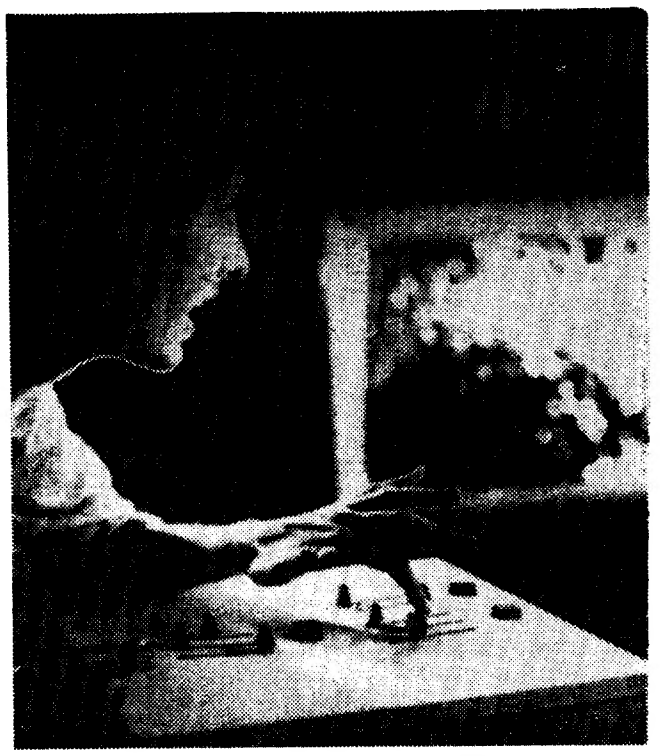
ALEXANDER DUBCEK recusou-se à autocrítica e até afirmou, num acto de coragem e integridade impressionantes, estar persuadido de que Lenine teria agido como ele agira. A questão é complexa, o século XXI ainda não nasceu no século XX, como se chegou a supor, mas se é certo que as desigualdades e injustiças de que o terceiro mundo é vítima exigem solução urgente, também não é menos verdade que o socialismo do rosto humano a que tantos povos aspiram pode antecipar-se nalgumas nações à solução dos casos gerais em que as vítimas do imperialismo estão em causa. O redactor destes ecos, que nutre profunda admiração por Alexandre Dubcek, acredita com ele que os dogmas são religiosos e não servem a causa do socialismo nem o seu triunfo.

★

EM França está neste momento em causa (e é objecto de uma análise atenta até em conselho de ministros) a possibilidade de uma legislação que venha melhorar a assistência em caso de doença aos trabalhadores independentes, com a participação financeira do Estado e das sociedades industriais. O texto do anteprojecto de lei prevê a continuação do carácter obrigatório da segurança social. Mas será dada a possibilidade às categorias interessadas — artesãos, comerciantes, profissões liberais — de optarem por garantias suplementares, que evidentemente não poderiam ser para todos as mesmas. Problemas que surgem numa sociedade, onde, mau grado as suas múltiplas carências e imperfeições, o sindicalismo livre e a protecção ao trabalhador em caso de doença ou invalidez são já conquistas assentes.

★

EM editorial do «Le Monde», diz-se que o partido social-democrata alemão beneficia junto da opinião pública do prestígio de haver sido a alavanca da ressurreição económica. Entre uma ala direita muito conservadora (o partido cristão-democrata, já que os neo-nazis ainda não têm, quando declarados como tal, peso político) e os movimentos de esquerda jovens e aguerridos, os socialistas liberais mais ousados da Alemanha Federal, sob o comando de Willy Brandt, esforçar-se-iam neste momento por conseguir, com o apoio dos liberais, uma maioria, fraca que fosse, num governo de coligação S. P. D. — F. D. P. Tudo, porém, é melindroso nesta coligação. Basta uma hesitação da ala liberal ou o receio de alguns sociais-democratas para a deitar a perder.



TV PSICADÉLICA — Visitantes da XXVI Exposição Alemã de Rádio, em Stuttgart, admiraram este receptor de televisão a cores que, mediante alavancas, botões e teclas de um quadro electrónico, cria — é o termo — programas caleidoscópicos ao ritmo da música. Um êxito completo (mas ainda não comercializado)

REUNIÃO D — o proble será tra

BRUXELAS — Duas horas bast tros dos Negócios Estrangeiros do data e do objecto da conferência ou de Governo proposta pela Fran no começo do Verão.

Segundo a terminologia agora usada por todos a conferência da Haia, de 17 e 18 de Novembro, incluirá na ordem do dia os problemas agrupados sob os três cabeçalhos de capítulo: aprofundamento do Mercado Comum, acabamento e alargamento (este último termo significa a extensão da comunidade aos países que pedem a sua entrada).

As conversações recairão além disso, sobre a política geral da Europa, o papel da U. E. P. e outras questões internacionais. A comissão do Mercado Comum estará presente no encontro: será

reque bre a petên candi não s cinco esper ferên certa de a ções Londr

O a em B temur Franç têm ideia bem só a do as a ide dos C Gover sas r seu l Luxe acèrr de q que sem Não que d não pôr seguir à co outro desde reiro das Bret senta Luns de p alem «se alto a ab ções.

Po franc missã se as vel», um dos mais pare venc que since Gove nha passa em preci nova ao a senta to d o ex As d em evolu ma «veto tânic apre instit ferên tado ram- já nã ção creta Seis peci italia

Du Carl Negó tiran de n gro vel», pital cheg um quên fut O de

TEMPO DE OUTONO

É a seguinte a antevisão das condições meteorológicas médias no Continente até 15 de Outubro, segundo o Serviço Meteorológico Nacional:

De 1 a 5 de Outubro: Céu geralmente pouco nublado, por vezes muito nublado com possibilidade de aguaceiros nas regiões montanhosas a norte do Tejo. Vento fraco a moderado do quadrante norte. Nevoeiro ou neblina matinais no litoral a norte do Tejo.

Temperatura média do ar inferior aos valores normais na época.

De 6 a 9 de Outubro: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado do quadrante oeste. Possibilidade de aguaceiros ou períodos de chuva, em especial a norte do Tejo.

Temperatura média do ar próxima dos valores normais da época.

De 10 a 15 de Outubro: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco a moderado do quadrante norte. Nevoeiros matinais no litoral oeste.

Temperatura média do ar próxima dos valores normais

Poderá haver aulas do 6.º ano liceal na secção de Almada do Liceu D. João de Castro

Por despacho ministerial foi autorizado o funcionamento na secção liceal de Almada do Liceu de D. João de Castro, das alíneas do 6.º ano que não exijam apetrechamento laboratorial.

Por isso, os alunos matriculados em qualquer liceu, nas alíneas a), b), d), e) e g), que desejem passar a frequentar aquela secção, devem declará-lo na secretaria da sede do liceu, a fim de se estudar a viabilidade de se satisfazer esse desejo, já no presente ano lectivo.

Vai ser julgado em Coimbra o processo contra os autores do assalto à agência do Banco de Portugal na Figueira da Foz

COIMBRA, 3 — Entraram em plena actividade as seis secções dos três tribunais desta comarca, os quais, em conjunto, têm já um movimento de cerca de 120 processos.

Assim, pela ordem de julgamentos e respectiva importância, apontam-se os seguintes:

Segunda feira, de Vítor Manuel Fernandes Baptista, de Penacova, acusado da emissão de um cheque de 24 mil escudos sem cobertura; dia 8 de Vítor Manuel Matos de Campos, de 26 anos, solteiro, litógrafo, residente em Queluz, e Jorge Augusto Vasconcelos Fernandes, de 25, solteiro, empregado de mesa, Lisboa, pelo roubo de um automóvel nesta cidade; dia 13, ás 10 horas, dos implicados no assalto à agência do Banco de Portugal na Figueira da Foz e que é, sem dúvida, dos mais volumosos e importantes processos a julgar este ano no nosso País; dia 15, de António Manuel Abrantes da Cruz, de 19, casado, mecânico de automóveis, do Tovim de Cima — Santo António dos Olivais, por homicídio voluntário de que foi vítima Rogério Pinto de Matos, de 19, solteiro, pedreiro, natural de Ervas Tenras (Pinhel) e que, igualmente, residia no lugar do Tovim; e, em 18 de Novembro, de Manuel Coelho Antunes, capataz, de Gândara de Além, freguesia de Carvide (Leiria), pela prática de actos de bruxaria.

ORGANIZAÇÃO DIRECTIVA DAS UNIVERSIDADES

Um decreto-lei, pelos Ministérios do Ultramar e da Educação Nacional, permite que nas Universidades e nas escolas superiores de mais elevada frequência ou de maior desenvolvimento e complexidade de serviço haja, respectivamente, dois vice-reitores e um subdirector.

O mesmo diploma torna aplicável aos referidos cargos o disposto no § 4.º do artigo 16.º do Estatuto da Instrução Universitária, aprovado pelo Decreto n.º 18 717.

COM
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇAO

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

FANTASTICA
PRODUÇÃO DE CRIS VARLAMOS
COM
BUDD THOMPSON DAPHNE DAYLE
KIM JACKLEY
HORCAR MAGIA E ILUSÃO
SAUDADE DOS SANTOS
EDUARDO NASCIMENTO E "OS ROCK'S"
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos
SANDY STEWART
só no wonder bar
NO CINEMA ÀS 17 E ÀS 21.30 H.
ENCRENCA DUPLA
(M. 12 anos)

) DOS «SEIS» NA HOLANDA: blema da entrada britânica tratado «ao mais alto nível»

as bastaram para os minis-ros dos Seis decidirem da ência dos Chefes de Estado a França aos seus parceiros,

requerido o seu parecer sobre as questões da sua competência. O problema da candidatura britânica já não será posto de parte: os cinco parceiros da França esperam mesmo que a conferência da Haia fixe, com certa aproximação, a data de abertura das negociações com o Governo de Londres.

O acordo a que se chegou em Bruxelas no dia 15 testemunha a vontade que a França e os seus parceiros têm de dar novo impulso à ideia europeia. Ainda há bem pouco tempo (quando só a Alemanha tinha aceitado as propostas francesas) a ideia de uma conferência dos Chefes de Estado ou de Governo suscitava numerosas reservas em Roma. Por seu lado Haia, Bruxelas e Luxemburgo defendiam acèrrimamente o princípio de que seria mais nefasto que útil reunir a este nível sem ordem do dia precisa. Não foi só esta exigência que desapareceu: também já não se põe questão de propôr uma conferência a sete seguindo-se imediatamente à conferência a seis: por outro lado, a ideia de fixar, desde já, para 1 de Fevereiro de 1970 a abertura das negociações com a Grã-Bretanha — sugestão apresentada por Willy Brandt e Luns — depressa foi posta de parte. O vice-chanceler alemão indicou apenas que **«se tentará fixar, ao mais alto nível, uma data»** para a abertura dessas negociações.

Por seu lado, a delegação francesa propôs que a comissão do Mercado Comum se associe ao «mais alto nível», adiantando-se assim a um dos principais desejos dos seus parceiros. Ainda mais: Maurice Schumann parece ter acabado de convencer os seu parceiros de que o alargmento é agora sinceramente encarado pelo Governo de Paris. Já o tinha dado a entender, no passado, dia 22 de Julho, em Bruxelas, dando mesmo precisas garantias sobre as novas disposições francesas, ao autorizar que os representantes permanentes junto da C. E. E. retomassem o exame das candidaturas. As declarações de Pompidou em Bona consagraram esta evolução, que se resume numa frase: hoje já não há «veto» francês à adesão britânica. Finalmente, as apreensões quanto a uma institucionalização das conferências dos Chefes de Estado ou de Governo dissiparam-se. O Governo francês já não tenciona pedir a criação de uma espécie de secretariado permanente dos Seis — como receavam especialmente os belgas e os italianos.

Durante o almoço do Carlton, os ministros dos Negócios Estrangeiros insistiram todos na necessidade de não reeditarem o malogro do último «mais alto nível», que se efectuou na capital italiana, em 1967. Luns chegou mesmo a dizer que um malogro «teria consequências desastrosas para o futuro da Comunidade». O desejo de vencer, tão patentemente afirmado agora, bastará, contudo, para pôr termo a equívocos, que continuam a ser numerosos, a despeito da satisfação expressa pelos seis ministros dos Negócios Estrangeiros? Mas a verdadeira negociação, a que irá jogar-se no tríptico aprofudamento - acabamento - alargamento decorrerá na Haia. Mais ainda que a fase de acabamento, esta conferência «ao mais alto nível» parece dever ser o verdadeiro «revelador» das concepções que hoje se têm acerca da Europa de amanhã.

● A «segunda geração» do Mercado Comum

No espírito do Governo francês, o encontro da Haia responde à preocupação de marcar um prazo de reflexão, antes de se abordar a «segunda geração» do Mercado Comum. A poucas semanas da entrada da C.E.E. no seu período definitivo, é «normal» (assim o entende Schumann) que os fundadores daquilo que não passa ainda de uma simples união aduaneira, estudem os meios de chegar a uma verdadeira união económica. O aprofundamento do Mercado Comum deve ser, pois, o tema principal da conferência. Com efeito, a consecução final não justifica, por si só, uma reunião a nível dos Chefes de Governo, visto que, segundo a expressão do ministro francês dos Negócios Estrangeiros, a passagem para o período definitivo, e, portanto, a adopção, a 1 de Janeiro de 1970, das disposições definitivas sobre o financiamento das despesas agrícolas no seio da C. E. E. «é evidente». Se o prazo não for respeitado, estaremos perante um «vácuo jurídico» e financeiro o que nenhum dos **Seis** poderá aceitar. Ainda segundo o Governo francês nenhum nexo poderá estabelecer-se entre a exigência do acabamento e a procura do alargamento; e Schumann acrescenta: «O acabamento revelará as disposições de cada um».

● Definir a modalidade de adesão dos novos membros

Não é essa a opinião de Luns, que no dia 5 afirmou, uma vez mais, que os dois problemas estavam ligados, se não juridicamente, pelo menos politicamente. O ministro holandês foi ainda mais preciso, declarando a Schumaan, à saida do Carlton: «Se a conferência de Haia falhar, isso não facilitará a adopção do regulamento financeiro». O Governo francês admite agora, em compensação, que os problemas do aprofundamento e do alargamento não poderão dissociar-se. Todo o futuro da C. E. E. lhe parece suspenso da resposta que será dada aos países candidatos, e, portanto, da maneira como os Seis terão **a priori** definido entre si as modalidades de adesão dos novos membros.

Pùdicamente evitado nesta sessão do Conselho, o problema da candidatura britânica será debatido na próxima reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros, nos dias 16 e 17 de Outubro, no Luxemburgo. Entretanto, a comissão terá entregado o seu novo relatório sobre as candidaturas. Mas a verdadeira negociação, a que irá jogar-se no tríptico aprofudamento - acabamento - alargamento decorrerá na Haia. Mais ainda que a fase de acabamento, esta conferência «ao mais alto nível» parece dever ser o verdadeiro «revelador» das concepções que hoje se têm acerca da Europa de amanhã.

O CALENDáRIO EUROPEU

O calendário europeu para o ultimo trimestre deste ano comporta as seguintes datas principais.

2 de Outubro, a comissão europeia entrega o seu relatório sobre as candidaturas á adesão ao Mercado Comum.

17 e 18 de Outubro: reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos Seis, em Luxemburgo.

10 e 11 de Novembro: nova reunião dos mesmos ministros, em Bruxelas.

17 e 18 de Novembro: reunião «ao mais alto nivel», na Haia.

1 e 2 de Dezembro: reunião dos ministros dos negócios estrangeiros em Bruxelas.

15 e 16 de Dezembro: nova reunião, em Bruxelas, dos mesmos ministros.

28 de Dezembro: abertura em Bruxelas da «maratona agrícola», que deve terminar no dia 31 do mesmo mês.

BERNADETTE MARSHAL

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

A INAUGURAÇÃO DAS INSTALAÇÕES DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Esta manhã, as individualidades estrangeiras convidadas para a inauguração das novas instalações d Fudação Gulbenkian, que ontem ocorreu, como noticiámos, percorreram, o triângulo turístico da capital, tendo sido obsequiados, em Queluz, com um almoço oferecido pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

À noite, na sede da Fundação, o respectivo conselho de administração oferece-lhes um jantar.

Para encerramento das cerimónias inaugurais, decorrerá, no Grande Auditório, com início ás 21 e 30, um concerto coral sinfónico, a que assistirá o Presidente da República. Será executado o «Te Deum», de João de Sousa Carvalho, pela Orquestra e o Coro Gulbenkian, sob a direcção do maestro Gianfranco Rivoli.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

ora diga-nos...

— Tenciona visitar o museu da Gulbenkian?

A nova sede da Fundação Gulbenkian, ontem inaugurada, integra um museu que será dos mais ricos do nosso País, e que em breve abrirá ao público. Daí a razão da nossa pergunta de hoje.

● — Quando tiver tempo talvez o visite. Mas não me parece uma coisa essencial — *respondeu-nos, em primeiro lugar, António Santos, escritor.* — A museus vou ou não, conforme o interesse que eles têm para mim.

— ?

— Do ponto de vista dos autores representados julgo que este museu será bom. O que eu não simpatizo nada é com a instituição...

● *Tomás Ferreira da Silva, empregado no Mercado de Peixe, disse-nos:*

— Talvez, se tiver tempo e disposição...

— Conhece alguns museus de Lisboa?

— Sim: o dos Coches, o Militar, o Aquário Vasco da Gama...

— .. E o Jardim Zoológico?

— Também.

● — Hoje não posso — *retorquiu-nos, por ultimo, David da Costa Ferreira, empregado no Colégio dos Inglesinhos.* *Explicámo s-lhe que não se tratava de ir já a correr visitar tal museu...*

— Ah, qualquer dia pode ser...

— ?

— Só vi uma vez um museu, que há ali perto de Santa Apolónia. Não sou de cá, mas do Minho.

— Mas está aqui de passagem?

— Não. Já trabalho em Lisboa há sete anos...

PROJEL

NA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

COM

— Instalação de Segurança para protecção do Museu

— Protecção periférica do edifício

— Controlador de Ronda

— Protecção individual de obras de arte

EQUIPAMENTOS DE FABRICO FICHET-BAUCHE

PROJEL — PROJECTOS DE ELECTRICIDADE, LDA.

RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 55 — LISBOA

TELEF. 530122/3

Diário do Porto

Faculdade de Medicina

O sr. dr. António de Sousa Pereira, professor catedrático da cadeira de Medicina Operatória da Faculdade de Medicina foi transferido para a regência da cadeira de Patologia Cirúrgica da mesma Faculdade.

Espectáculos para hoje

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «Mãos á obra!» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Helga, o segredo da maternidade» (2' anos)

COLISEU — Às 21 e 30: «Agente de Ferro» (17 anos).

RIVOLI — Às 21 e 30: «A ovelha ronhosa» (17 anos).

ESTUDIO — Às 2' e 30: «Charly» ('2 anos).

OLIMPIA — Às 21 e 30: «O Bastardo» (17 anos).

ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Nada de rosas para OSS-117!» (17 anos)

TRINDADE — Às 21 e 30: «Krakatoa — Leste de Java» (17 anos)

CARLOS ALBERTO — Às 21: «O cérebro do mal» e «Dulmo na Cidade Fantasma» (17 anos).

JULIO DINIS — Às 2 e 30: «O casamento» (17 anos).

VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «A vida é um jogo!» (17 anos)

CINEMA DO TERÇO—Às 21 e 30: «Doutor... Vamos a isto!...» (17 anos)

Amanhã à tarde

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA—Às 16: «Mãos á obra!» (17 anos).

SÃO JOÃO — Às 5 e 30: «Helga, o segredo da maternidade» (2' ronhosa (17 anos).

COLISEU — Às 15 e 30: «Agente de Ferro» (17 anos).

CARLOS ALBERTO—Às 15: «Viva Maria!» e «Esquadrilha 633» (.7 anos)

ESTUDIO — Às '5 e 30: «Charly»
BATALHA — Às 15 e 30: «O Don-
(12 anos)
dorme casa-se» (12 anos).

OLIMPIA — Às 15 e 30: «O Bastardo» (7 anos).

ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «Nada de rosas para OSS 117» (17 anos).

TRINDADE — Às 15 e 30: «Krakatoa — a leste de Java» (17 anos)

VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «A vida é um jogo» (17 anos).

JULIO DINIS — Às 15 e 30: «O Casamento» (17 anos).

Farmácias de serviço esta noite (6.° turno)

ANTERO DE QUENTAL, Rua de A de Quental, 520 (Tel. 45048) * **AZEVEDO**, R do Meiral, 508 (Tel 52344) * **CONSTITUIÇÃO**, Rua da Constituição, 93 (Tel 490813) * **CORREIA DE ARAUJO**, R Santa Catarina, 259 (Tel 25644) * **CRUZ** R. Costa Cabral, 082 (Tel 4004) * **GUARANI**, R Pedro Hispano, 367 (Tel 62250) * **HERCULANO**, R Alex Herculano, 384 (Tel 27943) * **LIGA A. S. MUTUOS**, R Bonjardim, 286 (Tel 217'') * **MAGALHÃES**, Rua Serralves, 566 (Tel 63531) * **NOVA DE MONSANTO**, Rua de Monsanto, 48 (Tel 490889) * **RIBEIRO JUNIOR**, Rua Firmeza, 97-A Tel 23849) * **SAMPAIO**, R Cedofeita, 636 Tel 21782) * **SANIL**, R Paraíso, 214 (Tel 23935) * **VITÁLIA** Pr Liberdade, 37 (Tel 24133) * **GONDARÉM**, R Gondarém, 360

Assaltos na região de Ílhavo

ÍLHAVO, 3 — No Vale de Ílhavo estão a verificar-se assaltos a capoeiras e até a residências, que provocam sobressalto na população. Levam os audaciosos larápios frangos, perus, coelhos, milho, feijão, apetrechos agrícolas e até peças de vestuário. A G. N. R. desta vila tem feito diligências para deter os ratoneiros mas até agora sem resultado.

Também, junto de um restaurante, os larápios roubaram de um automóvel, pertencente a pessoa desta vila mas residente na capital, um rádio, peças de vestuário do próprio e de sua filha e alguns milhares de escudos que estavam numa pasta e ainda documentos que grande falta fazem ao dono do carro. Em poucos minutos arrombaram o carro e fizeram a «limpeza», enquanto ao proprietário do carro serviam uma refeição ligeira. Ainda não foram descobertos os audaciosos ratoneiros.

VIDA SOCIAL

DR. ARMINDO BARATA

O sr. dr. Armindo Barata, nome de relevo no foro, foi transferido, a seu pedido, do cargo de conservador do Registo Civil em Castelo Branco para o mesmo lugar na Guarda.

Necrologia

FALECIMENTOS

Mário Olivio dos Santos

Num dos quartos do Hospital Particular de Lisboa, Lda. faleceu o sr. Mário Olívio dos Santos, de 72 anos, natural de Ribalonga (Carrazedo de Ansiães), inspector dos Caminhos-de-Ferro de Angola, onde desenvolveu actividade durante 40 anos, granjeando as maiores simpatias. Atingira já a aposentação e era casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Baptista Marques dos Santos, pai do sr. Carlos Eduardo Marques dos Santos e da sr.ª D. Maria de Lourdes Marques dos Santos; e tio da sr.ª D. Maria Manuela Marques da Costa, esposa do nosso companheiro de trabalho sr. António Gomes da Costa. O funeral, a cargo da Agência Almeida, realizou-se hoje, ás 15 horas, da igreja de São Sebastião da Pedreira para o cemitério do Alto de São João. Às 11 horas, foi rezada missa de corpo presente.

À família enlutada apresentamos as nossas condolências.

D. Zélia de Medeiros Tânger Corrêa

Faleceu, no passado dia 27, em Belas, onde residia, a sr.ª D. Zélia de Medeiros Tânger Corrêa, viúva, de 87 anos, natural da cidade de Horta, Açores, mãe dos srs. António da Cunha Corrêa, funcionário da embaixada de Portugal no Rio de Janeiro; dr. Manuel Tânger Corrêa, adido cultural da embaixada de Portugal no Brasil; capitão Raul da Cunha Corrêa, em serviço na Horta; Mário da Cunha Corrêa, director comercial em Lourenço Marques; e Humberto da Cunha Corrêa, tesoureiro da Câmara Municipal da Beira, e irmã do falecido major dr. Manuel Medeiros Tânger.

A extinta pertencia às melhores famílias faialenses e foi eleita, pelas suas qualidades, a «mãe açoriana em 1964», distinção de que muito se orgulhava.

FUNERAIS

Álvaro da Cunha e Costa

FIGUEIRA DA FOZ, 3 — Faleceu nesta cidade o sr. Álvaro da Cunha e Costa, de 48 anos, sócio-gerente da ourivesaria Álvaro Artur. Era pai do sr. Rui Manuel Lobo Cunha e Costa, estudante, e irmão dos srs. Fausto Camiseiro da Costa, Carlos da Cunha e Costa Ferreira. O funeral realizou-se hoje pelas 17 horas para o cemitério de Buarcos.

SUFRÁGIOS

António Vasco Farinha dos Santos

Por iniciativa de sua família, será celebrada missa, amanhã, dia 4, ás 10 horas, no altar-mor da Igreja de Fátima, pelo eterno descanso de António Vasco Farinha dos Santos.

Cunha e Costa, José da Cunha e Costa e Edémia da

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4% ..	518$	—	518$
Consolidado 3%	—	—	540$
Consolidado 3 /2% ...	—	—	640$
Centenários 4%	1 480$	480$	—
Obrigs Tesouro 5% ...	1 005$	.005$	—
Externo ' Série	730$	720$	760$
Externo Série c.	840$	830$	—
Externo 3.ª Série	—	732$	—
Externo 3.ª Série c.	—	870$	900$
Cautelas 3 Série	—	—	'80$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	490$
A P I 5% 56	—	—	—
A. P. I 5% 58	950$	945$	950$
C P 4 /2% 65	—	—	900$
C P 5 /2% 67	—	1.000$	—
C. U. F 6%	—	1 005$	—
C. U F 6% 68	—	—	1.000$
Gás Elect 4% 48	—	790$	—
Gás Elect 4 /2% 51...	—	—	—
Gás Elect 5% 52	890$	—	—
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	890$	—	890$
Gás Elect 5% 62	—	920$	—
Gás Elect 5% 63	—	906$	—
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 6% 67	—	1.010$	—
H E A Alentejo 5%...	—	820$	830$
H E Cávado 5%	830$	825$	830$
H E Cávado 6%	—	—	1.000$
H E Douro 5%	815$	810$	—
H E Douro 6%	—	1.000$	1.003$
H E Norte Port 5%...	—	—	—
H E S Estrela 6% ...	—	995$	1.000$
H E Zêzere 5% 55	—	—	850$
H E Zêzere 5% 57 ...	—	—	860$
Lisnave 6%	—	1.005$	—
Metropolitano 4%	890$	885$	895$
Metropolitano 5 3/4%	1.000$	1.000$	—
Moçambique 5%	—	760$	—
Nac Electr 5%	—	830$	840$
Nitratos 5%	—	—	820$
Nitratos 5% 6. ...	—	—	820$
Petroquímica 5%	—	—	860$
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	830$	850$
T A P 4%	—	—	950$
Termoelect Port 5% ...	810$	808$	810$
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	86$
U E P 4 /2%	—	—	—
U E P 5%	—	81$	82$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	850$	860$
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.560$	1.550$	1 565$
Alentejo	887$	885$	895$
Angola	3.060$	3.050$	3 080$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	3.570$	3.590$
E Santo	—	—	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	—	—
L. & Açores p	7.100$	7.050$	7.100$
L. & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	6.850$	6.850$	6.900$
Portugal n	3.300$	3.250$	3.350$
Portugal p	4.400$	4.300$	4.450$
Totta Aliança	6.250$	6.200$	6.300$
Ultramarino n.	—	2.750$	2.800$
Ultramarino p.	3.020$	3.010$	3.020$
Seguros			
Alentejo	—	75$	77$
Douro	—	—	—
Mundial	590$	585$	595$
Sagres	—	1.450$	1.600$
Tranquilidade	—	45.000$	60.000$
Ultramarino	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	850$	855$
Ag. Cassequel	850$	850$	855$
Ag. Incomati	—	1.980$	—
Ag Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	300$	320$
Boror	—	—	—
Buzi	85$	84$	85$
Cabinda	—	215$	—

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	—	975$	2 000$
H E Revué	—	580$	600$
Ilha do Príncipe	—	950$	000$
Moçambique	183$	'82$	84$
Sonefe n	360$	—	—
Sonefe p	380$	380$	382$
Zambézia	90$	90$	90$5
Angolano	—	—	—
C.ias Diversas			
Cidla	1.600$	1 600$	1 650$
Cim Leiria	4.000$	4.000$	4 050$
Cim Tejo	—	6.000$	—
Col Navegação	—	.520$	.600$
C U F	1.370$	380$	400$
Ind Aliança	—	560$	650$
Nac Navegação	—	3.600$	3.800$
Petroquímica	2.200$	2.180$	2.200$
Port e Colónias	1.460$	'.455$	—
Port Celulose	—	4.500$	4.650$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	781$	781$	782$
Sacor	—	—	4.800$
Siderurgia Nac	—	580$	600$
Soce	2.870$	2.860$	2.900$
Tabacos de Portugal ..	1.530$	1 510$	1.540$
Tabaqueira	8.600$	8 500$	8 700$
U F Azoto	820$	820$	822$
Aguas, Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	405$	425$
Aguas Lisboa 34	—	420$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	410$
Eléct Beiras	1.660$	1.660$	1.670$
Gás Electr	427$	427$	427$5
H E Alto Alentejo ...	—	'59$	'65$
H E Cávado	1.255$	.250$	—
H E Douro	1.225$	1.224$	1.226$
H E Norte Portugal ...	305$	305$	—
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.260$	.255$	1.265$
Nac Electricidade	1.225$	1 225$	1 235$
Termoeléctr Port	1.220$	220$	1.225$
U E P	195$	'94$5	'95$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	,92$4	98$2
F D E S	—	119$7	'23$3

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	25/9/69	1/10/69	2/10/69
GERAL	139,3	139,7	139,8
METRÓPOL ..	134,8	134,8	134,9
ULTRAM.	172,7	175,5	175,1

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 2 ...		
— Rands de 5 a 20...	35$50	37$50
América:		
— Dollars de 1 a 2 ...	28$25	28$65
— Dollars de 5 a '000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$25	7$60
Austria — Schilling	'$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$51	$55
França — Franco	4$90	5$30
Suíça — Franco	6$58	6$78
Marrocos — Dirham	4$50	5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	310$00	325$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

De Coimbra

Trabalhos importantes são debatidos nas VI Jornadas de Genética Luso-Espanholas

COIMBRA, 3 — Em ambiente de grande interesse e com a intervenção de uma centena de cientistas espanhóis e portugueses prosseguem os trabalhos das VI Jornadas de Genética Luso-Espanholas, que decorrem no Instituto Botânico da Faculdade de Ciências, sob o patrocínio do Instituto de Alta Cultura.

Esta manhã, nas Secções A (Anfiteatro) e na Secção B (Sala de aulas do 1.º andar), foram apresentadas dezenas de importantes comunicações.

Na primeira daquelas Secções, foram apresentados os trabalhos dos seguintes congressistas sr. drs. Luís Meneses de Almeida, «Alguns aspectos da genética clínica da picnodisostose»; J.J. Arroyo Nombela e C. Rodriguez Murcia, «Estabilidad citogénica del tumor ascítico T. A. S. L. M. - 68, em ratón»; M Margarida Cardigos — «Estabilidad cariotípica y de los cromosomas marcadores en un «train» de células HeLa a lo largo de dos años»; A. P. Lino Ferreira e José Carvalhais, «Sindroma unha-rótula (ósteo-onicodistrofia hereditária). Estudo de duas famílias»; Angel Pellicer, «Relación entre talasemia y malaria en España»: C. Rodrigues Murcia y J. J. Arroyo Nombela, «Acción citológica del Natulan a dosis repetidas sobre un tumor ascítico de ratón»; J. A. Lopes dos Santos & Amândio S. Tavares, «O sindroma em Pediatria»; Emílio Moncada Lourenzo, «Estúdio Familiar del Hirsutismo» e A. Valls, «Distribución de la pilosidad digital de las manos en uma nuestra de población vasca».

Após o almoço, prosseguiram os trabalhos, e foram apresentadas mais comunicações algumas por cientistas de reputação universal.

Comando da P. S. P.

Foi exonerado do cargo de comandante de divisão da P. S. P. desta cidade o sr. capitão José Manuel Martins Frutuoso, que pediu para voltar ao serviço do Ministério do Exército.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — «O Deserto Maravilhoso» (12 anos)

AVENIDA — «Uma Carreira Sensacional» (17 anos)

TIVOLI — «A Vingança do Condenado» (12 anos)

Farmácias de serviço

DONATO — Rua Ferreira Borges

CRUZ VIEGAS — Rua do Brasil

CRUZ E COSTA — Rua António de Vasconcelos

RAINHA SANTA — Rua da Figueira da Foz.

PRAÇA DE TOIROS EM ALCÁCER DO SAL

DOMINGO, 5 DE OUTUBRO DE 1969—PELAS 16 HORAS
POR OCASIÃO DA FEIRA ANUAL

GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS

CAVALEIROS:

João Branco Núncio
José Maldonado Cortes

ESPADAS:

Ricardo Chibanga
Manuel António

GRUPO DE FORCADOS AMADORES
DO COLÉGIO NUN'ÁLVARES DE TOMAR

6 TOIROS DE JOÃO BRANCO NÚNCIO
2 TOIROS DO ENG.º JOAQUIM GRAVE

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

CASEI COM UMA FEITICEIRA

Já nossa conhecida, regressa à programação da TV a série «Bewitched» — «Casei com uma feiticeira», com Elizabeth Montgomery, Dick York e Agnes Moorehead nos principais papéis.

ACTIVIDADE DESPORTIVA

São do jogo de futebol ontem disputado entre as equipas do Banick e do Vitória de Guimarães, as imagens que preenchem esta rubrica desportiva.

O referido jogo contava para a primeira eliminatória da «Taça das Cidades com Feira».

CONCERTO

Realizado por Jorge Listopad, o programa de hoje conta com a presença do «Pacific String Trio», agrupamento norte-americano constituído por William Harry (violoncelo) natural da Califórnia, Forrest Midtmoen (viola), natural de Washington e Nannette Levi (violino) de S. Francisco.

Possuidor de um vasto reportório, «Pacific String Trio», interpretará o «Trio n.º 2» (1933) de Paul Hindemith.

TELEVISORES GRUNDIG

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 9: Curso de Actualização de Professores, 19 e 30: Telejornal; 19 e 45 Lanterna Mágica; 20 e 5: Cartaz TV; 20 e 30: Parada da Industria; 2 : «Casei com uma Feiticeira», 2 e 30: Telejornal, 22: Concerto; 22 e 30: Série Policial; 23 e 30: Actualidade Desportiva; 23 e 45: Marcha do Mundo; 23 e 55: Fecho

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Zip-Zip 0 e 0: Fecho

AMANHÃ — **I Programa** — Às 15: Abertura; 15 e 01: Telejornal; 16 e 5: Nos bastidores da aventura; 16 e 30. Viagens sem passaporte; 17: Série Juvenil «Seaspray»; 17 e 25: No mundo da Arte; 18: Teledesporto; 18 e 20: Concerto; 20 e 10: «E a vida continua...»; 20 e 25: O mundo submarino de Jacques Cousteau: «A Selva de Coral»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: TV Clube, com Maria da Glória e Mário Melo; 23: Série Dramática «Os Invasores»; 23 e 55: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 2 e 30: Telejornal; 22 e 30. Tele-Ritmo,

II PROGRAMA

ZIP-ZIP

Em repetição apresenta-se o programa n.º 15 da série «Zip-Zip» transmitido na Rede Nacional em 1 de Setembro do ano corrente.

Recordamos que neste programa participaram Marques Vidal, Berta Cardoso, Igrejas Caeiro, a pequena Maria Armanda e ainda um guarda-nocturno, além doutros intervenientes.

Série policial «Brigada especial»

«BRIGADA ESPECIAL» no original «The Mod Squad» é uma nova série policial que a partir de hoje a RTP passa a transmitir.

O episódio a exibir, intitula-se «O Mau do Colégio» e são intérpretes Michael Cole, Clarence Williams, Peggy Lifton e Tige Andrews.

A realização é de Earl Bellamy.

*

Três jovens detectives, dois rapazes e uma rapariga, investigam a morte misteriosa da professora de um Colégio...

CARTAZ TV

Cerca das 20 e 15, Jorge Alves apresentará na rubrica «Cartaz TV», os programas que a R. T. P. transmite na próxima semana.

canal da crítica

...SEM PROBLEMAS E CONTENTES

Não me recordo bem, mas parece que era um TV Clube. Claro que não era nada TV Clube, desculpem. Aquilo era a «Repartição TV do Cançonetismo Comercial». Os funcionários Vítor Manuel, Paulo Jorge, Helena Cardinalli e Susy Paula vinham assinar o ponto. Eu até estava a ver só com um olho aberto.

Enfim, deixassem lá os moços e as moças fazerem o seu TV-vistaço. Há quem diga que aqueles clubes de cançonetismo representam uma promoção. Meus senhores, promoção de quê? Promoção de quem? Digam, digam depressa que estou curioso por conhecer mundo.

Pois até estava disposto a O dia correra-me bem, havia a eufórica impressão deixada pelo filme sueco, não estragues, menino, não estragues a tua felicidade por causa de uns pobres moços sem razão e sem futuro.

De súbito, ouviram-se, claramente ouvidos, estes versos:

Deixemos aos que daí vivem os problemas transcendentes continuemos a nossa vida sem problemas e contentes.

Ninguém acharia possível ouvir composições deste jaez no nosso tempo E não se diga que se trata de mero acaso: toda a estrutura destes *TV Clubes* assentam numa atitude que pode bem tomar por divisa a quadra transcrita.

Há quem se divirta nesse ignóbil jogo de costas quentes que consiste em denunciar camufladas intenções, a soldo sabe-se lá de que potências terrestres ou extra-terrestres, nas palavras dos críticos. Assim, quando se pede uma maior qualidade poética do nosso cançonetismo via televisão logo num dia-a-dia atormentado de insónias e pesadelos, há quem aponte um indicador de unhas negras e exclame: «Estão a ver, estão a ver? Quem não os conhecer que os compre...»

Serenamente a crítica segue o seu caminho, certa de que o céu não será nunca o reino dos insensatos. A não ser, talvez, o céu dos pardais. Ou dos pardalões

ATENÇÃO! A NOVA SÉRIE JUVENIL VALE A PENA

Ninguém me levará a mal se confessar, desde já, o pessimismo com que parti para a nova série juvenil «Uma rapariga endiabrada». Outras rubricas jovens já nossas conhecidas justificavam amplamente tal pessimismo

Que surpresa! De súbito, este peso que me tiram dos ombros, esta sensação que me liberta sei lá de que doridas preocupações. Chamem-lhe felicidade, se quiserem, por mim não me importo, pois sim, chamemos-lhe felicidade..

Não tenho, por agora, outra palavra para dar a este primeiro episódio de «Uma rapariga endiabrada» se não de admirável. A palavra é frouxa, incaracterística, mas não faz mal: nas semanas que estão para vir encontrarei outras melhores.

Neste momento, todo o tempo é pouco para saborear os pormenores riquíssimos do episódio: o diálogo pleno de imaginação e de autenticidade infantil; as situações que são como que o prolongamento dessa imaginação: o engenho, a graça, a linguagem didáctica da apresentação das personagens e do desenvolvimento da acção; a recusa do recurso ao terror, com preferência pelo «suspense» do jogo, da brincadeira

Acrescentemos, a tudo isto, a sábia direcção daqueles actores meninos que não têm nada o ar americaninho inho inho dos meninos prodígios. Acrescentemos uma fotografia de alta qualidade e faremos ideia do muito interesse que reverte para os nossos mocinhos, a série sueca agora iniciada. Parece que as quintas-feiras na televisão ao menos durante algumas semanas, ganharão a sua carta de alforria Carta cheia de calor, que nos veio — ó paradoxos! — já da fria Suécia ..

«O JOGO DA VIDA»

A série começou ontem. É nova. Novinha em folha. O «dernier cri» da moda policial em televisão Mortos, muitos mortos, quem dá mais meus senhores quem dá mais? Dou-lhe uma, dou-lhe duas dou-lhe três

Ontem, a estatística deu exactamente três mortes. Uma foi provocada por pastilhas de cianeto, dadas em vez de comprimidos para dormir; as duas outras obtiveram-se á bala. Fora isso, não faltou o murro, o pontapé, a cambalhota, e, até, o salto do sapato de uma gentil guarda-costas no pescoço de um jornalista armado em detective.

O carácter americano é visível em alguns apontamentos fulcrais: as personagens falam, com a maior naturalidade, dos seus psicanalistas; com dólares, tudo se consegue; abundam as graçolas sem graça nenhuma, a não ser para americanos admira-

(Continua na pagina seguinte)

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 6 e 05: O Orfeão da Câmara Municipal de Lisboa; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Martues Pereira 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Portugal nos trópicos, por Mário Príncipe 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio rural — Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 3.º episódio do folhetim «O Grande Industrial»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O homem e a Sociedade, por António Bispo; 22 e 30: Fados, por Florinda Maria e Natalino Duarte; 22 e 50: A Orquestra Michel Legrand; 23 e 05: Programa da noite; : Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Folclore do Mundo — Contos judeus-espanhois originários do século XVI, cantados por Sara Gorby, acompanhada á guitarra por Jean Bonald; 16 e 10: Curiosidades musicais — Duas obras orquestrais de Massenet; 17 e 10: Musica de Câmara; 18: Musica portuguesa — Obras de Luís de Freitas Branco; 18 e 50: Quatro danças gregas — solistas; 19: Horizonte literário, por Amandio Cesar e Mário António; 19 e 15: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica de piano — Três Prelúdios (Rachmaninoff) por John Ogdon; 20 e 30: Musica de Câmara — Trio em mi menor (Telemann) pelo Conjunto Barroco de Paris — Trio opus 63, em sol menor (Weber) por Elementos do Conjunto Melos de Londres; 21: Musica sinfónica — Concerto em m. menor, op 85 (Elgar) — solista, Orquestra Sinfónica de Londres dirigida por Sir John Barbirolli; «Sinfonia Funebre e Triunfal» (Berlioz) — Grande Orquestra Sinfónica da ópera do Estado, de Viena, solista Coro de Câmara de Viena direcção de Ernest Graf; 22: Teatro do século XIX, pelo dr Eurico Lisboa; «A Roca de Riboldinha» de Alfredo Musset; 22 e 58: Resumo do programa; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa — (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: A ópera em três actos «A Arlesiana» (Cilea); 0 e 35: Sonata n.º 2 (Hindemith) — piano: Eric Heidsieck; 1: Fecho.

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 12: Moviola; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento texentel; 18 e 30 Lisboa á tarde; 19 e 15: No Em órbita-dois; 1 e 03: Banda mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Europa Musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em foco...; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: P. B. X.; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 07: Momento A. B. C.; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do evangelho; 22 e 02: Baile; 22 e 15: Novas de alegria, 22 e 30: Presença Coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Orquestras; 8 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Solos de piano; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 30: Pagina um; 21. Os novos emissores em marcha, 22: A musica é boa companhia; 22 e 45: Compositores célebres, 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda médio 188 m — 1594 kc/s 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22 — Rádio Voz de Lisboa — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30: **Rádio Graça** Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

«O QUE A BÍBLIA DIZ»

Curso gratuito da Bíblia por correspondência para fazê-lo, escreva a Arlie Smith, Apartado 5103. Lisboa-5

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS
Director: PROF. VASCO BOTELHO DE AMARAL
Professores portugueses e estrangeiros
3 LABORATÓRIOS DE LÍNGUAS
SALAS DE ESTUDO (Audio-orais)
LICÕES EM CLASSES
LICÕES INDIVIDUAIS
Todos os NIVEIS
R. Mouzinho da Silveira, 25
Tel. 538494

✝

Jorge Nuno Galvão Barata Pinto

Tenente da Escola Prática de Infantaria

A família comunica que o funeral se realizou hoje da Capela do Hospital Militar para o cemitério de Vilar Formoso.

Os nossos clientes merecem o melhor

VISTA PARCIAL DA REBOLEIRA

por isso ao entrar na 3.ª Fase da Reboleira, multiplicámos os diversos tipos de andares e apartamentos, para poder oferecer aquele que corresponde aos seus desejos e necessidades

J. PIMENTA, S. A. R. L.

continua a assegurar-lhe um rendimento de 6 a 10% garantido de 6 a 18 anos, à escolha do cliente, por escritura pública.

180 Contos rendem-lhe 1.125$00 Mensais

200 Contos rendem-lhe 1.250$00 Mensais

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Apartamentos em exposição: Reboleira, Amadora, Paço de Arcos (Espargal), Cascais (por detrás do Hotel Baia)
Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais, Lisboa

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esq. — Telefones 4 58 43 / 4 78 43
REBOLEIRA: Amadora — Serviço permanente — Telefone 93 36 70
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 / 22

TAUROMAQUIA

DE EVA A EVANS SEJAMOS ADÃO

De Eva a Evans há que brincar a maçã, ainda que cause engulhos, como no pobre Adão e pobres de nós, melhor será não lhe por peros em Portugal quando o mundo dá lugares como á senhora Golda Meir o de primeiro ministro e a Shirley Temple o de embaixadora na Unesco.

Edith Evans, senhora, exímia cavaleira e toureira, provém da livre América e pretende livremente exercer em todo o mundo a profissão que escolheu e pratica admiràvelmente. Edith Evans nasceu em Santo António do Texas, e nós, da terra do santo, devemos-lhe assistência, até porque foi o nosso querido Carlos Arruza que lhe inspirou a ideia ao vê-lo tourear a cavalo no final da sua vida de grande toureiro. No México matou Edith mais de cem touros e sofreu o baptismo de sangue para logo reaparecer, e na nossa Lourenço Marques, onde obtve tal êxito que para lá volta hoje, em avião com tempo justo para ali inaugurar a nova temporada tauromáquica. Sejamos pela nossa dama, isto é, pela dama de Casanova, o marido de Edith, que não será um Casanova como aquele famoso e que, se faz fitas, são de cinema.

Edith Evans, a dita Eva a quem justamente dedicámos aquelas linhas de «O Touro e a Bela do Texas», provou seus méritos ontem, no Campo Pequeno, montando e toureando com cavalos emprestados e que antes não domou, mas que dominou, melhor que quase todos os de cá e de Espanha, e melhor executando as sortes, e melhor cravando, até na de bandarilhar a duas mãos, entre ovações e pedidos de música, com voltas á arena, e senhora até no esperar que os pegadores fossem por ela, o que eles fizeram, beijando-lhe a mão. E cá a esperamos na Metrópole, á volta do Ultramar, «se el tiempo no lo impide». Vinha por ela o touro dos srs. Vinhas, e esperava-o e fa-lhe para a frente, confiada e não segura do respeito devido ás damas, e rematava as sortes com tal arte que apetecia até vê-la matar, como no México faz e não pode fazer em Portugal.

O seu primeiro foi de Salgueiro, e o segundo, de Vinhas, pesou mais de quinhentos quilos, e mais que pesasse não lhe pesaria no ânimo.

Antecedeu-a na ordem do espectáculo o cavaleiro-cavalheiro que é Gustav Zenkle, também com belas farpas compridas e curtas, e êxito e voltas á arena.

Para Ricardo Chibanga saíram touros dos srs. Manuel e Carlos Veiga, antes de Rafael Calado, que a doença impediu de vê-los tão bravos, e a quem desejamos melhoras.

Se um deles caiu foi por cãibras, e o segundo foi tão nobre como o nosso compatriota do Ultramar é de bom toureiro, melhor que muitos dos anunciados como famosos. De pé e de joelhos, desenhou perfeitos lances de capa e, com a muleta, em séries de belos circulares, entusiasmando, também, com as as bandarilhas e ouvindo música e dando triunfais voltas á arena. Brindou Chibanga á famosa Claudette Colbert, e justificou o brinde como senhor toureiro.

E, porque a noite foi de êxitos, também o jovem Manuel Pinto, com esporões de galo e como guerrilheiro da linha de «El Cordobés», animoso e audaz. Após uma semana de doença na cama, reapareceu bom como um pêro, executando espectaculares lances e passes, também circulares, e outros vários de pé e de joelhos, entre ovações, ao som da música e com voltas á arena.

Com valentia pegaram os do Condestável e do Nabão, bons discípulos de Manuel Faia, que os touros tinham poder, mas não lhes voltaram a cara, de caras e de cernelha, e voltas deram com a cavaleira e com o cavaleiro.

Mestre Custódio Domingos dirigiu com a sua muita sabedoria, mas pouco Adão, ao não dar música á cavaleira.

Apesar da chuva que caiu á hora de começar o espectáculo, não choveu na bilheteira. Era muito o interesse de ver a Eva americana, que brindou a Manuel dos Santos, o empresário que estará fazendo projectos de a tornar a contratar ainda nesta temporada, se o Outono se põe a jeito.

«EL T. PÉREZ»

CALENDÁRIO AUTOMÁTICO

MELHOR QUALIDADE
MAIOR EXACTIDAO
MAIOR PERFEIÇAO
MAIOR BELEZA

CAUNY

O relógio suiço para toda a vida

O relógio Cauny vale muito mais de que custa

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

dores de Bob Hope, graçinhas do género:

— *Que tal vai a África?*

— *Escura, muito escura...*

Não falta o basebol, o magnata milionário, o mundo da proste e da droga, a monstruosidade das garagens de pesadelo. Enfim, a mitologia ianque está quase completa.

As incongruências ou as arbitrariedades permanecem igualmente. Mata-se sem se saber porquê, Dillon, o jornalista da revista «Fama» é dado por morto e atirado para o lixo — mas eis que se levanta do lixo fresquinho, isento, puríssimo como as águas minerais. Nem ao menos uma costeletinha partida...

Recorde-se o comprimento da fita, que terminou para além da meia-noite, e obteremos um novo motivo e, de alarme. Caramba! esta nova oficina do crime exige mais tempo do que uma aula na Universidade.

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE 69/DSM

Faz-se publico que na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180, 3.º, em Lisboa, se encontram abertos os Concursos Publicos seguintes:

CONCURSO N.º	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA PROPOSTAS DATA	ABERTURA PROPOSTAS HORA
18PAE/69	Viaturas Auto TP 5 Diesel e sobressalentes	50 000$00	09DEZ69	15.30 h.
19PAE/69	Viaturas Auto TP 11/12 Diesel e sobressalentes	70 000$00	12DEZ69	15.30 h.
20PAE/69	Viaturas Auto TP 4 ligeiras mistas e sobressalentes	30 0 0$00	15DEZ69	15.30 h.
21PAE/69	Viaturas Auto TG 1/4 ton. Diesel 4×4 c/ duplo comando	100 000$00	05DEZ69	15.30 h.

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 ás 18 horas e aos sábados, das 10 ás 12 horas.

As propostas devem ser entregues até ás 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

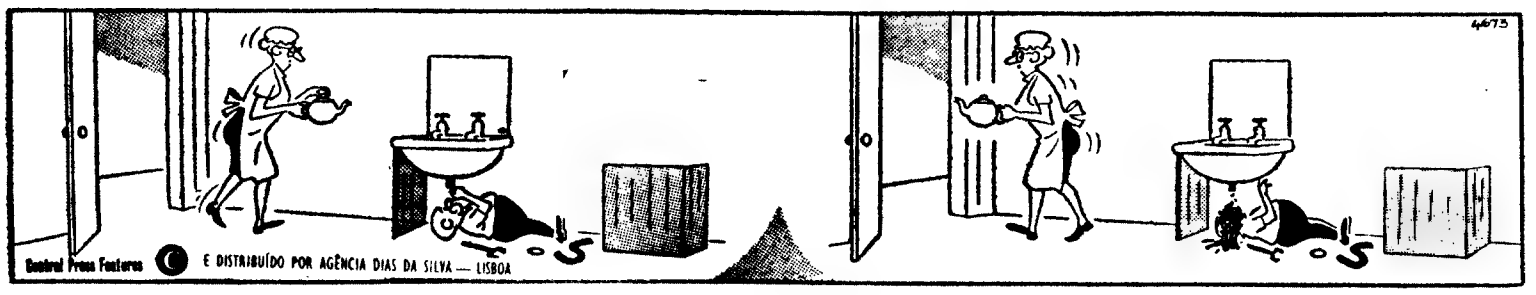
Lisboa, 29 de Setembro de 1969.

Pelo Presidente da COMPAE69/DSM,
JOSÉ MANUEL TOJEIRO QUINTÃO
Ten.-Cor. Eng.º SM

Os Peanuts

Carol Dav

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

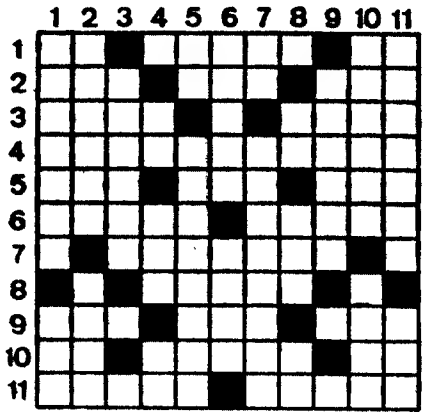
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5317

HORIZONTAIS: 1 — Apelido. Nome de um mês. Estrépito de desmoronamento. 2 — Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Rente. 3 — Sem calor. Rio da Guiné. 4 — Alisaríamos. 5 — Dê mios (inv.). Sustento. Seguias. 6 — Separe. Descanso na morte. 7 — Cortava com serra. 8 — Encolerizara. Conjunção. 9 — Óxido de cálcio. Âmio. Partido. 10 — Cloro (s. q.). Transferir para outro dia. Bismuto (s. q.). 11 — Freguesia do concelho de Gouveia (Guarda). Primeira parte do nome de uma vila e sede do concelho de Vila Real.

VERTICAIS: 1 — Reprime. Duzentos e cinco em romano. 2 — Encolerizais. Uma das ilhas de Sundo. 3 — Tremores de terra. 4 — Abreviatura que se usa em música. Norma. Interjeição que exprime admiração. 5 — Bismuto (s. q.). Engatilhado. 6 — Ratara. Género de urticáceas têxteis que também se emprega no fabrico de papel. 7 — Prefixo de negação. Cobririam de iodo. 8 — Galio (s. q.). Ovário dos peixes. Nota musical. 9 — Observa, bem. 10 — Fazem eco. Ilha para onde Napoleão foi exilado. 11 — Empregassem. Escudeiro.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5316

HORIZONTAIS: 1 — Caspa. Culpa. 2 — Orão. Miri. 3 — Mor. SEM. Dor. 4 — Elada. Avezo. 5 — Rasou. Remem. 6 — Id. Ti. 7 — Usarias. 8 — Mon. Ema. 9 — Erin. Aral. 10 — Ioras. Havre. 11 — Araós. Arais.

VERTICAIS: 1 — COMER. Ameia. 2 — Arolas. Arar. 3 — Saras. Unira. 4 — Pó. Dois. NÃO. 5 — Saudar. SS. 6 — Te. 7 — Mártir. Há. 8 — Um. Veia. Aar. 9 — Lidem. Serve. 10 — PRAZER. Mári. 11 — Airam. Gales.

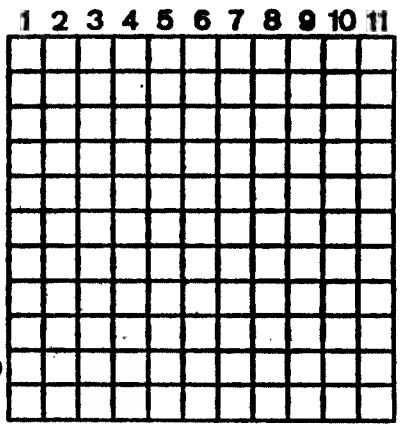
Provérbio: SEM COMER, NÃO HÁ PRAZER

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9160

HORIZONTAIS: 1 — Grande peta. Esboço. 2 — Magnete. Estovam. 3 — Uma das Espórades. Ecoa. Pega. 4 — Viração. Puro. Pronome pessoal. 5 — Varas. Naipe das cartas de jogar. 6 — Apelido. Prefixo que designa ar. 7 — Pronome possessivo. 8 — Encanto. Colocar. 9 — Prender com elos. Encaro. 10 — Bolar. Estacionar. 11 — Freguesia do concelho de Guimarães. Ateada.

VERTICAIS: 1 — Picareta. Suave. 2 — Toma. Tépido. Içar. 3 — Pêlos de certos animais. Rocegado. 4 — Prefixo de privação. Tomba. Tempo do verbo ir. 5 — Saudáveis. Apelido. Rádio. (s. q.). 6 — Pronome pessoal (pl.). Pata. 7 — Prendo. Artigo indefinido. Deus dos pastores. 8 — Nota musical. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes holandeses e escoceses. 9 — Lavra. Viva. 10 — Mamífero roedor anfíbio, da família dos Castorídeos. Rezas. 11 — Estimais. Ponta de areia em frente de Setúbal.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9159

HORIZONTAIS: 1 — Acaso. Cotas. 2 — Capim. Crato. 3 — Atem. Aves. 4 — Mel. Cua. III — 5. Amago. Coroa. 6 — Reprovo. 7 — AC. Aluda. Cl. 8 — Turra. Eiras. 9 — Iria. Siso. 10 — Ras. Mal. 11 — Amo'a. Adoro.

VERTICAIS: — 1. Acama. Atira. 2 — Cotem. 3 — Apelar. Riso. 4 — Sim. Geara. 5 — Om. Copla. Pó. 6 — Tu. Ru. 7 — CC. Acode. Fa. 8 — Ora. Ovois. 9 — Taviro. Rimo. 10 — Ateio. Casar. 11 — Sósia. Isolo.

ESCOLA NAVAL

CONCURSO PARA A ADMISSÃO DE CADETES DA ARMADA

Na Secretaria da Escola Naval, Alfeite, receber-se-ão de 1 a 10 do corrente mês os requerimentos acompanhados de toda a documentação necessária para a admissão de 26 cadetes para o curso de Marinha e de 3 cadetes para o curso de Administração Naval.

Poderão concorrer candidatos com as alíneas c), f) e h) do 7.º ano dos liceus; ao curso de Administração Naval poderão também concorrer com a alínea g) ou com o 2.º ano completo do curso de Contabilidade dos Institutos Comerciais.

As condições de admissão constam do Edital enviado aos Colégios, Liceus e Capitanias dos Portos do Continente e Ilhas Adjacentes, onde estão patentes, bem como as minutas dos documentos a entregar. Na Secretaria da Escola Naval prestam-se todos os esclarecimentos das 10.00 às 12.00 horas e das 14.00 às 16.00 horas, em todos os dias úteis excepto aos Sábados.

Das condições de admissão salienta-se que podem ser dispensados das provas escritas os candidatos habilitados com o exame de admissão às Universidades e ainda os que tenham obtido nos respectivos cursos média geral de 14 valores ou superior, e que as condições de visão para o curso de Marinha são idênticas às exigidas para o curso de Administração Naval.

As provas de admissão terão início no dia 13 do mês corrente, pelas 09.00 horas.

Escola Naval, Alfeite, em 2 de Outubro de 1969

O SECRETÁRIO

António Carlos Sousa da Fonseca

cap. frag a. n.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 3 de Outubro de 196 publicava:

«**PARIS, 3 — Faz hoje um mês que os soldados franceses, saindo dos postos de vanguarda da linha Maginot, entraram em território alemão. A partir desse momento, depois de uma rápida progressão através de minas e campos anticarros, as operações desenvolveram-se sempre em território alemão, ocupado pelos «poilus», em profundidades muito variáveis, que vão de 1 a 6 ou 7 quilómetros. A progressão geral atenuou-se a partir do termo da primeira quinzena (Havas)».**

Escadas de sótão de duralumínio

+ SIMPLES
+ FUNCIONAIS
+ EFICIENTES
+ ECONÓMICAS

...mais uma divisão para sua casa!...

ESCADAS E ESCADOTES ...para todos os fins!...

EXPOSIÇÃO E VENDA:

SORODA, LDA.

TRAV. HENRIQUE CARDOSO, 67-A (À AV. ROMA)
TELEF. 77 21 62 — LISBOA-5

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação das Forças Armadas comunica que faleceram em combate na província de Moçambique o soldado n.º 02740469 Francisco Coelho Mereles, natural do Corgo (Santa Marta de Penaguião), filho de António Meireles e de Maria Virgínia Coelho; e o soldado n.º 19886168, José Liberdade Silva, natural de Miragaia (Porto), filho de Domingos Silva e de Aurora da Liberdade, e na província da Guiné o primeiro-cabo n.º 02926968, Carlos Rogério Barros da Silva, natural de Antes (Anadia), filho de Luís Ferreira da Silva e de Maria das Dores de Barros; e, ainda nesta província, o soldado n.º 09171367, Joaquim Martins Barbosa, natural de S. Salvador do Campo (Barcelos) filho de Manuel Sepúlveda Barbosa e de Sofia Martins da Fonte, já falecida.

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legítimas estação de serviço e oficinas

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TAÇA DAS FEIRAS: BANIK, 1 - V. GUIMARÃES, 1

A ARDOROSA CALMA DOS PORTUGUESES

OSTRAVA (Checoslováquia), 3 — A equipa portuguesa do Vitória Sport Club, de Guimarães, qualificou-se para a segunda eliminatória da Taça das Cidades com Feira, eliminando o Banik. O resultado do jogo disputado em Portugal (1-0 para o Vitória) fazia com que se considerasse muito possível a quali-

Por JIRI BARAN
(Especial para o «Diário de Lisboa»)

ficação do grupo checo, que costuma ser muito eficiente quando joga no seu estádio. Afinal, a partida de Ostrava terminou com um vitorioso empate (1-1) dos portugueses e, em boa verdade, não se pode considerar que esse desfecho tenha sido injusto.

É certo que o Banik esteve a maior parte do tempo ao ataque, mas essa era a atitude que lhe cumpria dado que estava em desvantagem de um golo. Na inversa, ao Vitória de Guimarães bastaria defender esse golo que trouxera de Portugal e daí que o grupo se mostrasse, antes de mais, desejoso que o tempo passasse sem haver mais golos

Assim mesmo, os hábeis jogadores latinos foram frequentemente ameaçadores para a baliza de Schumucker, graças especialmente aos remates de Mendes e á perturbadora vivacidade de Manuel.

A luta fulcral do jogo, era, no entanto, a que se travava entre o ataque do Banik e a defesa dos portugueses, na qual se distinguia o africano Jorge, um futebolista negro de grande capacidade atlética e não menos valor técnico.

O que impressionou no grupo visitante foi a serenidade que sempre foi capaz de manter, dentro do ardor com que se bateu. O entusiasmo a energia, o espírito de cooperação, não fizeram perturbar a calma admirável da equipa, que pôde resolver algumas situações embaraçosas por não ter perdido a cabeça

O Banik fez quanto pôde — e não foi pouco para ganhar o jogo e dir-se-ia que o tinha conseguido quando Buznik marcou um excelente golo a cerca de um quarto de hora do termo da partida. O público saudou com entusiasmo essa proeza e incitou o Banik à conquista de mais um tento que lhe daria a classificação.

O grupo português nem aí perdeu, no entanto, a sua calma e as suas esperanças. De imediato lançou ataques vigorosos e seis minutos depois empatava a partida com um golo do médio Artur que, uma vez mais, demonstrou serenidade exemplar ao driblar o guarda-redes Schumucker.

Daí para a frente o jogo já não teve emoção, pois mesmo que o Banik marcasse mais um golo não evitaria a eliminação, dado que a fórmula regulamentar de desempate favorecia os portugueses, que haviam marcado um golo em Ostrava.

Foi um bom jogo, sem dúvida, em que o Banik perdeu a cartada pelo bom valor do adversário. Weiss, Buznik e Kolecko foram os melhores do grupo checo, enquanto Roldão, Pinto, Jorge e Manuel foram os portugueses mais admirados pelo público de Ostrava.

Dirigiu o jogo o árbitro romeno Baculescu e jogaram:

BANIK — Schumucker; Veceret Knizet, Weiss e Herot; Tunger e Krizak; Buznik, Kolecko, Artalsky e Michalik (Portulka).

GUIMARÃES — Roldão, Costeado, Pinto, Joaquim Jorge e Silva; Artur, Peres e Bernardo da Velha; Manuel, Mendes e Carlos Manuel.

Os golos foram marcados aos 74 minutos, pelo checoslovaco Buznik, e aos 80, pelo português Artur.

ARTUR, marcador do golo do Vitória de Guimarães em Ostrava

TAÇA DAS FEIRAS

TESTE LUSO-INGLÊS EM QUATRO FRENTES

O sorteio para a segunda eliminatória da Taça das Cidades com Feira determinou um autêntico teste para o futebol português: nada menos de quatro equipas (e nenhuma delas a do campeão nacional) vão ser colocadas em confronto com «teams» ingleses. Assim, teremos:

Sporting - Arsenal
V. de Setubal - Liverpool
F. C. Porto - Newcastle
Southapton - V. Guimarães

Esta actividade em quatro frentes, tendo como «examinador» o futebol campeão do mundo, permitirá sem duvida avaliar melhor a evolução do jogo em Portugal, no que respeita á valorização de um bom numero de equipas. Ao nível internacional, o futebol português tem vivido do prestígio alcançado por um pequeno escol de jogadores (na base, a equipa do Benfica) e este verdadeiro Portugal-Inglaterra (sem benfiquistas) não deixará de ser significativo.

Pelo menos em princípio, a tarefa mais difícil pertence ao Vitória de Setubal, que terá de defrontar a forte equipa do Liverpool, seguindo-se, em em ordem de dificuldade, a tarefa que aguarda o F. C. Porto.

Esta eliminatória deverá estar concluída no dia 26 do próximo mês de Novembro.

HOJE À NOITE

Assembleias gerais — Do Belenenses, no Pavilhão dos Desportos Náuticos, ás 21 horas.

Basquetebol — Campeonato de Lisboa, da Divisão de Honra, 1.ª jornada, no pavilhão da Ajuda: Internacional-Belenenses e Nacional-Atlético, ás 20.30; Ateneu-Algés, ás 21.30; Sporting-Benfica ás 22.30.

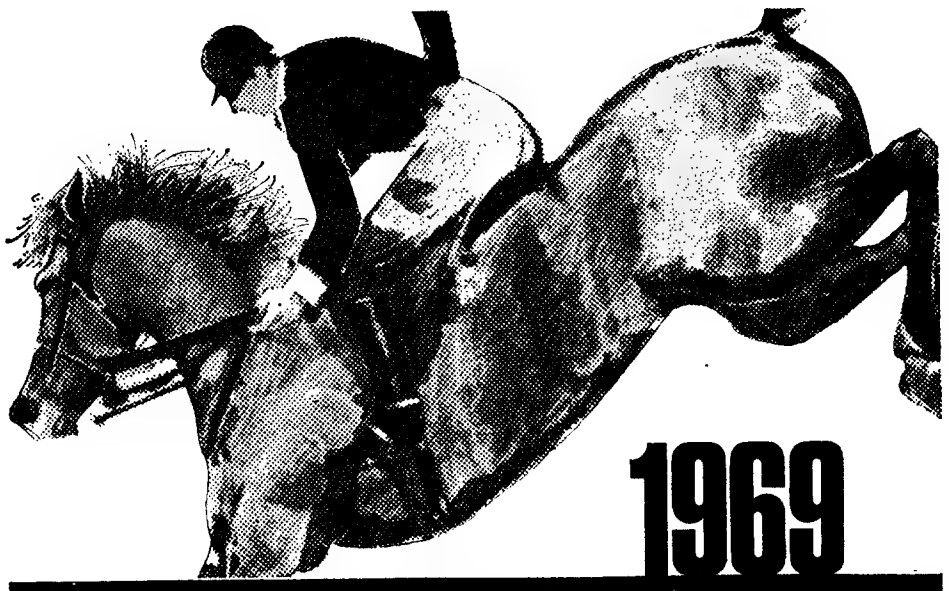
Hóquei em patins — Campeonato regional da 1.ª Divisão: Oeiras-Juv. Salesiana, Cascais-Benfica, Sporting-C. Ourique, Belenenses-Parede, C. U. F.-Paço de Arcos e H. Sintra-Ed. Física, nos rinques dos primeiros, ás 22.15 horas.

Reuniões magnas — Do Atlético Clube de Portugal, na Sociedade Promotora de Educação Popular, ás 21 horas.

GARRINCHA QUER JOGAR EM PORTUGAL

RIO DE JANEIRO, 2 — A. N. I.) — «Garrincha» (Manuel dos Santos), que foi o sensacional ponta direita do Botafogo e da selecção do Brasil, que ganhou os campeonatos do Mundo em 1958 e 1962, anunciou que deseja jogar num clube europeu.

Depois de deixar o Botafogo, nunca mais teve êxito no futebol. Transferiu-se para o Corintians e depois para o Flamengo (por empréstimo): o seu passe foi devolvido ao Corintians, que não se mostra interessado no seu concurso. «Garrincha» pediu colaboração á Confederação Brasileira de Desportos, pois deseja jogar num clube europeu, talvez da França. Sua mulher, a cançonetista Elsa Soares, prefere que ele vá para Portugal, onde também ela poderia cantar.



1969
Concurso Hipico Internacional Oficial de Lisboa
DE 4 A 12 DE OUTUBRO
Sábado 4 — Prova N.º 1 — «BANCO FONSECAS & BURNAY»
Prova N.º 2 — «BANCO PINTO & SOTTO MAYOR»
Domingo 5 — Prova N.º 3 — «DATSUN»
Prova N.º 4 — «A TABAQUEIRA»
3.ª feira 3 — Prova N.º 5 — «D. LUIZ DA CUNHA MENEZES»
Prova N.º 6 — (POTÊNCIA) — «CIDLA»
As provas começam às 12 h 30 m e 15 h 30 m

Vai começar o basquetebol

SPORTING-BENFICA ESTA NOITE, PARA O DISTRITAL

Iniciam-se esta noite as competições regionais de basquetebol que, na sua sessão de abertura, oferecem aos entusiastas da modalidade um encontro sempre apetecido: um Sporting-Benfica.

Entretanto observa-se grande actividade nos clubes, que, lógicamente querem apresentar-se nas melhores condições, neste princípio de temporada.

No Benfica, posta de parte a hipóese da vinda de um técnico checoslovaco, ao que consta por divergências económicas, os dirigenes benfiquistas encetaram negociações com o treinador espanhol Emil Tejada, que tão boas provas tem dado no Académico do Porto, ao serviço do qual se encontra.

Por outro lado não se confirma que o «internacional» Garranha venha a jogar pelo Marinhense. As sua funções no clube dos «vidreiros» serão apenas as de técnico, uma vez que, por motivos de saude, Garranha não pode voltar á prática da modalidade.

Também Luís de Almeida continuará na Académica. O excelente basquetebolista já regressou de Lourenço Marques para prosseguir seus estudos em Coimbra e, consequentemente, continuará a representar a equipa escolar.

Em contrapartida regista-se uma «baixa» — e de respeito — no conjunto sportinguitsa: José Vicente, o bombilíneo «pivot» do Sporting regressou ao seu clube de origem — o Barreirense.

BADMINTON NO BENFICA

Na secretaria do Benfica encontram-se abertas as inscrições para sócios e simpatizantes, com mais de 10 anos, que desejem praticar a modalidade.

Os respectivos treinos, que se iniciam na noite de hoje, a partir das 21 horas, terão lugar no ginásio do Liceu D. Filipa de Lencastre.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO

Sábado desportivo

Andebol de sete — Torneio organizado pelo Belenenses, incluído nas comemorações do seu cinquentenário: Belenenses-Passos Manuel (juniores), Belenenses - Sporting (reservas) e Belenenses-Sevilha (honra), no pavilhão da Ajuda a partir das 20 e 30 horas.

Atletismo — Provas de selecção e preparação para o Torneio Porto-Lisboa Vigo organizadas pela Associação de Lisboa, no pavilhão da Ajuda, ás 15 e 30 horas

Basquetebol — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão 1.ª jornada: C. Quebradense-Moscavide, Liberdade-Oriental, C. D. U. L.-Técnico e Carnide-Lisgás, no Pavilhão do Estádio Universitário, a partir das 21 e 30.

Futebol — Campeonato de Reservas (2.ª e 3.ª Divisões), da A. F. L.; 2.ª jornada: Casa-Pia-Alhandra, Atlético-Sintrense, Oriental-Algés, Torriense-Sacavenense e Odivelas-Estoril, nos campos dos primeiros, ás 16 horas.

Hipismo — 58.º Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa, 1.ª jornada, no hipódromo do Campo Grande, a partir das 12 e 30 horas.

Hóquei em patins — Campeonato de Lisboa, de infantis: Juv.-Salesiana-Paço de Arcos (21 h.) e C. Ourique-Fut. Benfica (20 e 45 h.).

— Campeonato de Lisboa, de iniciados: C. U. F.-Hóq. Sintra (20 e 45 h.), Ed. Física-Sporting (21 h.) e Juv. Salesiana-Paço de Arcos, 21 e 30 h.).

— Campeonato de Lisboa, de juvenis: C. Ourique-Cascais e C. U. F.-Hoq. Sintra (21 e 45 h.), Ed. Física-Sporting (22 h.) e Juv. Salesiana-Paço de Arcos (22 e 30 h.).

— Campeonato de Lisboa, de juniores: C. U. F.-Hóq. Sintra (22 e 45 h.).

RALLYE DOS TAP

VERIFICAÇÃO DOS CARROS NA TERÇA-FEIRA

Não se tem poupado esforços para que o Rallye Tap, na sua edição deste ano não desmereça do prestígio alcançado pela competição no mundo do automobilismo.

Deste modo está marcado para o dia 7, das 15 ás 18 horas, na sede do Automóvel Clube de Portugal, na Rua Rosa Araujo e na Secção Regional do Norte, na Rua Gonçalo Cristóvão, n.º 2, no Porto, a verificação dos carros e dos documentos dos concorrentes áquela prova, que — repetimos — está a despertar o maior interesse entre os «volantes» nacionais e estrangeiros

Arrancou (à dentada) uma orelha ao árbitro!

VALLO DELLA LUCANIA (Itália), 3 — (R.) — Ninguém gostou da maneira como o árbitro Alessandro Della Roca dirigiu o jogo entre as equipas de futebol das aldeias de Santa Maria Di Castellabate e Antoniana.

Os jogadores ameaçaram dar-lhe uma tareia e os «fanáticos da bola» apedrejaram-no. Devido a isso, o árbitro chamou a Polícia, suspendeu o jogo e fugiu para os vestiários.

Contudo, os «furiosos da bola» apanharam-no primeiro. Entre eles encontrava-se Catello Sorrentino, de 27 anos. Enquanto os outros davam socos e pontapés no árbitro, Catello arrancou-lhe a orelha esquerda á dentada.

Della Rocca arbitra ainda, mas só com uma orelha... Sorrentino não poderá, porém, amaldiçoá-lo cara a cara durante três anos e quatro meses — a pena de cadeia a que foi condenado por «desorelhar» o árbitro.

HUMOR NO DESPORTO

O MERGULHO DO FAQUIR

O 27.º ANIVERSÁRIO DO ATLÉTICO

A direcção do Atlético Clube de Portugal promove esta noite, pelas 21 e 30 horas na sede da Sociedade Promotora de Educação Popular, uma reunião magna dos seus associados para lhes expor o actual panorama económico e desportivo da colectividade.

Entretanto está também marcada para o dia 9 no ginásio do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa a sessão solene comemorativa do 27.º aniversário do Atlético.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

ESPANHA:

Saragoça-R. Sociedad	**1**
Maiorca-Sevilha	**1**
Elche-Pontevedra	**X**
Celta-At. Madrid	**2**
Barcelona-At. Bilbau	**1**
Granada-Sabadel	**X**

ITÁLIA:

Bolonha-Palermo	**1**
Brescia-Bari	**X**
Cagliari-Lazio	**X**
Lanerossi-Fiorentina	**2**
Roma-Inter	**2**
Sampdoria-Juventus	**1**
Torino-Nápoles	**X**

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 5 - 9.ª época

Açores Desportivo — 1X2 211 1XX 2X21; Ilha Desportiva — 1X2 X11 1X1 X221; Onda Desportiva (C. A. A.) X11 XX1 111 X2X1; Comércio de Portimão — 111 211 111 2121; Reconquista—111 111 11X 22X1; Notícias de Chaves — 1X2 21X 111 2X21 — Povo Algarvio — 111 211 11X 2121; Eu Sei Tudo — 112 211 1X1 21X1; Diário dos Açores — 1X1 211 111 1X21; Correio da Horta — 111 X11 1XX 2X12; Correio dos Açores — 21X X1X 111 112X; Linhas de Elvas — 11X 21X 111 XX21; Gazeta do Sul—11X 211 1X1 21XX; Templário (Desportos) 111 X11 1X1 11XX; A Voz de Palmela—1X1 211 211 2221; Jornal da Lixa (O Nosso Prognóstico) — X11 2X1 11X 1111; Jornal de Santo Tirso — 11X 211 11X X2X1; O Telégrafo — 111 211 X11 X1X1 — Estrela da Manhã — 1X1 21X X11 2XX1 — Clube Asas do Atlântico (Noticiário Regional/S. D.) — 1X2 XIX 111 2X11 — Defesa de Espinho — 12X 21X 111 X122 — Notícias de Beja — 1X1 211 X11 X221; O Distrito de Setúbal — 1X1 21X 111 XX11; Rádio Altitude — 1X1 211 111 2X21; Rádio Ribatejo; 1X1 212 X11 2X21.

Correio do Vouga — 111 X11 111 2X21; A Defesa — 111 X12 2X1 1X21; Ecos do Desporto — 111 X11 111 22X1; Imagens Piedenses — 1X1 XX2 XXX 2221; Cavalgada do Ritmo — X12 211 X21 22XX; Jornal do Sul (Actividades Desportivas)— X11 X11 11X X121; Jornal do Sul (Totobola das Leitoras); X11 211 112 X121; Folha do Domingo; 111 X11 X1X 212X; O Distrito de Portalegre — X2X 211 1X1 X121; Mundo Desportivo — 111 2X1 1X1 21X1; Flor do Tâmega — 111 211 XXX 21X1; Penalti — 1X1 111 X11 21X1; A Lição do Menino Quim — 111 211 XX21; Electro Mecânico — X2X 111 XX2 X211; Momento do Totobola (R. P.) — 11X X11 X2X 2X11; Boletim Desportivo (R. P.) — 21X X12 2X1 1X21; A Voz dos Ridículos— 111 211 111 21X1; Dos Fracos Não Reza a História — X11 21X XXX 2XX1; Às 10 Espere Por Nós; 1X1 X2X X11 XX2X; Sorriso da Hora do Almoço — 121 2X2 2XX 2122; De Tudo Um Pouco—1X1 X11 1X1 X2X1; Reporter do Dia — 111 211 1X1 2211; Repórter do Dia (Angola) — 1X1 X11 X11 2X21; Programa Sem Nome — XX1 X11 1XX 212X; Resenha Desportiva — 1X1 X11 111 X122.

Rádio Clube do Norte — 12X 11X X12 X11X; Notícias do Douro; 111 X12 X11 X221; Diário do Norte — 111 X11 112 21X1; A Ordem — 111 211 X21 1XXX; República—111 211 121 XX11; Peça Que Não Maça — 111 211 1X1 XXX1; Maria da Fonte (Desporto) — 1X1 XX1 111 X221; Cantinho Ricardo Lemos — 11X 211 111 X221; Ideal Rádio — 111 211 1X1 XX21; O Setubalense — 1X1 211 112 2X21; Tribuna Desportiva — X11 211 112 2X21; Litotral (Desportos) — 1X1 211 11X X121; O Comércio de Guimarães— 1X2 X11 121 X112; Folha de Tondela — 111 111 111 1111; Cardeal Saraiva — 11X 211 XX1 XX11; Sporting — 11X 211 X12 2X21; Notícias da Guiné—1XX 211 1X1 22X1; A Voz Desportiva — 121 211 X12 XX21; Jornal do Barreiro — 1X1 211 1XX 2X2X; Diário de Coimbra — 1X1 211 121 2221; Notícias de Felgueiras — (Secção Desportitva) — 11X 122 121 X211; Notícias de Felgueiras (Totobola) — 111 X1X 111 11X1; A Voz do Domingo — 11X 211 1X1 XX12; A Rabeca — 1X1 211 111 2XX1; Jornal da Beira — 12X 211 X1X 2X21.

Jornal de Sintra — X11 211 111 21X1; No Mundo do Desporto (R. C. A.) — 1X1 111 X11 22X1; Notícias de Guimarães; 111 21X 11X 2X2X; Palpite — 111 X11 1X1 12X1; Ecos de Cacia — 111 211 111 X111; Diário do Sul — 111 2X1 1XX 2X21 — A Comarca de Arganil — 111 2X1 1X1 XX21; Rádio Sport — 111 111 111 2211; Correio de Coimbra — 11X 21X 111 XXX2; Terra Alta — 112 211 1X1 XX21; Maria da Fonte (Voz da Póvoa) — X21 21X 111 21X1; Jornal de Felgueiras—112 21X 111 21X1; Renovação — 111 111 XXX 222X; A Voz — 111 21X 111 22X1; Notícias d'Évora (Vá Já Totobolando) — 111 211 X11 22X1; Notícias d'Évora (Vida Desportiva) — X11 X1X 12X X112; Auto Rádio — 111 111 11X 1X11; Rádio Placard; (R. C. P./Porto) — 11X 11X 111 1111; Rádio Placard (E. N. R.) — 11X 11X 1X2 12X1 — Rádio Placard (R. C. P./Lisboa — 111 111 121 1XX1; Comércio do Porto — 111 X11 111 XXX1; Comércio de Gondomar — 111 111 111 1111; Comércio de Gaia — 111 111 111 1111; Notícias da Amadora — X21 211 111 2X21; A Voz do Casa Pia — 21X 112 2X1 12X1.

Lobito — 1X1 211 1X1 2221; A Nossa Chave — 111 21X 1X1 2121; Província — 1X1 21X 1XX 2X1X; Diário — 11X X12 111 XX21; Comércio — 12X 211 111 22X1; Café da Noite — X21 1X2 11X 2111; Galeria dos Desportos—2X2 11X 2X2 X112; Loja de Antiguidades — X22 211 X1X X1XX; Programa C — 2XX 12X X11 2X1X; Gazeta Radiofónica — 1XX 211 11X 21X1; Passatempo PLM — 11X 122 XXX 1X22; Passatempo ENR — 111 111 211 2121; Programa da Manhã RCP — 111 111 111 1111; Música e Desporto — X11 211 1X1 21X1; Almanaque — X12 X11 111 X221; Boletim Desportivo R. C. P. — 111 X11 22X 111X; Só-Rádio — 1X1 211 1X1 22X1; Correio do Douro — 11X 211 111 21XX; O Norte Desportivo — 111 X1X X12 2X21; Comércio de Leixões (DTUP)—111 211 111 X1X1; Comércio de Leixões (Desp.) 111 X11 111 1X21; Vamos á Bruxa (D. Conchita) — 111 X11 111 22X1; Vamos à Bruxa (Adesivo) — 111 21X 111 X221; Mosaico — 121 2X1 112 2121; Boletim Desportivo do RP — 122 211 1X2 2121.

1X1 211 1X1 X211; Onda Desportiva — 111 211 111 X2X1; Brado Africano — XX2 2X1 1X2 222X; Diário de Moçambique — 11X 21X 1X1 22X1; Domingo Alegre — 111 21X 111 2X2X; Rotero Sonoro; 1X1 X11 1X2 11X1; Relato Futebol em Português — 11X 2X1 111 1112; Relato Futebol em Ronga — 111 211 1X1 22X1; Bondiazinho — 1X1 22X 111 X121; Cidade 69 — 1X2 2XX 212 1X12; Vamos Jogar no Totobola — 11X 211 1X1 22XX; Diário—12X 21X 1X1 22XX; Notícias — 11X X1X 1X1 2X21; Notícias da Beira — 211 211 111 X122; Jornal Desportivo — 1X2 X1X 121 2XX1; Onda da Manhã— 111 2X2 12X 1121; A Noite e o Ouvinte — 111 X11 111 XXX1; Encontro com a Noite — 111 X11 111 XXX1; Tic Tac — 111 X11 111 XXX1; Renovação — 1X1 21X 111 22X1.

Jornal de Viseu — XX1 X11 111 2222; Voz de Lamego — 111 211 111 2121; Notícias de Gouveia — 121 112 112 2XXX; Diário de Lisboa — 11X 21X 1XX 221X.

Noticiário Desportivo — Novidades—1X1 211 X11 1221

RESUMO

CONCURSO N.º 5

N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2	(a)
1.	Saragoça-R. Sociedade	123	20	6	10	1	1	
2.	Maiorca-Sevilha	92	41	16	7	4	1	
3.	Elche-Pontevedra	100	33	16	8	3	1	
4.	Celta-Atl. Madrid	23	40	86	2	3	7	
5.	Barcelona- Atl. Bilbau	130	14	5	10	1	1	
6.	Granada-Sabadel	102	34	13	8	3	1	
7.	Bolonha-Palermo	112	28	9	9	2	1	
8.	Brescia- Bari	89	48	12	7	4	1	
9.	Cagliari-Lazio	102	30	17	8	3	1	
10.	Lanerosi-Fiorentina	25	48	76	2	4	6	
11.	Roma-Inter	53	54	42	4	4	4	
12.	Sampdoria-Juventus	31	54	64	3	4	5	
13.	Torino-Nápoles	113	22	14	9	2	1	

E o prognóstico lógico será: 111 211 111 2X21

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

EM ODIVELAS

Com 5 e 6 casas assoalh., em prédio de luxo, prontos a fazer escritura. Rua E, à Av. Prof. Dr. Augusto de Abreu Lopes, Lotes 18 e 19.

TRATA:

F. FERNANDES & COSTA, LDA.

Av. Alm. Reis, 104-2.º

Telef. 536111

ANDARES

NO LUMIAR — 3 boas div. assoalh. excelente panorama, preços muito acessíveis. Rua Projectada entre a Estrada do Desvio e a Estrada da Ameixoeira, 47.

TRATA:

Praça dos Restauradores, 13, 2 — Telefs. 32040/428143.

Contacto

PUBLICIDADE

Telef. 847260

PRÉDIO

POR 1780 CONTOS — A Algés, de 4 pisos, frente a evinel, hab. c/ 4 c. assoalh. e 2 c. de banho, 3 liq., rende 124 000$00.

TRATA: A LUZÁFRICA

Calç. do Carmo, 6, 2, Telef. 36 80 80

PRÉDIO

de construção moderna em bom local de Algés, revestido a Evinel, composto de 8 inq. c/ 3 casas assoalhadas a render 145 800$. P.: 2 400 000$.

Trata: F. Fernandes & Costa, Lda., Av. Almirante Reis, 104, 2.º, Telef. 536111-2-3.

PREDIOS, ANDARES, MORADIAS, TERRENOS,

não compre sem consultar a

PREDIAL

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69

Dinheiro

s/ prédios

EMPRESTA-SE rápida mente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º — Telfs 325487 e 370618 (junto á P. da Figueira).

CASAS

para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importancia ou título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONSTI INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 30259-34755

LUSOLANDA

AUTOMÓVEIS

NSU

FACIL. PAGAMENTO E TROCA

De várias marcas provenientes de trocas nas melhores condições

NSU, Prinz	FIAT 600 D
NSU, 1000	FIAT 2300
NSU Typ 1100	SIMCA 1000
NSU, TT	SIMCA ARONDE
NSU, Spider descap.	HILMANN IMP
BMW 700	AMI 6
AUSTIN COOPER 1000	GLASS 1700
AUSTIN COOPER 1300 S	e outros

SECÇÃO CARROS USADOS E NOVOS

Av. da Republica, 84-C — Telef. 778073 — LISBOA

PRÉDIO

550 contos

À Fonte Luminosa

6 inquilinos de habitação com rendas baixas, frente revestida de marmorite. Rende 30.240$00.

ORCOSI

R. 1.º Dezembro, 45-3.º Esq.

Telefs. 32 31 72 - 36 74 44

«Conheça a Curia»

é um bilhete turístico de fim-de-semana, com todas as despesas incluídas, emitido pela C. P. aos preços de:

305$00 — 330$00 — 435$00

consoante a amplitude dos serviços preferidos.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

Capitais

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO

Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JÁ A

ORCOSI

E FICARA SATISFEITO

Rua 1.º de Dezembro, 45

Telefones 36 74 44 / 32 31 72

HIPOTECAS

sobre

PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69

Telefs. 4 46 02 - 53 65 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses

SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO

T. 560713

ÁLVARO NUNES

Agência de Compra e Venda de propriedades

Empréstimos com garantia hipotecária

Autorizado oficialmente

Escritório: LARGO DO CHAFARIZ, 16-2.º

Telef. 21393 — FUNCHAL

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA, LDA.

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF 53 61 11/2/3

VIDOR

PILHAS SECAS DE ALTA DURAÇÃO

Ligue a sua ideia ao caminho de ferro

Agora, sem qualquer dificuldade, desde as 9 até às 20 horas, pode utilizar o serviço informativo telefónico que a CP põe à sua disposição.

Queira marcar qualquer dos números:

33 180
33 187
322 331
323 582

e obterá a informação que deseja sobre preços e condições das Tarifas de passageiros, quer nacionais quer internacionais, e ainda os horários dos comboios.

Se apenas desejar conhecer os horários dos comboios com partida e chegada a Lisboa (Santa Apolónia) então, por favor, utilize o telefone n.º 869 029, a qualquer hora.

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave Telef. 448446.

Contacto

ANÚNCIOS

Stand Patrício

Tem sempre um automóvel para si.

Av de Berna, 48-A

Telef. 76 42 34

Vauxhall Viva S. L. 90, 1968
SAAB de Luxe s/ registo, 1968
Fiat 850 Spider, 1967
N. S. U. Prinz 1000, 1966
Morris 1100, 1964
OPEL Kapitan, 1961
Austin A-30, 1953
Vespa 400, 1960

VENDE: MARCELO

Av. João Crisóstomo, 47-C

ESTAMOS sempre compradores: Automóveis, Furgonetas Utilitárias. Pagamento imediato. Antes de vender faça uma visita á nossa casa. Garage Boa Viagem, Ld.ª, Rua Sampaio e Pina, n.º 56/60, Lisboa. Telef. 683737.

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B.
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1.
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª — Av Republica, 26.
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º.
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169 — 539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.

Caminho-de-Ferro

LEILÃO

Em 13 do corrente e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á á venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço de Promoção do Tráfego — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro, Lisboa), nos dias uteis, até ao dia 8 do corrente, das 10 ás 17 horas, excepto sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas

NIVICO

(RCA — VICTOR DO JAPÃO)

QUALIDADE DESDE 1927

ELECTRÓNICA

HI-FI • STEREO • GRAVADORES

RÁDIOS • TV • DISCOS • CASSETES

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita, consulte a Papelaria Ferros — R. de S. Julião, 64-66

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

R. Marquês de Fronteira 76-6.º

ADMISSÃO DE PESSOAL

Faz-se saber que se encontra aberto pelo prazo de 30 dias, contados da data da publicação do respectivo anúncio no «Diário do Governo», concurso para admissão de:

ADJUNTOS TÉCNICOS DE 2.ª CLASSE

Os candidatos deverão ter idade compreendida entre 18 e 35 anos e o curso de agente técnico de engenharia civil.

Vencimento base ..... 4.000$00

Subsídio eventual de custo de vida 800$00

Os requerimentos dirigidos ao Presidente do Fundo de Fomento da Habitação, deverão indicar: nome, idade, estado, filiação, residência, data e número do respectivo bilhete de identidade.

Lisboa, em 30 de Setembro de 1969.

a) O Presidente — Jorge Carvalho de Mesquita.

No ESTORIL o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Tabacaria do Parque, Arcadas do Parque.

◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

Estreia de hoje — ESPIÃO POR ACIDENTE — EUROPA

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
ESTREIA, ÀS 21.30
Veja anuncio especial
ROMY SCHNEIDER
e TOM COURTENAY em
ESPIÃO POR ACIDENTE
Às 15.15 — Ultima exibição
Adultos — «FUNNY GIRL»

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
Finalmente em Portugal o famoso filme com **Gary Cooper** e **Ingrid Bergman**
POR QUEM OS SINOS DOBRAM
Inspirado no célebre romance de **Ernest Hemingway**
Metro — Estação Picoas

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme de FRANCESCO MASSELI segundo o romance de ALBERTO MORAVIA
OS INDIFERENTES
c/ **Claudia Cardinale, Rod Steiger e Shelley Winters**

SE VAI CASAR...

Tem por certo o desejo de reunir um enxoval de boa qualidade e apurado gosto sem gastar uma fortuna. Pomos à Vossa disposição o nosso vastíssimo sortido de artigos para enxovais para noivas e bebés cuidadosamente escolhido nas melhores fábricas nacionais e estrangeiras ou delicadamente bordados nos nossos ateliers

Lavores femininos
Avenida G. Junqueiro, 3-D
LISBOA
LAVORES
Rua Áurea, 179

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES
Consulte os serviços especializados da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO Pedidos aos escritórios R. Conde Redondo, 64, 2.º Dt.º — Telef. 59288 ORÇAMENTOS GRÁTIS

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
CLAUDIA CARDINALE
e **ROD STEIGER** em
OS INDIFERENTES

VOX
(M. 21 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
11.ª SEMANA
DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja duvida da avaliação da idade.

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
O mais discutido filme de **Alain Resnais**
AMO-TE, AMO-TE
com **Claude Rich, Olga Georges-Picot**

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 32 63 65
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA TRIUNFAL
COMISSÁRIO X 3 PANTERAS AZUIS
com **Tony Kendall e Brad Harris**
Mais aventuras. Mais mulheres. Mais acção.. Mais «suspense»...
Eastmancolor

CONDES
(Adultos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
OS COMEDIANTES
70 mm
Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Guiness e Peter Ustinov
(Ar condicionado)

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30 (M. 17 anos)
O maior fenómeno do mundo do espectáculo
BARBRA STREISAND
na Superprodução em **70 m/m**
FUNNY GIRL
UMA RAPARIGA ENDIABRADA

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 17 e às 21.30
ENCRENCA DUPLA

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
2.ª semana de gargalhadas
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
UM ESPECTACULO DE GARGALHADA SEM FIM!
O GENDARME CASA-SE
com **LOUIS DE FUNES**

EDEN
(M. 6 anos) Tel. 820768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
ULTIMOS DIAS
O extraordinário filme de WALT DISNEY
O LIVRO DA SELVA

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
UMA ADMIRAVEL NOVIDADE EM «HUMOR NEGRO»
OS VINGADORES
(Aventuras de Steed e Peel)
com o famoso par da televisão **Patrick Magnee e Diana Rigg**
Tecnicolor

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
EM 3.ª SEMANA
Uma novela de **Graham Greene**
OS COMEDIANTES
com **Richard Burton, Elisabeth Taylor, Alec Guiness e Peter Ustinov**
70 m/m PANAVISION ALETROCOLOR

LIZ
(Adultos) Tel 48560
Às 21 h
VIVER, AMAR, MORRER COM JEITO VAI CLEÓPATRA

IMPERIAL
(M 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
A ROLETA DE MORTE
OS ÁGUIAS NEGRAS DE SANTA FÉ

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
ROMEU E JULIETA
com **Leonard Whiting** e **Olivia Hussey**

CHIADO TERRASSE
(Adultos) Às 15 e 21 h.
COLORIDO
A PISCINA (La Piscine)
com **Alain Delon** e **Romy Schneider**

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
A INAUGURAR A NOVA TEMPORADA
O DIABO À SOLTA
com **Yves Montand — Maria Schell**
Um filme de **Philipe de Broca**

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Em 3.ª SEMANA
Às 15.15, 18.15 e 21.30
A mais bizarra concepção de sexo na era do espaço
BARBARELA
com **Jane Fonda e Ugo Tognazzi**

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
A última obra de CLAUDE CHABROL
A MULHER INFIEL
com **Stephan Audran** (a mulher), **Michel Bouquet** (o marido), e **Maurice Ronet** (o outro).

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
8.ª SEMANA
A obra fundamental de **Roman Polanski**
REPULSA
com **Catherine Deneuve** e **Yvonne Furneaux**

AVIS
À tarde: M 6 anos Tel. 47163
À noite: M 12 anos
5. SEMANA
Uma comédia sensacional com **Bourvil**
O ÁS DO PEDAL
Eastmancolor — Franscope

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — Às 21 e 30: «Grande Companhia Internacional».

TEATROS
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza Saloia» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Ena, já fala» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Silva Vicentina» (12 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23 h.: «Amor ás riscos» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os direitos da mulher» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Maçã» (17 anos).

CINEMAS
JARDIM — Às 21: «Queda mortal» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Com jeito vai cow-boy» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Terra Sangrenta» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Desapareceu um espião» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Noite de violência» (12 anos).
OLIMPIA — Às 19: «ódio por ódio» (12 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «O escroque elegante» (17 anos).
IDEAL — Às 21 h. «Balas em fogo» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21 h.: «Ansia de viver» (17 anos).

● Linha de Cascais
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «Encrenca dupla» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Teatro da morte» (17 anos).

● Linha de Sintra
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Eles só matam uma vez» (17 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Doutor Jivago» (17 anos)

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Bonança e C.ª (12 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21 «O filho de Django» e «Entretanto, haja saude» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO-ARTISTICA — Às 21 e 15: «O grande massacre» (12 anos).

A COMÉDIA DO MOMENTO

VARIEDADES 15.ª semana
VASCO MORGADO apresenta

HOJE, À NOITE, Às 21.45
(Adultos)
2 HORAS A RIR
com
UM CASO MUITO SÉRIO
A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE
com HENRIQUE SANTANA ● IRENE ISIDRO ● COSTINHA LIA GAMA ● MARIA HELENA ● LUÍSA DURÃO ● DAVID SILVA ● HELENA ISABEL ● BENJAMIM FALCÃO
DOMINGO, A TARDE, ÀS 16 H

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno D
AJUDA — Mendes Gomes, Calç. da Ajuda, 222 (638256) e Tapada, Lda. Calç. da Tapada, 83-A (634724)
ALCANTARA — Estes Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Lapa, Av. Almirante Reis, 99-A (47469) e Romano Baptista, R. Passos Manuel, 6-C (50593) e Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALTO DO PINA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 1-A (6 Pr. Povo Coucero) (843571)
ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (71168) e Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 40-B (junto o Entrecampos, (760658)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Aguas Livres, 8-D (68155)
AREEIRO — Marbel, Av. de Roma, 131-A (776235) e Lusitana, Avenida de Roma, 8-A (735443) e Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (71033)
AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Avenida da Republica, 55-A (772132) e Providência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego (770324) e Sá da Bandeira, R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (47961-54672) e Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (48966-553601).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Casas Novas, lote 66 (31072)
BAIXA — Simões Pires, Rua do Prata, 115 (362350)
BENFICA — Benfiluz, E. de Benfica 444-A (782606) e Alegria, Estrada de Benfica, 80-A-B (78051) e Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (702226) e Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-C (703697).
CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (86626)
CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim, 125 (322328-323446)
CAMPO DE OURIQUE — Linaldo, R. Ferreira Borges, 30 (660955) e Findar, R. D. Maria Pia, 514 (687949).
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308).
CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) e Zénel, Rua A, 82 (Bairro da Liberdade) (651840) e Nova, R. de Campolide, 297 (687475).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. do Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo), (382470) e Zeme, R. General Justiniano Padrel, 21 (832580).
ESTEFÂNIA — Fonseca, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54808)
GRAÇA — Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (862909) e Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361)
LUMIAR — Patutela, R. do Lumiar, 121 e 124 (790332) e Douro, Alam Linhas de Torres 93-A-B (79 31)
MADRAGOA — Moderna, R. Garcia de Orta, 24 (663 17)
MOURARIA — Ferrão, R. da Mouraria, 12 (860464)
ESTRELA E LAPA — Alb, R. de Santano à Lapa, 56 (663562)
OLIVAIS — Simão Av. de Berlim, Rua D. 6-A (31058)
PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (78084)
PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280)
PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira 40-B-C (720703 e 128395)
S. PAULO — Marcos do Nascimento, Calç. Marquês de Abrantes, 36-A (664238)
SANTO AMARO — Botânica, Rua do Junqueiro 38-40 (638 32)
SANTA MARTA — Morais Sarmento, R. de Santa Marta, 5-A 15-B (46490)
SÉ — Santa Luzia, Rua do Saudade, 2-B (869831)
MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscavide, 44 (Te. 25 8520)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Nito — Av. Combatentes G. Guerra, 64 (Tel 212070)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (24 28 39)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Avenida Patrão Lopes 4 (24320389)
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel 2430058)
PAREDE — Brandão, Av. da Republica, 11-C (247 054
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, J, A, 5 (26016)
CASCAIS — Cordeiro — Av. Combatentes G. Guerra 40 (Tel 280 70-28419); Nova — Estrada de Alvide—Fontainha, (T 28044)

● Linha de Sintra
AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (934589) e Campos, R. Elias Garcia, 85 (930072) e Clobel, R. António Sardinha, 23-D (938551)
DAMAIA — Damaia — R. Alexandre Gusmão, 9-A (T 933920).
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes — Av.ª Elias Garcia, 51/51-A (Tel 950123).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T 29100 12)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes (Estefânia) L. Afonso Albuquerque (Tel 980058).
VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 10 (Tel 933920)
COLARES — Abreu (799088)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge 5 (Tel 234100)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av.ª da Boa Rosa, 8 (Tel 224250).
ALMADA — Nuno Alvares, Avenida D. Nuno Alvares Pereira, 39 (270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 221-B (224 41)
BARREIRO — Pimenta, R. Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (2273012)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. das Barracas 50-A-B (Tel. 2760 8.
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Montepio, R. Almirante Reis, 93 (230035
SESIMBRA — Leão — Av.ª Salazar (Tel 22947
SETUBAL — Higiene R. Frei Agostinho da Cruz (22408) e Portugal, R. Comte. Castelo Branco (232 1)
SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho 38 (Tel 22 8560

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla 538821 ✲ Gazcidla idem e feriados, 382069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✲ Voluntários, 538524.
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 ✲ 771169 ✲ Transfusões, soros ✲ oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima de Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.as-feiras)
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE ✲ SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

NO POSTO SHELL EM NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
PATO À MODA DO RIO FRIO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080

POPFADO
(M. 17 anos)
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 36-D
(à Av. Duque de Loulé)

RESTAURANTE
antónio
COZINHA TIPICAMENTE PORTUGUESA
DIARIAMENTE AÇORDA DE LAGOSTA
✲ Ar condicionado — Encerrado aos Domingos ✲
R. Tomás Ribeiro, 63 — LISBOA — Tel. 538780
(Junto da Estação do Metro das Picoas)

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.

Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado em algumas regiões do Centro e Sul e o vento fraco de Leste

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Anadia, 26°,5; mínima, Penhas da Saúde, 6°,2.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL—Na atmosfera: 18°,; na água do mar: 17°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Nas regiões a sul do Tejo, períodos de céu muito nublado; vento fraco do quadrante Leste; possibilidade de períodos de chuva ou aguaceiros. Para norte do referido rio; céu pouco nublado ou limpo e ventofraco de Leste.

Amanhã:
Nascer ás 7 e 35
Ocaso ás 19 e 15

Hoje Dia 11 Dia 18 Dia 25

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 3** — 9 e 20 (3,2 m); 22 e 04 (3 m); **Dia 4** — 10 e 40 (3,2 m); 23 e 35 (30 m). **Dia 5** — 12 e 03 (3,2 m) BAIXA-MAR: **Dia 3** — 2 e 18 (1,9 m); 15 e 10 (2 m). **Dia 4**— 3 e 32 (2,1 m); 17 (2,1 m) **Dia 5** — 5 e 22 (2,1 m); 18 e 26 (2,0 m)

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

A melhoria de alguns elementos em serviço, obriga a interrupções de fornecimento para a sua efectivação. Assim, no próximo Domingo, cortar-se-á a corrente nas seguintes Zonas:

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras:** Portela de Carnaxide, Outorela e Romeiras (das 8 ás 15 horas).

2.ª Zona — **Concelho de Alenquer:** Carregado, Guizanderia, Casais Novos, Telhada, Provença e linha de alta tensão entre Alenquer e Carregado (das 7 ás 14 horas).

Tomás Vieira recolheu à Casa de Repouso de Tábua

VISEU, 2. — Residente há alguns anos nesta cidade, o actor Tomás Vieira vai recolher, agora, com sua esposa, á Casa de Repouso para Artistas, da Fundação Sara Beirão, em Tábua.

1 AUTOMÓVEL E MAIS 19 VALIOSOS PRÉMIOS

CONCURSO VIGORMALTE

UM RECONSTITUINTE PARA TODAS AS IDADES

ENTREGUE AS SUAS SENHAS ATÉ 10 DE OUTUBRO

CRUZEIRO STAR DO FIM DO ANO

no paquete «Santa Maria»
27/12 e 2/1
LAS PALMAS
TENERIFE
FUNCHAL
ISENTO DE PASSAPORTE
Excursões facultativas em todos os portos

Preços desde Esc. 2.190$00

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES
Telefs. 539871-36250)
UTILIZE O CREDI-STAR

STAR
MARÍTIMA DE NAVEGAÇÃO E VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa · Estoril · Porto · Faro · Funchal · Luanda

EXTERNATOS

● São Vicente
Rua do Paraíso, 28 — T. 865904

● Marquês de Pombal
Rua Carrilho Videira, 10 (ao Chile) — T. 834658

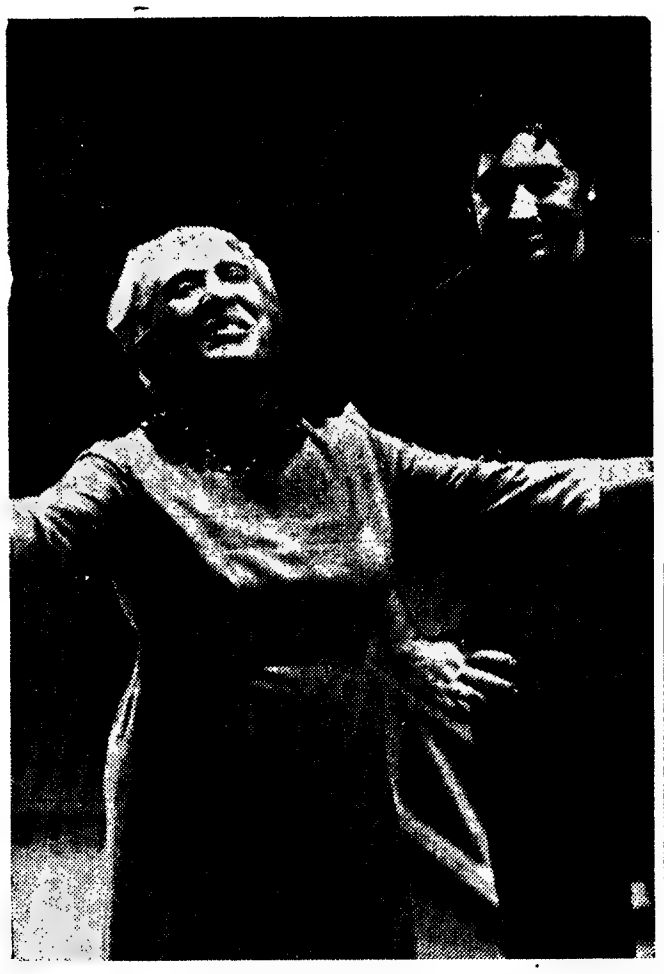
● Álvares Cabral
Av. Grão Vasco, 1 (em Benfica). Tel. 706974

CURSO LICEAL
CURSO COMERCIAL
CICLO PREPARATÓRIO
INSTITUTOS

CURSOS DE LÍNGUAS
Francês * Inglês * Alemão

Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.

ABERTAS AS MATRÍCULAS



Elvira Velez e Mário Pereira, durante os ensaios de «Tombo no Inferno»

TEATRO MARIA MATOS

A FÉ E A SUPERSTIÇÃO EM «TOMBO NO INFERNO» DE AQUILINO RIBEIRO

«Tombo no Inferno» é a primeira obra teatral de Aquilino Ribeiro e, também, a peça com que o Teatro Maria Matos vai inaugurar a sua actividade, após um intenso período de labor, quer para acabamento da sala quer para os ensaios que entraram, agora, na sua fase final, dirigidos por Igrejas Caeiro.

Um elenco composto por 22 actores interpretará, a partir de meados do próximo mês de Outubro, a obra de Aquilino Ribeiro, para a qual o jovem artista plástico João Vieira criou os cenários.

A propósito da peça, dizia o seu autor: «Foi o «Tombo no Inferno» construído sobre um episódio de fé e superstição cuja realidade se situa já bastante aquém do dia de hoje. Eu ainda presenciei, quando rapazinho, uma dessas cerimónias, que se escudariam, a nossos olhos positivos, até certo ponto, no princípio científico da termocauterização, desvirtuado com o tempo. Igual ao Ferro Santo havia a medicina teológica da Cabeça Santa ou da chave do Sacrário que os párocos eram solicitados a introduzir na boca dos meninos como processo de os curarem dos sapinhos. A autoridade eclesiástica baniu do seu ritual estas práticas obsoletas.»

«Mas para mim tudo isso não foi mais que o acessório ou circunstancial. O meu escopo foi dar a angústia e o desespero do homem pletórico de vida, não a amando menos que um César, surpreendido, como por um bandoleiro á esquina, pelo ucasse da morte. Tudo o que faz, afirmar e desdizer-se, contradições, apelos e protestos são as vascas da sua agonia moral. Se tive o condão de interpretar semelhante estado, dou por bem empregadas as horas de espírito investidas no trabalho».

Esta apresentação de Aquilino Ribeiro sintetiza, primorosamente, o ambiente em que decorre «Tombo no Inferno», retrato da vida das gentes da serra, com os seus costumes, as suas crenças, a sua intensa vontade de viver.

É este quadro exemplar, cheio do movimento da vida do povo português, que o público terá, brevemente, oportunidade de apreciar no Teatro Maria Matos.

Termina amanhã no Estoril o I Curso Luso-Espanhol para Dirigentes Turísticos e Hoteleiros

O I Curso Luso-Espanhol sobre Economia, Administração e Contabilidade de Empresas Turísticas e Hoteleiras, a decorrer no Pavilhão de Congressos do Estoril, prosseguiu, esta manhã, com uma conferência pelo sr. dr. Fernando Mello Moser, professor-assistente da Faculdade de Letras de Lisboa e director da Escola Portuguesa de Turismo, que abordou o tema «Problemática das relações entre hotéis e agências de viagens». Ainda de manhã, usaram da palavra os srs. Alejandro Oliver y Trujillo («A contabilidade como meio de informação e contrôle da gestão hoteleira») e Marcial Jesus López Moreno («Imersão: contrôle das imobilizações na indústria hoteleira»).

À tarde, proferiram conferências os srs Enrique Fernandez Peña («A normalização de contas no sector hoteleiro. — Os pressupostos na organização e administração da empresa hoteleira. — Os efeitos da informação na contabilidade das empresas hoteleiras»), José António López Nicolás («Plano de contas de Schmalenbach, diversos modelos, segundo a categoria de hotéis e número de praças»), José António Ortega Nabarro («Problemática legal das relações de trabalho na indústria turística») e José Maria Fernández Pirla («O mercado de serviços turísticos e a política de preços de hotelaria»).

O curso, que reune cerca de 300 técnicos portugueses e espanhóis, termina amanhã, com uma sessão solene de encerramento, ás 12 e 30, a que assiste o secretário de Estado da Informação e Turismo. São distribuídos, nessa altura, os diplomas aos participantes

CELTIC-BENFICA PARA A TAÇA DOS CAMPEÕES

• A Académica defronta o Magdeburgo para a Taça das Taças

GENEBRA, 3 — Realizou-se hoje o sorteio dos jogos da segunda eliminatória das duas principais competições do futebol europeu, para equipas de Clubes: a Taça dos Campeões e a dos Vencedores de Taças.

Nesta ultima prova, o representante português — Associação Académica de Coimbra — defrontará o Magdeburg, da Alemanha Ocidental, disputam-se o primeiro jogo na cidade alemã do mesmo nome.

Para a Taça da Europa, o sorteio determinou um sensacional encontro entre dois clubes que já foram campeões europeus: o Benfica, de Lisboa, e o Celtic, de Glasgow. O primeiro dos dois encontros será disputado nesta cidade escocesa.

GOVERNO SOCIALISTA EM BONN

(Continuação da 1 página)

vres, o novo ministro dos Negócios Estrangeiros — estas as previsões, quase unanimes, dos observadores políticos de Bonn.

Se os democratas cristãos de Kiesinger passarem efectivamente para a Oposição — o que se verificaria pela primeira vez desde a criação da República Federal da Alemanha, em 1949 — os mesmos observadores prevêem uma violenta luta pelo poder no interior do grupo político.

Um aspecto dos trabalhos com que se iniciou, hoje, a construção dos estaleiros destinados aos materiais para o novo viaduto da Avenida 5 de Outubro

A C. D. E. DE LISBOA À IMPRENSA

INTERPRETADAS ABUSIVAMENTE AS INSTRUÇÕES DO GOVERNO

Componentes da C. D. E. de Lisboa denunciaram esta manhã, no decorrer de uma conferência de Imprensa, a «abusiva interpretação de instruções do Governo a respeito do momento eleitoral» feita pelas autoridades locais.

A questão surgiu a propósito da nota do Ministério do Interior publicada em Setembro último, no qual se refere a necessidade de serem as sessões de propaganda *participadas* as autoridades «*exige-se a participação; não se fala em pedido de autorização*» — esclareceu o candidato dr. Pereira de Moura), considerando a C. D. E. que as referidas instruções não se referem á necessidade de autorização expressa dos proprietários das salas requeridas para o efeito.

«*Tivemos o cuidado de esclarecer esse ponto com o sr. governador civil de Lisboa e a sua posição a esse respeito foi clara: o Governo, efectivamente, não considera necessária qualquer autorização expressa dos proprietários. No entanto, essa determinação tem sido constantemente ignorada*» — afirmou ainda o dr. Francisco Pereira de Moura.

Diversos problemas foram focados no decorrer da reunião, em que estiveram presentes todos os candidatos da C. D. E. de Lisboa e ainda os drs Mário Soares e Rui Belo, e representação da C.E.U.D. do mesmo círculo.

O problema ultramarino foi, porém aquele que mais ocupou os candidatos.

Intenções

«*O que pretendemos, ao participar nestas eleições, além de disputar a possibilidade de chegar á Assembleia Nacional, é, essencialmente, a participação activa da população no desenrolar da campanha*» — disse o candidato dr. José Manuel Galvão Teles, ao explicar a relação recíproca que a C. D. E. de Lisboa entenda ser necessário entre o Povo e os candidatos a deputados

«*Não estamos sómente interessados em aproveitar para o esclarecimento possível da população no que se refere aos principais problemas nacionais, mas pretendemos também que as populações possam exprimir os seus anseios e as suas dificuldades* — continuou

Esclarecendo que a C. D

(*Continua na última pág.*)

MESA REDONDA

especial eleições

A política ultramarina do prof. Marcello Caetano

MANUEL BELLO

Li com toda a atenção as várias declarações acerca da política ultramarina portuguesa feitas pelo prof. Marcello Caetano desde que ascendeu á Presidência do Conselho. Em todas elas — e especialmente nas que publicou há pouco o jornal francês «L'Aurore» — se manifesta claramente, sem possibilidade de equívocos, um propósito de permanência portuguesa em África. Mas, como é óbvio, há modos diversos de estar presente.

A este respeito, algumas declarações do actual Chefe do Governo deixam entrever, ao que suponho, sinais de continuidade de uma linha pensamento que o prof. Marcello Caetano já havia afirmado desde há muito. Quando, por exemplo, foi relator do parecer da Camara Corporativa sobre a reforma do Acto Colonial, em 1951, ao pronunciar-se contra a designação de «províncias ultramarinas» chamou a atenção para o que considerava «os perigos de uma assimilação prematura dos territórios ultramarinos á metrópole». Ora, ultimamente manteve-se fiel a esta orientação ao definir a política ultramarina do Governo na sua «conversa em família» de 18 de Junho passado, sintetizando-a nos seguintes termos: «consolidação das sociedades multirraciais que cultivamos e das quais está ausente toda e qualquer discriminação de cor, de raça ou religião; autonomia progressiva do Governo das províncias, de acordo, segundo a Constituição, com o respectivo estado de desenvolvimento e os seus recursos próprios; participação crescente das populações nas estruturas políticas e administrativas».

Temos, com efeito, em vez da assimilação «sempre proposta, nunca realizada», como dizia Alberto Camus referindo-se á sua Argélia natal, a afirmação de uma política de «autonomia progressiva» das províncias ultramarinas. Não será talvez descabido lembrar que esta política parece corresponder á orientação traçada pelo chefe supremo da Igreja católica, a cuja autoridade não são por certo indiferentes os membros do actual Governo. Leia-se, a este respeito, o se-

(*Continua na pág. 4.ª*)

A conferência de Imprensa promovida pela C. D. E. de Lisboa foi presidida pelo dr. Francisco Pereira de Moura, que vemos no uso da palavra, «O documento que distribuímos — disse — não é senão uma parte ínfima do nosso programa o qual será difundido sob a forma de um volume com cerca de 70 páginas»

A reforma agrária

Publicamos hoje (na página central) a primeira parte de uma mesa-redonda sobre a reforma agrária. Tomaram parte nesse debate acerca de tão decisiva questão para a economia nacional, Fernando Gomes da Silva (pela C. D. E.), Gonçalo Ribeiro Telles (C. E. U. D.) e Luiza Manoel de Vilhena (C. E. M.). Interveio como moderador Vitor Louro.

Com a juventude caminhamos para a vitória

— afirmou-se na sessão da C. D. E. de Braga

BRAGA, 3 (do nosso enviado especial) — «Temos um país de Pilatos que assiste ao crucificar do Povo Português» — afirmou um dos oradores da primeira sessão de propaganda da Oposição Democrática (C. D. E.) de Braga, que ontem á noite se efectuou, com extraordinária vibração, no Teatro-Circo, absolutamente repleto de uma assistência entusiasmada. Presidiu o dr. Vítor Sá, ladeado pelo dr. Humberto Soeiro e pelos candidatos, que usaram da palavra. Noutros lugares viam-se representantes de todas as comissões do distrito.

A abrir a sessão, todos os presentes, de pé, cantaram o Hino Nacional. Na sala, além da bandeira portuguesa, viam-se diversos dísticos: «Liberdade», «Organiza-te na C. D. E. — Vitória», «Republica, Pátria Democracia». Num camarote havia um representante da autoridade. Na assistência predominavam os jovens, e viam-se muitas senhoras, algumas com vistosos lenços de bolso com as iniciais da C. D. E. de Braga.

Entre estrondosos aplausos o dr. Santos Simões afirmou que a assembleia se solidarizava com os drs. Humberto Soeiro e Vítor Sá, candidatos pela lista, posteriormente coptados.

Usou então da palavra o dr. Vítor Sá que, visivelmente comovido, disse abrir a sessão depois de vários anos de ausência do País, com emoção que participando neste reencontro cívico com o povo da sua terra: Em certo passo da sua alocução afirmou:

«Viemos aqui pelo amor fundamental á Pátria, não somos administradores de empresas»... E entre outros, referiu-se aos problemas das relações do Estado com a Igreja e do Ultramar.

Depois de declarar que os oradores estariam á disposição de todos os presentes para responderem a perguntas que lhes fossem formuladas, o dr. Vítor de Sá, concluiu: «Como Oposição Democrática é o Povo, meus senhores, quem tem a palavra».

O dr. Humberto Soeiro fez depois um breve apelo para a oferta de fundos, após o que foi dada a pa-

(*Continua na última pág.*)

Carta aberta ao Presidente do Conselho

JOSÉ MAGALHÃES GODINHO

Com a «conversa em família» do dia 11, abriu V. Ex.ª oficialmente a campanha eleitoral. Permita-me V. Ex.ª que, com a franqueza de que sempre uso, manifeste o meu pesar por esta sua fala.

Ninguém, na Oposição Democrática, nega inteligência a V. Ex.ª, e todos o reconhecem como a individualidade mais qualificada para presidir ao Governo do Estado Novo. Ninguém, dentre as hostes da situação actual, possui pergaminhos iguais aos seus. Além de inteligente e culto, V. Ex.ª é um homem do seu tempo, que conhece a vida e mundo, que conviveu com toda a gente e portanto tem de ter um espírito aberto e compreensivo. Ninguém, como V. Ex.ª, foi sempre tido e apontado como o legítimo sucessor do Dr. Oliveira Salazar, pois ninguém se preparou como V. Ex.ª, através da sua acção política e dos seus trabalhos de doutrina-

(Continua na 9.ª página)

PLANO

a MESSA é tão resistente como o carro dos anos vinte...

...E IGUALMENTE PERFEITA.

Ambos combinam uma singular elegância de linhas com uma apurada técnica de fabrico.

Naturalmente, há diferenças a considerar! A nossa máquina tem carros intermutáveis com quatro medidas diferentes, controle ajustável de toque, cinco posições de entrelinhas, diversos tipos de escrita e revestimento exterior em Novodur.

Apesar da leveza da sua batida foi feita para trabalhar e estudada para resistir.

Tem o carácter das máquinas de escrever MESSA.

MESSA

MÁQUINAS DE ESCREVER S. A. R. L. – Mem Martins

Marcada para esta noite no Teatro Vasco Santana a primeira sessão da C.D.E.

Da C. D. E. de Lisboa, recebemos o seguinte comunicado:

«1. — A C. D. E. de Lisboa inicia hoje, oficialmente, a campanha eleitoral.

Além da conferência de Imprensa em que foi tornado público um manifesto, a C. D. E. efectua esta noite, ás 21 horas, no Teatro Vasco Santana, junto á Feira Popular, a primeira sessão pública de propaganda eleitoral. Presidirá o prof. Lindley Cintra, membro da Comissão Política da C. D. E., e usarão da palavra os candidatos Francisco Pereira de Moura, João Bénard da Costa, Joaquim Mestre, Jorge Sampaio e José Manuel Tengarrinha. Os convites devem ser requisitados na sede ou junto das comissões

2. — A nova sede da C. D. E., na Praça do Campo Pequeno, 81, com o telefone 774913, encontra-se já em pleno funcionamento. Numerosos democratas têm afluido, a fim de participarem nas muitas reuniões de trabalho que ali, consecutivamente, se realizam. Muitos são, também, os que vêm para tomar contacto com o nosso Movimento, informando-se dos trabalhos em curso e oferecendo a sua colaboração.

3. — Neste momento, todas as freguesias de Lisboa se encontram organizadas Os democratas que desejem aderir ás respectivas comissões devem dirigir-se á sede da C. D. E.

4. — Tendo tomado conhecimento do apelo dos Centros Republicanos de Lisboa para que todos os democratas participem na romagem ao Alto S. João, a efectuar no próximo dia 5, ás 10 e 30, a C. D. E. decidiu aderir aquela iniciativa. Convidamos, pois, todos os republicanos e democratas a integrarem-se nesta homenagem aos heróis da Revolução Republicana.

Pela Comissão Política:
aa.) **Eugénia Moura e Mário Sottomayor Cardia**».

ACTUALIDADE ELEITORAL

● SESSÃO DA OPOSIÇÃO EM FARO — Hoje, pelas 21 horas, no Cine-Teatro Santo António, efectua-se a 1.ª sessão de propaganda da Oposição Democrática, no decorrer da qual usarão da palavra os candidatos a deputados por este distrito. Encontram-se já marcadas sessões em outras cidades e localidades algarvias, como oportunamente noticiámos.

● SESSÕES NO DISTRITO DE VISEU — Depois de multiplas diligências, a Comissão Eleitoral Democrática de Viseu, obteve a cedência do Cine-Rossio, daquela cidade, para a realização de uma sessão de propaganda eleitoral, a efectuar no próximo dia 4, pelas 20 e 30. Além desta sessão efectuar-se-ão outras, nomeadamente, no dia 11 em Lamego; dia 18 em Mangualde e no dia 20 em S. Pedro do Sul.

Entretanto, na sede da comissão distrital da U. N. efectuou-se uma reunião das 24 comissões concelhias daquele organismo com a comissão distrital, a fim de tratar de assuntos de vária ordem relacionados com a propaganda eleitoral.

● SESSÃO EM VIANA DO CASTELO — A Comissão Democrática de Viana do Castelo está a preparar o seu primeiro comício de propaganda para o próximo domingo, á noite, no Teatro Sá de Miranda integrado nas comemorações do 5 de Outubro.

● PROPAGANDA EM AVEIRO — No Teatro Aveirense realiza-se, hoje, a sessão de propaganda eleitoral promovida pela C. D. E. de Aveiro, que será presidida pelo dr. Manuel da Costa e Melo falando os candidatos drs. Alvaro Seiça Neves, Francisco Lima e Carlos Candal, e ainda a eng.ª Maria da Glória da Silva Pimenta, de Águeda, e o estudante universitário Ançã Regala.

O trabalhador português não é senhor do seu sindicato

—disse um orador na sessão do cinema Vale Formoso promovida pela C. D. E. do Porto

PORTO, 3 — Numerosos aspectos da política governamental foram criticados contundentemente pelos vários oradores da sessão de propaganda promovida ontem á noite pela Comissão Democrática do Porto, no cinema Vale Formoso, repleto de assistentes. Presidiu o dr. Armando Bacelar, que se encontrava ladeado pelos candidatos eng.ª Virgínia de Moura e srs prof dr. Teixeira de Sousa, Zeferino Coelho, Joaquim Felgueiras, Francisco Hortas, João Arnaldo Maia, dr Armando de Castro, Papiniano Carlos e dr. José Cardoso e, ainda pelos membros da comissão srs. José Salvador, Alexandre Ferreira Barros, Castro Ferreira, Edgar Correia e D Celeste Martins

O primeiro orador, o candidato jornalista João Maia, começou por resumir os objectivos dos democratas («lutar corajosamente até ao limite das máximas forças em defesa das grandes aspirações do nosso Povo, do seu proletariado e dos seus camponeses, dos pequenos e médios comerciantes e industriais vítimas da exploração dos grandes monopólios nacionais e estrangeiros que vivem sob a protecção de leis que os deixam sugar impunemente o sangue dos trabalhadores e as riquezas do nosso País»), e referiu-se a vários problemas da sociedade portuguesa, entre os quais o constante aumento do custo de vida e a crise do ensino, tendo afirmado que Portugal se tornou «o país mais subdesenvolvido da Europa, o mais analfabeto e o mais atrasado social, política e económicamente».

No capítulo das «liberdades fundadas fundamentais consignadas na Constituição», o jornalista João Maia fez várias considerações sobre a forma como é feita a censura á Imprensa, criticou a P. I. D. E e a alta da prometida Lei de Imprensa, os Tribunais Plenários, e depois de outras críticas ao actual regime, pediu o apoio de todos os democratas para que se possa alcançar a vitória desejada

Entre o sério e o jocoso

Do discurso da eng.ª Virgínia Moura que falou a seguir, destaca-se a afirmação de que, «existem muitos presos políticos a cumprirem penas elevadas.» Depois de ter indicado os nomes de alguns daqueles presos, desafiou os quatro candidatos da U. N. que se proclamavam defensores dos direitos humanos a fazer também o seu protesto

Falou depois o sr Alexandre Ferreira que fez uma crítica acerada, á política do Governo

Na sessão falaram ainda a sr.ª D. Celeste Martins (sobre o problema da maternidade) o sr. Alberto Teixeira (sobre a rejeição da lista da Oposição Democrática por Moçambique) e o sr José Salvador (sobre os sindicatos)

Este último orador frisou que «o trabalhador português não é senhor do seu sindicato» e apontou irregularidades praticadas com dirigentes do sindicato a que pertence

Por sua vez o estudante Edgar Correia criticou a política do Governo em relação ao Ultramar e o dr. José Cardoso leu uma denuncia sobre «o partidarismo da Emissora Nacional e da R T. P.»

O problema da emigração e a organização sindical mereceram largas considerações ao sr. dr. Armando de Castro que começou por dizer que «o verdadeiro nacionalismo pertence exclusivamente ao Povo, pois só nele se confunde com o espírito de sacrifício e que o actual Regime só tem sido pródigo nos sacrifícios que exige do povo, numa vida material de baixo nível, de insegurança, de negação da cultura originando um desespero que tem afirado centenas de milhares de portugueses para uma emigração nas piores condições»

Fez a seguir uma análise sobre a emigração, citando números e estatísticas e dizendo que com ela se perde o custo da formação humana e profissional das centenas de milhares de compatriotas, ao passo que aquilo que enviam para cá não passa de uma pequena fracção da riqueza que criam pelo seu labor em terras estranhas. Teve ainda o orador outras considerações sobre a vida sindical para defender a organização sindical livre

dhnenodinorca-bt c c c cc

O sr Joaquim Felgueiras leu depois uma mensagem de vários metalurgicos criticando um acto eleitoral do seu Sindicato

Como habitualmente a sessão terminou com o Hino Nacional

A Comissão Monárquica e a reunião da C.E.U.D.

Da Comissão Eleitoral Monárquica (C. E. M.) recebemos, com pedido de publicação o seguinte comunicado:

«Publicou a Imprensa um telegrama, em que o Senhor José Abranches Figueiroa Rego afirma ter enviado determinado telegrama á C. E. M

Embora não tenha sido recebido qualquer telegrama com o texto indicado, mas sim outro bastante mais lacónico, não podemos deixar de esclarecer que ninguém pretendeu «ludibriar» o Senhor Figueiroa Rego, o qual se deslocou espontâneamente á sede da C. E. M. entregando o seu certificado de eleitor e declarando-se interessado em subscrever a Lista Independente por Lisboa, o que foi aceite.

Não houve pois, por parte dos responsáveis pela C E D., qualquer diligência para atrair o Senhor Figueiroa Rego, que aliás ninguém pensaria em convidar.

A propósito do assunto em causa, foram recebidos na sede da C. E. M. dezenas de telegramas, dos quais nos permitimos transcrever um, que sintetiza o conteúdo de todos e a própria posição da C. E. M.

«Em face posição engenheiro Rego reafirmo V. Ex.ª maior confiança posição assumida. Assistir reunião não significa adesão mas obter melhor conhecimento todas correntes portuguesas. a) Jorge Melo Azevedo».

Lisboa, 1 de Outubro de 1969.

Pela Comissão Eleitoral Monárquica

aas) *eng.º Marco António Monteiro de Oliveira*
dr. Carlos Álvares de Carvalho

Os Nacionalistas Independentes pelo Círculo Eleitoral de Braga enviaram um telegrama ao Presidente da República

Da Comissão Eleitoral Nacionalista Independente do distrito de Braga, recebemos com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«Os candidatos a deputados nacionalistas independentes deste círculo, e a respectiva comissão

a Sua Ex.ª o Chefe do Estado, o seguinte telegrama:

«A Sua Ex.ª o sr. Presidente da Republica, Palácio Nacional de Belém, Lisboa

Excelência:

Os candidatos a deputados da Comissão Eleitoral Nacionalista Independente do Distrito de Braga, apresentam a V Ex.ª, autêntico intérprete do Portugal pluricontinental e plurinacional, os mais respeitosos cumprimentos e na Veneranda pessoa do chefe supremo das F Armadas prestam homenagem a todos quantos defendem a integridade do território português.

COMISSÃO

a) *Luís Folhadela de Oliveira, Angelo Soares da Silva» José Moreira, Augusto*

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO
PAQUETE «ANGOLA»

Avisam-se os senhores passageiros que a saída do paquete «Angola», inicialmente prevista para as 12 horas do dia 4 do corrente, foi transferida para as 22 horas do mesmo dia.

ACTUALIDADE ELEITORAL

● SESSÃO EM PIAS (BEJA) — Amanhã, pelas 20 e 30, em Pias, freguesia do concelho de Serpa realiza-se a 1.ª sessão de propaganda da Oposição Democrática. Usarão da palavra os srs Alfredo Rosa Alhinho dr Joaquim Acabado Janeiro, da comissão de candidatura, e os quatro candidatos — drs Urbano Tavares Rodrigues Aníbal Costa, Celso Pinto de Almeida e eng.º Areosa Feio

● SESSÃO DE PROPAGANDA EM AVEIRO — Esta noite, pelas 21 horas, no Teatro Aveirense efectua-se a primeira sessão de propaganda da Oposição Democrática deste distrito. Preside o dr Manuel Costa e Melo e são oradores os candidatos drs. Álvaro Francisco Lima e Carlos Candal O estudante universitário Ançã Regala e a eng.ª química D Maria da Glória Pinto de Águeda, também usam da palavra

● U N EM «MESA-REDONDA» — Os candidatos da U. N. de Coimbra visitaram, ontem os concelhos de Pampilhosa da Serra Lousã, Miranda do Corvo e Penela, contactando com os seus eleitores Segundo a informação da U N «estas reuniões foram realizadas em regime de *mesas-redondas*»

● U N EM VIANA DO CASTELO — Nos serviços de candidatura da U N em Viana do Castelo realiza-se, esta tarde, uma conferência de Imprensa dos candidatos por este círculo. O prof dr Gonçalves de Proença ministro das Corporações lerá um manifesto em nome dos candidatos da U N. por Viana do Castelo

● AS URNAS, ESPECIALMENTE — Nos diversos concelhos do distrito de Aveiro decorrem reuniões, á base das Comissões de Freguesia da União Nacional, no sentido da orientação a seguir nos trabalhos preparatórios do acto eleitoral especialmente no que se refere á comparência ás urnas no próximo dia 26

● REUNIÃO DA U. N. — A Comissão Distrital da U N de Faro reune-se esta noite, e espera poder anunciar amanhã os dias e as localidades onde vão decorrer as suas sessões de propaganda eleitoral.

● OPOSIÇÕES EM SANTARÉM — Os candidatos oposicionistas de Santarém são recebidos amanhã pelo governador civil, dando, depois, ás 15 e 30 uma conferência de Imprensa na sede da C D E., durante a qual será lida a «Proclamação ao Povo do Distrito». Ainda amanhã realiza-se a primeira sessão de propaganda, ás 21 e 30, no Teatro Rosa Damasceno A agenda das actividades e o programa político dos candidatos foram aprovados ontem, numa reunião a que assistiram muitas mulheres e jovens

para o estudante
desenhar, pintar, safar, escrever e colar
o professor aprova
Pelikan
Günther Wagner Pelikan-Werke Hannover

PERFIL DOS CANDIDATOS

Da C. D. E. de Setúbal

Inserimos a seguir a biografia dos candidatos da C. D E. pelo Distrito de Setúbal, segundo elementos fornecidos pelos respectivos serviços de candidatura.

Álvaro Monteiro

Álvaro Monteiro

Álvaro Ribeiro Monteiro, tem 27 anos e é natural do Barreiro, onde reside. Fez estudos secundários nesta vila, foi ferroviário e empregado bancário; recentemente desempenhou funções directivas no sector de organização e produtividade de uma empresa industrial. Actualmente é agente técnico de engenharia (estagiário), e estudante do Instituto de Estudos Sociais de Lisboa. Esteve ligado ao movimento associativo da Associação de Estudantes do Instituto Industrial de Lisboa, e integrou-se, desde o início, no Movimento Democrático Eleitoral, tendo sido um dos delegados da Oposição Democrática do Distrito de Setúbal aos Encontros Nacionais de Alcobaça, S. Pedro de Muel, Leiria e ao segundo Congresso Republicano de Aveiro.

Joaquim Palmeiro Gonçalves

O candidato Joaquim Palmeiro da Silva é natural de Grândola, e têm-lhe merecido especial interesse os problemas relacionados com a administração, desenvolvimento e prestígio da sua região. Alguns destes assuntos tem-nos tratado através da Imprensa. Foi vice-presi-

J. Palmeiro Gonçalves

dente do Sport Clube Grandolense onde apresentou um programa de actividades desportivas e culturais, e membro do Conselho Geral de Voluntários da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa. Em 1958, apoiou a campanha de candidatura do general Humberto Delgado.

Actualmente, é assistente social do Ministério da Justiça e quintanista da Faculdade de Direito.

Malheiro da Silva

José Malheiro da Silva, médico, é natural de Venede, concelho de Caminha, e tem 42 anos de idade. Frequentou os Liceus de Viana do Castelo e Braga e as Faculdades de Medicina de Coimbra e Porto, onde concluiu o seu curso. Radicado, há 10 anos, no distrito de Setúbal, tem exercido clínica nos concelhos de Seixal e Almada, residindo actualmente no Laranjeiro — Cova da Piedade.

Enquanto jovem, aderiu ao M. U. D. Juvenil e participou activamente no Movimento Associativo Académico de Coimbra. Em 1949, participou na campanha de candidatura do general Norton de Matos, e em 1951 foi um dos proponentes da candidatura do prof. Rui Luís Gomes. Apoiou igualmente a candidatura do dr. Arlindo Vicente, e, depois a do general Humberto Delgado.

Malheiro da Silva

Tavares da Cruz

José António Tavares da Cruz, nasceu em Setúbal há 33 anos. Economista, licenciado pelo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras de Lisboa em 1965, foi profesor da Escola Técnica de Almada. Exerce actualmente funções de economista numa empresa de Lisboa.

Tavares da Cruz

Dedicado à causa democrática desde jovem, empenhou sempre o melhor de seu esforço, tendo desenvolvido várias actividades sócio-culturais.

Em 1962, desempenhava o cargo de presidente da Associação do I. S. C. E. F. Tem colaborado nas páginas de cinema dos jornais «Gazeta de Setúbal» e «Setubalense» e na página de Economia do «Diário de Lisboa».

Aderiu desde o início ao Movimento Democrático Eleitoral, dando a sua adesão à C. D. E. de Lisboa, de cuja comissão coordenadora fez parte.

A política ultramarina do prof. Marcello Caetano

(Continuação da 1.ª pág.)

guinte trecho do discurso pronunciado por Paulo VI durante a sua recente visita a Uganda: «é claro que as populações interessadas têm o direito de aspirar á sua legítima autonomia. Mas em certas situações concretas o melhor método para alcançar tal autonomia — talvez mais lentamente mas com maior segurança — será o de preparar antecipadamente homens e instituições capazes de um verdadeiro e sólido autogoverno. Preparação que, queremos crê-lo, não só não encontrará obstáculos como será favorecida, na ordem e na colaboração, pelas autoridades responsáveis, durante um período de simbiose das populações indígenas com as de origem europela».

Penso, assim, que nos próximos anos o grande problema para o qual todos procuraremos uma resposta será o de saber se, como e quando serão tomadas medidas concretas na linha programática da política de autonomia progressiva afirmada pelo Chefe do Governo.

Assimilação cultural e assimilação política

A ideia da assimilação não foi por certo abandonada por uma larga corrente de opinião em que se incluem muitos dos mais activos partidários do actual regime. Confundem-se porém, frequentemente, os vários planos em que pode afirmar-se uma política de assimilação, designadamente os planos cultural, económico e jurídico-político. O que parece incompatível com a orientação seguida pelo prof. Marcello Caetano é o sistema de assimilação jurídica e política das províncias ultramarinas á Metrópole. Tal sistema conduziria, na lógica decorrente das suas permissas, a uma uniformização total da vida política e administrativa das províncias ultramarinas e da Metrópole; desapareceria o princípio da especialidade das leis aplicáveis aos territórios ultramarinos; desapareceria o próprio Ministério do Ultramar, passando os outros Ministérios a ocupar-se dos assuntos ultramarinos como hoje se ocupam dos assuntos dos distritos metropolitanos; finalmente, os deputados á Assembleia Nacional pelos círculos ultramarinos tenderiam a ultrapassar em numero os deputados metropolitanos, visto que as populações do Ultramar são mais numerosas, no seu conjunto, que as da Metrópole.

Outra coisa é a assimilação cultural que resulte naturalmente da coexistência e do convívio dos elementos de origem europeia com as populações africanas, podendo ser incentivada por acções educacionais e de formação. Aliás esta assimilação cultural funciona nos dois sentidos: não conduz apenas á absorção pelas populações africanas de certos aspectos da civilização europeia; leva do mesmo passo, os elementos europeus a adaptarem-se a novos estilos de vida fortemente influenciados pelo meio africano. O prof. Marcello Caetano sempre tem defendido este processo de assimilação cultural que é factor imprescindivel da «consolidação das sociedades multirraciais que cultivamos» a que se referiu na sua já citada «conversa em família».

Parece-me claro que as medidas a adoptar para promover a aplicação efectiva de uma política de autonomia progressiva deveriam visar, para além da autonomia administrativa já inscrita desde há muito nas nossas leis constitucionais, uma autonomia de conteudo político real e de base democrática — uma autonomia, em suma, que se insira nas instituições e nos métodos políticos e sem a qual a autonomia administrativa pouco mais seria que mera aparência formal. Só de tal modo poderia conferir-se autenticidade e dinamismo á «participação crescente das populações nas estruturas políticas e administrativas» a que se referiu o prof. Marcello Caetano.

Assim, o dilema fundamental a enfrentar pelos actuais governantes nos próximos anos ultrapassaria a opção, demasiado simplificadora, do abandono ou não abandono do Ultramar, podendo definir-se pela seguinte alternativa: ou manter a situação de imobilismo das estruturas políticas actuais ou lançar um processo dinamico de evolução genuinamente autonomista daquelas mesmas estruturas.

Progresso económico e evolução política

É evidente que a aplicação de um programa de medidas de carácter político e institucional teria que inserir-se no processo evolutivo sócio-económico das comunidades africanas e dos nucleos europeus nas suas estruturas próprias e nas suas inter-relações. É certo também que, aqui na Metrópole, não nos é possível conhecer suficientemente aquele processo evolutivo, visto que não tem sido dado ao cidadão comum dispor de elementos de informação adequados para tal efeito.

Entre as informações que nos chegam por via oficial acerca da evolução ultramarina nos seus aspectos económicos e sociais destaca-se, porém, a afirmação do prof. Marcello Caetano segundo a qual o desenvolvimento económico do Ultramar tem-se acentuado de tal modo que assume nalguns territórios «aspectos de autêntica explosão». Por outro lado, segundo informações dadas a publico por autoridades responsáveis, são igualmente espectaculares os progressos registados nos diversos graus do ensino e da formação profissional, desde o nível primário ao universitário.

Ora, nas comunidades humanas em rápida transformação os aspectos sócio-económicos e os factores de ordem poltica são componentes de um todo indissoluvel que postula uma programação global das medidas que visam a construção do futuro. Sob pena de se criarem perigosos atrasos e desfasamentos, impor-se-ia assim actuar sem descontinuidades não apenas no plano sócio-económico senão também no que respeita ás estruturas políticas.

Trata-se, na verdade, de populações que necessáriamente hão-de procurar uma expressão própria em todos os domínios da actividade humana. Quaisquer previsões para o futuro afiguram-se, no entanto, aleatórias. Há uma grande distancia a percorrer entre uma orientação programática abstractamente definida e a sua aplicação efectiva. A política de autonomia progressiva — admitindo-se que entre em fase de aplicação concreta — é susceptível de passar por multiplos estádios de evolução que, segundo a própria lógica do sistema, não podem ser predeterminados. Acresce que as virtualidades operacionais de tal política dependem de uma realidade africana complexa e contraditória — e não deixarão também de reflectir as nossas próprias contradições e dificuldades, no período de transição política ainda incerta que o País atravessa.

MANUEL BELLO

SOL-AR ■ SOL-AR ■ SOL-AR ■ SOL-AR ■
PORTAS EXTENSIVEIS
WOODMASTER
modernfold
NÃO SÃO APENAS PORTAS, MAS MAIS, MUITO MAIS!
SEPARANDO AS SALAS COMO DECORATIVAS PAREDES DESLIZANTES CRIAM AMBIENTES CONFORTÁVEIS E ACOLHEDORES
construídas nos materiais do futuro
modernfold: aço e vinyl
WOODMASTER: madeiras exóticas
Fábrica de Estores SOL-AR
ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO, 11965 - PORTO - TELEF. 61585
RUA PONTA DELGADA, 26 - ABC — LISBOA - TELEF. 40887
SOL-AR ■ SOL-AR ■ SOL-AR ■ SOL-AR ■

ITAU
INSTITUTO TÉCNICO DE ALIMENTAÇÃO HUMANA
Direcção de JÚLIO ROBERTO
CURSOS DE ALIMENTAÇÃO RACIONAL
— ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES —
Informações na:
Av. da República, 46-A, r/c., Esq.º — LISBOA
Telefones: 763307, 763201 e 763283

manifesto

Da Oposição Democrática ao povo de Leiria

Os candidatos da Oposição Democrática de Leiria tornaram publica uma «Proclamação ao Povo do Distrito de Leiria», que é do seguinte teor:

«Um regime que sempre se afirmou hóstil aos processos democráticos vai, mais uma vez efectuar eleições para deputados á Assembleia Nacional.

A adopção, por um regime de força, de uma fórmula democrática, não representa nenhuma generosa e espontanea manifestação de interesse pela participação do Povo na vida politica nacional, pois que essa adopção é apenas aparente. Até ao fim da segunda grande guerra, o Estado Novo apresentou-se ostensivamente como uma ditadura. Foi o triunfo das nações democráticas sobre as ditaduras nazi-facista — com que a nossa sempre se identificou —, foram as novas exigências internacionais, com o advento da O. N. U., e foi, sobretudo, a intensificação dos movimentos populares contra o regime que o forçaram a improvisar uma fachada democrática. A aparição publica da Oposição Democrática passou a ser episódica e constrangidamente permitida durante os periodos eleitorais. Mas não tendo sido abolida a censura prévia, nem extinta a P. I. D. E., não tendo sido revogados os preceitos que obstruem o exercício dos direitos de reunião, de associação e de expressão, não tendo o regime abdicado de intimidações, prisões, deportações, perseguições, demissões — as **suas** eleições jamais foram livres e democráticas. **As eleições realizadas pelo Estado Novo são verniz que mal encobre o domínio exercido por grupos restritos sobre a grande massa do Povo Português.**

Mas tanto lhe mingua o apoio popular que mesmo assim, o regime receia o resultado das **suas** eleições. Contra as reclamações de sempre das forças democráticas, jamais foi permitida a cópia dos cadernos eleitorais e a fiscalização do acto eleitoral. Só nesta campanha, e em condições que não satisfazem requisitos de igualdade para todos os candidatos, o Governo irá permitir a cópia dos cadernos e porventura a fiscalização de um acto para o qual serão apenas chamados cerca de 20% dos cidadãos metropolitanos e das Ilhas, quando, nos demais países da Europa a percentagem atinge perto dos 60%.

NAÇÃO IGUAL A POPULAÇÃO

A situação nacional só tem para nós uma referência e um objectivo: **a situação da população**. Esta afirmação de princípio corresponde a uma necessidade de coerência com o nosso entendimento de uma posição democrática que se constrói na prática colectiva e na luta.

«A Bem da Nação» tem sido lema de uma atitude política e fecho oficial das formas por que essa atitude política se manifesta. Por isso mesmo sentimos uma inibição, quase pudor, em falar em Nação; mas, também, por isso mesmo, temos de dizer urgentemente, qual é a nossa Nação Temos, urgentemente, de dizer que **a nossa Nação** é a população portuguesa e não alguns nacionais que defendem interesses seus e alheios, na administração publica ou na administração privada.

A situação da população portuguesa, no aspecto social, sumáriamente, porque desnecessária se torna larga exemplificação do que o povo a que nos dirigimos sente e vive, pode caracterizar-se por:

a) Numa informação, relativa a 116 países e datada de 1968, de 27 países europeus, Portugal era o segundo **com mais alta taxa de mortalidade infantil.** Enquanto na Europa morrem 31 crianças com menos de 1 ano em cada mil nascimentos, e na Suécia e na Suécia e na Holanda esse numero é inferior a 15, Portugal, nessa informação, apresenta o numero impressionante de **65 crianças mortas até 1 ano de idade, em cada mil nascimentos.**

b) Quanto **a condições de trabalho,** o nivel de remunerações é baixissimo, não há sindicatos verdadeiramente representativos, o sistemo de previdência é exigente em contribuições, rico de fachada, parco em realizações efectivas, lento na resposta a prementes actualizações.

c) Apenas 1 por cento das crianças portuguesas frequentam o ensino infantil. **Entrámos na década de 60 com 40% de analfabetos entre os portugueses com mais de 15 anos.** A Universidade está muito longe de preparar um numero de quadros que nos permita vencer o subdesenvolvimento; instituição reservada a minorias privilegiadas, **apenas 40 por cento dos seus alunos provêm das classes trabalhadoras.**

proclamação dos candidatos da oposição democrática do distrito de LEIRIA

GRUPOS DOMINANTES

A população portuguesa baixou entre 1960 e 1968, nas classes de idade dos 15-19 e 20-24 anos. As ultimas «Estatisticas Demográficas», de 1968, revelam uma quebra de mais de 60 000 portugueses nessas idades e, nesses elementos estatísticos, não se inclui a emigração clandestina nem a juventude mobilizada para a guerra em África.

Temos uma **Agricultura** que foi sacrificada a um desenvolvimento de feição industrialista que não se consumou, mas de que a agricultura sofreu o peso e não o impulso que a politica do regime definiu como reflexo da industrialização. Falar em **Reforma Agrária** é afirmar que a questão agricola portuguesa exige que se considere menos em termos de maus ou bons anos meteorológicos e mais em termos de estruturas, de regime de propriedade, de dimensão de explorações.

A Industria caracteriza-se por se encontrar em fase de depressão critica de um processo condicionado por:

—uma situação social que enquadrou num mitigado desenvolvimento a temer tensões sociais, resultante na prática em travão do desenvolvimento;

— uma evolução do capitalismo internacional (arrastados por movimentos de integração europeia, ligados á E. F. T. A. e a recear as fórmulas mais avançadas do Mercado Comum) em que a economia nacional faz o papel de **vitima protegida** sempre adiada a possibilidade de sermos comparsas sem estatutos especiais que não aproveitamos;

— uma legislação que protege grupos restritos de industriais e financeiros e não enfrenta situações nem tem em vista a integração da actividade económica numa sociedade, com o

(Cotinua na pág. 10.ª)

ELEIÇÕES LEGISLATIVAS DE 1969

d) A emigração caracteriza a situação social portuguesa e, no contexto em que nos nossos dias se verifica, é um reflexo de **condições sociais repulsivas:**

— **Somos um País de onde os nacionais fogem;**

— **Somos um País onde os braços não encontram onde ocupar a sua força para alimento das suas bocas e de seus compatriotas;**

— **Somos um País onde um homem jovem é mais considerado como um peso social do que como a alavanca de todo o processo, porque não encontra condições sociais para produzir mais do que consome, por muito baixo que seja (e é!) o nível das suas necessidades;**

— **Somos um País em que cada homem se descobre integrado numa forma de organização social em que não é aproveitado como elemento válido; e o reflexo dessa situação é a procura de solução homem a homem: A EMIGRAÇÃO.**

escola de hotelaria alexandre d'almeida LISBOA
CURSOS
PARA UM FUTURO MELHOR
CURSOS DE HOTELARIA: COZINHA • MESA
GOVERNANTAS DE ANDARES • RECEPÇÃO
ECONOMATO • DIRECÇÃO HOTELEIRA
(APERFEIÇOAMENTO) • CURSOS DE TURISMO (APERFEIÇOAMENTO)
INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES
Av. António Augusto de Aguiar, 21 1.º Tel. 46806 Lisboa
sonarte - EHL

A reforma agrária

Mesa-redonda em que tomaram parte Fernando Gomes da Silva (pela C. D. E.), Gonçalo Ribeiro Telles (C. E. U. D.), e Luiza Manoel de Vilhena (C. E. M.)

No debate em mesa-redonda sobre problemas básicos da lavoura e, em especial sobre Reforma Agrária, participaram a sra. D. Luiza Manoel de Vilhena, candidata da C. E. M.; o engenheiro-agrónomo e arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles, candidato da C. E. U. D. e o engenheiro-agrónomo Fernando Gomes da Silva, pela C. D. E. Serviu de moderador, a convite do «Diário de Lisboa», o finalista de Silvicultura Victor Louro.

O sr. engenheiro-agrónomo Gomes da Silva não participou nesta mesa-redonda em representação da C. D. E. Foi convidado por representantes deste movimento para substituir um elemento desta Comissão Eleitoral que, por motivos de saúde, não pôde comparecer. Assim, entende que as opiniões por si expressas são de sua exclusiva responsabilidade e não comprometem a C. D. E.

LUIZA MANOEL DE VILHENA — Creio que o primeiro passo nesta troca de impressões deverá ser formular a pergunta: o que é a reforma agrária? Há certas palavras e certos termos que pouco a pouco se vão desvirtuando e acabam por adquirir um sentido restrito que os associa a uma ideia que exprime apenas um aspecto do seu verdadeiro significado, ou até um significado diferente daquele que em verdade lhe deveria corresponder. A reforma agrária, no seu sentido geral, é a reforma das estruturas da exploração agrícola e pode portanto exercer-se sobre as mais diversas formas e orientações. Mas, quando nos ultimos anos se fala no mundo de reforma agrária, quase invariàvelmente a palavra é usada no seu sentido político, aliciantemente demagógico, significando a divisão da propriedade ou da grande propriedade em pequenas parcelas a serem distribuídas por famílias de trabalhadores rurais. E o problema, posto nesse plano, considero-o uma utopia que só pode ser considerada socialmente desejável, económicamente rentável, e benéfica para os interesses superiores dos países, por quem desconheça quais os

Luisa Manoel de Vilhena

resultados que tal medida tem dado nas experiências nacionais e estrangeiras que dentro desse espírito têm sido empreendidas. Trata-se aliás duma ideia ultrapassada, porque o tão romanticamente falado amor á terra quase já não se verifica. Pelo contrário, hoje dá-se sobretudo a fuga da terra. Portanto, se para esta mesa-redonda reforma agrária significa uma posição política, de espírito facciosamente socialista e alheio ás realidades económicas assim como aos justos direitos dos proprietários rurais (os que são conscientes das suas responsabilidades), então eu sou contra a reforma agrária. Mas, se nesta troca de impressões, a reforma agrária for considerada como um complexo problema de multiplas facetas abrangendo todas as alterações que se torna necessário planificar para progressivamente ir transformando a estrutura agrária e os processos de exploração da agricultura portuguesa para maior interesse nacional, então eu estou de acordo com a urgente necessidade de uma reforma agrária.

RIBEIRO TELES — Em grande parte concordo com muitas das afirmações da Luiza Manoel Vilhena. Considero que a reforma agrária deve constituir parte integrante de todo um plano de reconversão e de reestruturação, principalmente no nosso País em que problemas de fertilidade e de ordenamento são primordiais em relação a quaisquer outros. Uma autêntica reconversão só pode ser conseguida tendo em atenção uma série de problemas-base que dizem respeito ao aumento e manutenção do fundo de fertilidade das terras. Problemas que terão de ser encarados e justificar um planeamento ao nível nacional e regional de defesa e de valorização da água e do solo. A destruição progressiva do fundo de fertilidade que se processa em muitas regiões no nosso País e cujas principais causas adiante apontaremos é enquanto se verificar comprometedora duma reforma agrária enquanto tal destruição não for sustida. A destruição do fundo de fertilidade tem causas diversas: 1.º, a erosão do solo provocada por má técnica cultural pela desarborização ou pela plantação de matas extremes como por exemplo eucaliptais. Estes ameaçam cobrir grandes áreas de muitas regiões e constituirão dentro de alguns anos um grave problema; 2.º, o assoreamento das várzeas não compartimentadas nem defendidas atravessadas por cursos de água divagantes, com um regime irregular; 3.º, fomento de culturas inadequadas para determinadas condições, técnica imperfeita, uso abusivo de adubos e pesticidas, etc. Aspectos estes dum dos lados do problema. Mas há outras facetas a analisar. Por exemplo: a expansão urbana e industrial vai ocupando muitas áreas de terras de óptima qualidade, prejudicando uma verdadeira política do solo e destruindo zonas de imenso valor agrícola. No distrito de Lisboa localizam-se cerca de metade dos 22% de solos do País que podemos considerar bons, quanto a aptidão agrícola. Pois bem! estas terras estão a ser ocupadas por bairros e fábricas sem se atender sequer ao Plano Regional de Lisboa que as destina para uso agrícola. A especulação tudo comanda. Na várzea de Loures, indispensável como produtora de produtos frescos — leite, carne e legumes —, proliferam os bairros habitacionais em condições de sanidade impróprias, duramente atingidos nas ultimas inundações e também muitos conjuntos fabris.

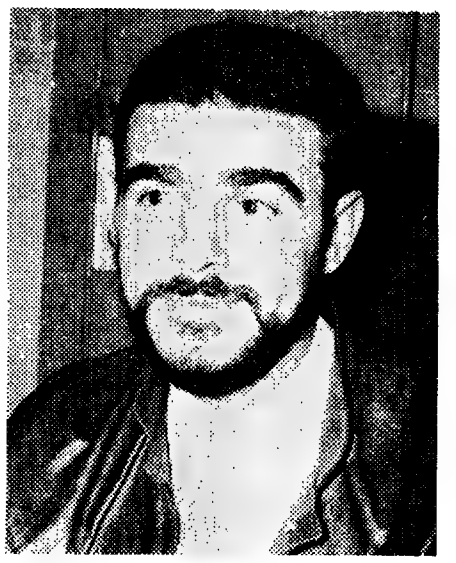
A propriedade como mero objecto de venda

A verificação das estruturas agrárias, em grande parte destruídas no Sul do País pela monocultura extensiva e pelo capitalismo que transformou a propriedade agrícola e consequentemente a exploração em mero objecto de venda, retalho e anexação sem ter em atenção o periclitante equilíbrio biológico, indispensável á existência duma agricultura não degradante, será outro aspecto a considerar paralelamente com o da fertilidade (defesa do solo e da água) quando se resolver enfrentar o problema da reforma agrária. Portanto, era esta questão prévia, da permanência e valorização do fundo de fertilidade e do equilíbrio biológico do campo que eu queria introduzir no início da discussão como base indispensável sem a qual não poderá existir reconversão agrária nem qualquer reforma poderá valorizar social e culturalmente o mundo rural.

GOMES DA SILVA — Creio que abordar o tema da reforma agrária sem tentar uma definição prévia daquilo que se entende por estas duas palavras seria entrar num espírito de confusão, quer para os participantes da mesa-redonda, quer muito principalmente para os leitores, cujas opiniões são capazes de divergir muito mais entre si do que entre os próprios participantes desta mesa. Eu penso que a agricultura como sector agrícola duma economia integrada deverá satisfazer cabalmente os três pontos que passaria a enumerar: primeiro, satisfazer uma procura no mercado interno evitando graves tensões sobre os preços isto tendo em conta as aptidões das várias regiões produtoras do País; segundo, contribuir para uma melhoria da balança de pagamentos não só com uma quantidade diversificada de géneros exportáveis, portanto com possibilidade de concorrência no mercado internacional, como também produzindo aqueles produtos que podendo ser produzidos internamente evitam determinado tipo de importação; e, por ultimo, garantir a todos aqueles que exercem a sua actividade no sector um nivel de vida que comparado com os dos outros sectores possa ser considerado aceitável. Ora, creio que o sector agrícola em Portugal não satisfaz nenhum destes pontos ou pelo menos satisfá-los em condições bastante deficientes e portanto que uma reforma agrária devia ser conduzida no sentido de tornar o sector agrícola capaz de satisfazer qualquer destes aspectos. Evidentemente que num caso como este, uma reforma agrária não poderá ser de maneira nenhuma apenas uma reforma de estrutura fundiária. Deverá sê-lo com certeza em determinadas zonas e para determinadas explorações, mas não poderá ser de modo nenhum apenas isso, como me parece que não poderá ser de modo nenhum apenas uma acção sobre qualquer dos aspectos parcelares do sector agrícola. Porque reformar, como a própria palavra indica, é dar uma nova forma, não é portanto criar determinados remendos ou encaminhar determinadas situações parcelares; reformar, para mim, tem na verdade um sentido global: há portanto que dar ao sector, globalmente, uma nova forma. E o sector não é apenas estrutura fundiária, não é apenas estrutura de exploração, não é apenas circuitos de comercialização, não é apenas formas e sistemas de produção, não é apenas formação de mão-de-obra, mas é tudo isto integrado segundo as técnicas, quer agronómicas, quer económicas, que neste momento mais aptas se mostrarem para fazer produzir o sector. Por outro lado penso ainda que uma reforma agrária deve ser algo que leve o sector agrícola a uma eficácia social muito maior do que aquela que ele tem tido actualmente entre nós. Penso, portanto, que todas as vias de execução duma reforma agrária devem ter em consideração os diferentes aspectos do sector e devem ter em consideração que reformar para tornar pior, será melhor não reformar. Portanto, penso que seria necessário obervar cuidadosamente aquilo que poderia ser feito para incluir numa reforma agrária, de tal modo que dessa reforma não resultasse uma situação pior ainda do que aquela em que estamos. Isto não quer dizer que não seja necessária a reforma, mas quer dizer que a reforma tem de ser cuidadosamente pensada e elaborada. Que esse cuidadosamente pensada e elaborada não seja um pretexto para que a reforma não se faça, como por vezes parece ter acontecido em Portugal nos ultimos anos, mas que seja uma condição que está presente ao estudar as possíveis vias duma reforma agrária.

RIBEIRO TELES — Estou de acordo com o que acabou de dizer o Gomes da Silva. Integra-se perfeitamente naquilo que acabei de dizer. Reformar, diz respeito a uma acção integral sobre todos os problemas agrários desde os da fertilidade e do equilíbrio biológico até aos da estruturação da exploração e da propriedade. Evidentemente que reformar o campo, a agricultura, levianamente sem bases físicas e biológicas ou técnicas e humanas, será conseguir uma maior miséria e uma maior dependência do mundo rural. De resto, como todos sabemos, hoje não existe fome de terra, como muito bem disse a Luiza Manoel de Vilhena, hoje verifica-se é a fuga da terra. Será um dos problemas a evitar com uma reforma agrária. A unica maneira que eu vejo de a evitar. será criando condições de trabalho justas e remuneradas e possibilitando viabilidade económica ás explorações agrícolas. Estou no entanto convencido que, em muitos casos, será a própria comunidade, a própria sociedade, todo o País, que terá de contribuir no seu próprio interesse para que o nível de vida das populações rurais seja tão digno que evite o éxodo para a cidade dado que há serviços prestados por aquelas que não poderão ser remuneradas pela venda dos produtos.

MODERADOR — Talvez pudéssemos debater agora o problema seguinte: reforma agrária pode ser de algum modo encetada separadamente de outras reformas conjunturais ou, pelo contrário, acham indispen-



Vitor de Louro

sável que se verifiquem certas premissas para que uma reforma agrária possa ter o bom êxito que se deseja?

RIBEIRO TELES — É evidente que a reforma agrária tem de ser acompanhada não só por medidas no campo da agricultura e do mundo rural, mas também no ambito da economia nacional. Estou, por exemplo, a lembrar-me que o desenvolvimento industrial da região de Lisboa só poderá ser efectivamente sadio se for acompanhado paralelamente por um desenvolvimento rural da agricultura do próprio distrito. E, portanto, volto a insistir na necessidade que há do planeamento dever atingir todos os objectivos desejados da reconversão agrária. Este planeamento para que resulte terá que dar origem a possibi-

Ribeiro Telles

lidades concretas de execução. Todo o País deverá ser abrangido por projectos de ordenamento. Evidentemente que à reforma agrária em Portugal dadas as diferenças regionais que existem entre o Norte e o Sul do País não poderá seguir critérios uniformes. As diferenças são tão grandes que a reconversão e a reforma agrárias terão que apresentar medidas e critérios de acção e estruturação diferentes. Nós podemos afirmar que no norte existe uma organização da agricultura que vem dos romanos, e no sul a exploração agrícola é,

quase sempre, produto de dois aspectos: Um, a mono-cultura, extensiva e outro a exploração da cortiça e do gado. Portanto, aspectos absolutamente afastados que exigem no espaço e no tempo soluções diferentes.

O emparcelamento da pequena propriedade

LUISA MANOEL DE VILHENA — Eu creio que dentro da moderna concepção de progresso, toda a economia de um país tem de ser planificada em conjunto, sobre todos os seus aspectos. Portanto, o problema, agrícola português faz parte da economia nacional e deve ser equacionado de forma a servir da melhor maneira a economia portuguesa. Para isso, é preciso que se verifique dentro dos mais diversos campos, e de acordo com medidas, tanto de alcance social como de alcance técnico, descendo até ás estruturas e entrando em todos os pormenores. Para principiar, talvez deva ser aqui discutido o velho, eterno problema, de que tanto se tem falado em Portugal, da divisão e do emparcelamento. Ao contrário do que o grande publico possa imaginar, o principal problema agricola português, neste campo da divisão de propriedade dentro do interesse nacional, é o emparcelamento da pequena propriedde no norte do País e não a divisão da grande propriedade do Sul. Porque, em termos de economia agrícola, existe para cada região do País, como para cada região do Mundo, aquilo a que se chama a exploração agrícola ideal, isto é, uma área de terreno cuja dimensão permita, dentro da técnica actual,uma exploração feita em condições de produzir ao mais baixo preço o que, como se sabe, é o objectivo pretendido dentro da economia moderna e a unica forma de se poder abastecer em boas condições o mercado interno e competir nos mercados internacionais. Portanto, para a economia nacional, o sistema mais adequado seria todo o país dividido em explorações agrícolas ideais. Mas é claro que a área da exploração agrícola ideal varia de região para região do país. A área ideal duma exploração agrícola é, evidentemente, menor em terras ricas do que em terras pobres, maior em terras de sequeiro do que em terras de regadio. E assim acontece que se, em terras regadas, se pode tornar possvel uma exploração económicamente rentável de poucos hectares, uma herdade alentejana de terra pobre, de sequeiro, necessita de ter centenas de hectares para que a sua exploração seja ecose pode tornar possível uma exploração económicamente viável—partindo do princípio que suponho duvidoso, de que neste momento seja economicamente viável, dentro das condições existentes, a exploração de terras de sequeiro em qualquer parte do país. O Norte do país, pulverizado em milhentas pequenas propriedades cuja área diminuta torna impossível a utilização da técnica moderna, representa um aspecto negativo e altamente prejudicial para a economia nacional. Existe aliás uma lei que antigamente não permitia a divisão em parcelas menores do que um hectar, e que foi agora um pouco alterada pelo novo código. Essa lei, creio que n.º 1366 do Código Civil, diz que não se pode dividir o terreno em parcelas menores do que a área considerada a mínima rentável para cada região. Simplesmente, não está estabelecido qual a área mínima rentável para cada região. Esta lei, no entanto, não resolve de forma alguma o problema, pois as áreas das actuais propriedades existentes já são insuficientes. Só o emparcelamento pode resolver esse problema: emparcelamento por legislação, o que nos parece contrária ao desejo dos pequenos proprietários, ou emparcelamento por cooperativas voluntárias o que seria a solução ideal e que o Estado deveria, hábilmente, procurar incentivar. Consta, de resto, que a actual tendência no Norte do Pas é justamente no sentido de alargar a pequena propriedade pela compra dos terrenos vizinhos. Essa compra tem sido facilitada pelo dinheiro mandado pelos emigrantes: que haja ao menos uma pequena vantagem em tão lamentável situação como é a da emigração maciça do nosso povo. E por outro lado já acontece que, em algumas regiões, os pequenos proprietários voluntàriamente se associam. Isto quanto ao emparcelamento, que em nosso entender, sobre o aspecto da divisão da terra, é o mais grave problema agrário português. Mas isto não quer dizer que não seja também de considerar o problema do latifúndio. Quanto ao latifúndio, é necessário esclarecer que há várias espécies de latifúndios. Uns convenientes para o País, outros nefastos. Em primeiro lugar, conforme já disse, deve ser sublinhado que em terras pobres de sequeiro as explorações menores do que algumas centenas de hectares, não são económicamente exploráveis; em 2.º lugar, é preciso fazer a diferença entre a grande propriedade rústica utilizada apenas como investimento seguro do capital e sujeita a arrendamentos, sendo portanto propriedades inadequadamente exploradas, e propriedades rusticas apropriadamente exploradas. Eu entendo que o País tem o direito de exigir que todas as terras sejam devidamente exploradas, o que não é possível no regime de arrendamento a curto prazo, pois o rendeiro, como é natural, pretende apenas tirar o seu lucro, aliás muito magro, dentro das actuais condições da lavoura, sem se preocupar com a conservação da riqueza da terra que a pouco e pouco se vai esgotando. Mas isso não impede que possa também haver algumas grandes explorações úteis para o País, porque o que se procura hoje no Mundo, tanto no campo da indústria como no campo da lavoura, são explorações cujas condições técnicas permitam obter produtos ao mais baixo preço: porque a forma de elevar o nível de um país é, por um lado, conseguir competir nos mercados internacionais, por outro lado, abastecer o país, de maneira a satisfazer as necessidades do grande público. E dentro disso, dentro do interesse nacional, deverão ser estudadas quais são as transformações necessárias a exigir à lavoura portuguesa. Mas é também indispensável proporcionar à lavoura portuguesa, um condicionamento dentro do qual essa técnica possa ser aplicada e uma orientação que lhe permita saber o que quere e para onde vai. Porque às responsabilidades que forem exigidas, e que considero indispensáveis, é preciso que por outro correspondam as possibilidades e a orientação para que essas responsabilidades possam ser cumpridas.

Por uma reforma global da economia portuguesa

GOMES DA SILVA — Começando por referir um ponto da exposição do Ribeiro Teles eu não queria deixar passar em claro o aspecto do projecto global que deve de facto constituir a reforma agrária. A reforma agrária não pode de facto ser desligada de uma reforma global da economia portuguesa. Quer dizer que não faz sentido pensar que podemos pegar no sector agrícola separadamente e reestruturá-lo em todos os seus aspectos, deixando por reestruturar, por mexer, os restantes sectores da economia nacional. E isto parece-me que é um aspecto fundamental ao discutir o problema da reforma agrária. Porque, se o esquecermos, cairemos exactamente em discutir um aspecto parcial para o qual procuraremos encontrar soluções que vão fatalmente esbarrar ou que vão fatalmente de encontro a situações constituídas que não seriam mexidas, na hipótese de apenas se mexer no sector agrícola. Eu permitia-me introduzir aqui uma pequena citação do dr. Francisco de Moura, exactamente da mesa redonda que o «Diário de Lisboa» publicou sobre o planeamento económico e social. E fazia-o, embora ela seja já conhecida pelos leitores, porque me parece que resume de facto muito bem, aquilo que eu mesmo penso sobre o que poderá ser qualquer projecto de reforma na sociedade portuguesa actualmente. Dizia o dr. Moura «não nos pode satisfazer de modo nenhum ácerca dos grandes problemas da sociedade portuguesa que a propósito dos trabalhos do sector agrícola, pessoas independentes, sejam técnicos ou não, venham dizer que era preciso fazer isto ou aquilo; e que a propósito do sector industrial as mesmas pessoas vão dizer que é preciso isto ou aquilo, e até às vezes, impôr ou encaminhar em determinado sentido as decisões se tiverem muita força para isso. Isto não satisfaz. E não satisfaz porque essas várias e profundas transformações ligam-se umas às outras e ou constituem um sistema coerente ou nunca representam uma alteração séria e profunda na sociedade portuguesa. Mais, até algumas propostas podem parecer caricatas quando desligadas dum conjunto». E creio que era aquilo em que poderíamos cair ao analisar isoladamente qualquer projecto de reforma agrária». Ora na orgânica actual e era de esperar que assim fosse, apesar das transformações mais recentes não há possibilidade de projectos globais de transformação da sociedade portuguesa serem apresentados. Projectos globais diferentes daquele que o próprio Governo constituído pensa e que ele próprio apresenta. Não há de facto na nossa estrutura política lugar para isso». Este, parece-me que é um aspecto que fatalmente teria de vir ao cima ao discutir o aspecto da reforma agrária no actual momento político português. Parece-me que a reforma agrária não é mais do que um pretexto, um pretexto ligado ao sector agrícola para encarar as transformações da sociedade portuguesa em Outubro de 1969. E parece-me, de facto, que não foram ainda criadas entre nós as possibilidades de qualquer projecto de transformação global que não seja aquele que de facto o poder constituído apresenta.

Eu penso que isto é importante. Penso também que um projecto de reforma agrária deveria ser participado pela população em geral. Dir-me-ão, evidentemente, que a população não está capaz de entrar numa discussão deste tipo. e portanto não é possível discutir um projecto deste tipo junto da população. Mesmo pensando que assim seja eu penso que era muito importante que, tanto quanto fosse possível e o mais profundamente que fosse possível, a população pudesse participar em projectos deste tipo. São projectos suficientemente remodeladores duma sociedade para que não se permita que eles sejam elaborados no gabinete por meia dúzia de pessoas, mais ou menos iluminadas, mais ou menos preparadas para o assunto. Terminando por agora este aspecto, eu gostaria de referir outro ponto levantado pelo Ribeiro Teles e que me pareceu ser relativo a uma contribuição de todo o país para uma modificação do sector agrícola ou uma situação do sector agrícola diferente daquela que actualmente existe. Eu não sei se percebi bem qual a era a sua ideia, mas queria ressalvar aqui um aspecto; parece-me que num país como o nosso em que o produto do sector agrícola representa ainda 1/6 do produto nacional e em que a população activa agrícola representa ainda 2/6 da população activa total, não é possível suportar programas de auxílio à agricultura tão intensamente como acontece noutros países, como seja a Inglaterra, os Estados Unidos, a própria Suécia, em que a população activa baixou para níveis reduzidos e o produto agricola representa também muito pouco do produto nacional. Não sei se era esta a ideia, mas de qualquer modo no meu ponto de vista eu ressalvo realmente este aspecto: não me parece possível pensar que vamos encarar aeconomia do sector agrícola como uma economia subsidiada quando ainda tanta gente e tão grande parte do produto nacional resulta desse mesmo sector. E isto porque se o fizessemos parece-me que caminharíamos ràpidamente para o estrangulamento da economia portuguesa como um todo. Muito ràpidamente, queria ainda dizer alguma coisa sobre a exposição feita pela Sr.ª D. Luísa Manuel de Vilhena. Depois daquilo ue disse acerca do que para mim seria um projecto de reforma agrária creio que não podemos apenas ficar nos aspectos de parcelamento ou emparcelamento, embora eu concorde que há problemas de emparcelamento e problemas de parcelamento de propriedade. Em todo o caso penso que o problema da reforma agrária poderá, num projecto global de modificação, ser encarado com outros aspectos; por exemplo, poderíamos pôr, pelo menos como hipótese que amanhã, a um Governo de tipo radicalmente diferente daquele que nos governa, se poria, a nacionalização do território nacional, portanto, num esquema que sai completamente das normas que actualmente temos presentes para a estruturação da

Gomes da Silva

(Continua na pág. seguinte)

A reforma agrária

(Cont. da pág. anterior)

economia. E isto acarreteria, imediatamente, uma situação totalmente diferente quanto a problemas de parcelamento e emparcelamento. Eu não estou a defender a nacionalização do território, nem estou a atacá-la, mas estou apenas a referir que projectos radicalmente diferentes daqueles a que estamos habituados podem conduzir a soluções também radicalmente diferentes daqueles em que estamos habituados a pensar, a soluções em que haja quebra efectiva de direitos adquiridos a pensar. Não creio mesmo que a solução e isto agora já nos esquemas a que estamos habituados, não creio que a solução cooperativa seja a solução para a agricultura do Norte do País. Parece-me que ela fica àquem do nível que será necessário atingir. É evidentemente uma solução que vai melhorar, mas que vai parar a determinada altura, quer dizer, a partir de um certo nível não é possível melhorar mais com cooperativas. A reforma tem de ser mais profunda para de facto avançar e creio que o nível a que ficamos com as soluções cooperativas, será um nível que neste momento nos deixa já atrazados em relação à Europa.

RIBEIRO TELES — Parece-me, desculpem o atrevimento, que terei de voltar ao princípio. É evidente que reforma agrária não é já em parte nenhuma emparcelar ou dividir. É um processo muito mais profundo que atinge todo o sector rural e a própria paisagem. Quando a Luísa Manoel de Vilhena se referiu ao problema do Alentejo, considerou que havia um certo fatalismo quanto às condições físicas, geográficas e de paisagem dessa província. Eu pelo contrário julgo que o Alentejo será antes uma consequência da degradação a que uma agricultura mal conduzida pode levar.

LUISA MANOEL DE VILHENA — E não disse que havia um fatalismo quanto às condições físicas e geográficas do Alentejo, disse apenas que para as terras de sequeiro alentejanas não foi ainda encontrada, ou indicada, dentro das circunstâncias actuais, uma solução de exploração rentável.

RIBEIRO TELES — Evidentemente que se me disserem que a divisão da propriedade do Alentejo resolveria desde já todos os problemas eu responderia que não. Há de facto um enorme trabalho de reconversão agricultura sã.

A fertilidade não resulta sòmente do metro quadrado em que se processa a produção, resulta também de muitos outros elementos que estão afastados dessa área, tais como matas, sebes, rios biològicamente protegidos, etc. Portanto, eu julgo que, no Sul do País, marcado pelo fácies mediterrânico, pela exploração monocultural extensiva, há muito a fazer no que diz respeito à construção de uma paisagem, isto é, de um campo que permita o desenvolvimento das condições físicas e biológicas a realizar sem o qual não poderá haver uma volvimento de uma agricultura viável.

Por outro lado, eu não vejo necessidade de aumentar a produtividade da agricultura, senão houver paralelamente um aumento de consumo devido ao crescimento da população urbana e às suas maiores possibilidades conómicas, quer em quantidade, quer em qualidade. Portanto, está absolutamente relacionado com o crescimento populacional do País o progresso da agricultura. Basta dizer que sempre que o crescimento urbano e industrial se verifica a procura de produtos proteícos vem alterar benèficamente o enquadramento cultural da agricultura. Ela terá de ir procurar, através da melhoria de técnica, através da adaptação das explorações agrícolas, responder a essa procura

Quanto à questão do emparcelamento do Norte do País julgo serem aí muito mais difíceis os problemas de reconversão e reforma agrárias do que no Sul, dada a mais velha estruturação rural, as mais remotas raízes de todo o sistema agrícola, que como já referi é ainda dos romanos alterado substancialmente no século XVI com a introdução do milho, que fez subir as zonas regadas e também os gados que passaram a utilizar pastagens de pior qualidade. No entanto, apesar disto, manteve-se sempre um certo equilíbrio que hoje está a ser totalmente destruído pela plantação de matas extensas de eucaliptais e pelo abandono dos campos. Estou convencido de que o primeiro passo que a agricultura portuguesa terá que dar será o de fornecer os produtos alimentares indispensáveis ao mercado nacional. Mas, esse mercado terá de aumentar as suas possibilidades. Novamente insisto em que as questões de planeamento têm uma importância enorme neste primeiro passo da reconversão agrária Não vejo, por exemplo, como é possível abandonar terras de excepcional qualidade a uma cultura rotineira, como, por exemplo, grande parte da lezíria de Vila Franca, por outro lado, construir um regadio em terras muito mais pobres, como, por exemplo, as de Odemira, quando as primeiras estão às portas de uma cidade que vai atingir dentro em breve um milhão de habitantes e as outras estão afastadas de qualquer mercado importante.

Quanto à participação da população nos projectos de reforma agrária a que se referiu o Gomes da Silva, acho que é indispensável, porque não acredito que nenhum projecto, quer seja de reforma agrária, quer seja de urbanização, quer seja de qualquer outra coisa, possa ser elaborado em laboratórios ou em gabinetes sem um contacto directo com a comunidade nacional e sem que esta seja vivificada pelo contacto com esses problemas.

Quanto ao outro aspecto a que ele se referiu — a participação do País no nível de vida da população rural — eu de facto tenho uma ideia assente: Não é possível que uma comunidade nacional deixe de, directa ou indirectamente, pagar determinados serviços à população rural. Serviços que nada têm que ver com a venda dos seus produtos. Estou a lembrar-me para melhor me fazer entender de um caso da Suíça: No alto das montanhas, a população rural vivia da produção de leite. Vida dura, o produto não tinha condições e conómicas de concorrência no mercado e essa população não atingia um nível de vida viável. Deu-se o abandono dos campos, o que acarretou imediatamente o aumento do número de avalanchas e um prejuízo enorme a todo o sistema de turismo de inverno. A população agrícola foi sugestionada a voltar novamente para as suas terras, mediante uma retribuição e facilidades de transporte que a sociedade lhe passou a garantir. O mesmo estou convencido que se dará, em relação a outros países, no que diz respeito aos fogos nas matas. O mais eficaz policiamento das matas será feito por uma população agrícola fixa interessada. E, portanto, a comunidade nacional, necessitando cada vez mais, agora por motivos de cultura, de turismo e de recreio, da existência de um campo e de uma paisagem absolutamente adaptados receber populações sedentas de férias, de descanso e de ar livre, terá que possibilitar a existência digna de quem as conserve e trate.

Todo o problema da reconversão e da reforma agrária é um problema de ciência, de técnica e de arte e portanto um problema de promoção humana, porque se de facto o solo pode ser de alguém, a paisagem, aquilo que se usufrui, é da comunidade e a sua construção sobre diversos aspectos é da responsabilidade de todos.

Publicaremos amanhã a segunda parte deste importante debate.

"América em Fogo", de James Hepburn, é a única resposta válida ao "Desafio Americano" até agora publicada. É um livro terrível, documentado em dados oficiais, uma anatomia da América que nos descobre o reverso da medalha dourada do grande colosso. Das intrigas de Estado à psicopatologia do Poder, das manobras dos trusts à política palaciana, do presidencialismo autocrático à questão racial e ao crime, da majestade do petróleo às casamatas dos "senhores da guerra", James Hepburn nunca se deteve. A sua análise cáustica de um país de pesadelo e de abundância, a república de Nixon, integralmente baseada em documentação oficial, permanecerá como uma das obras mais válidas que sobre este tema se publicaram.

AMÉRICA EM FOGO

por JAMES HEPBURN

um êxito mundial

Col. "Estudos e Documentos", 460 págs., 65$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
APARTADO 8 — MEM MARTINS
R. das Flores, 45, 2.º — Lisboa
R. de Entreparedes, 6, 2.º — Porto

A C. D. E. de Lisboa solidariza-se com os candidatos rejeitados

Da C. D. E. de Lisboa recebemos, com o pedido de publicação, um comunicado do seguinte teor:

«1 — Inseriram os jornais uma nota do director-geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior, acerca dos candidatos julgados inelegíveis por «professarem ideias contrárias á ordem estabelecida». Diz o comunicado que as decisões dos governadores civis assentaram em «elementos juntos aos respectivos processos, dos quais nitidamente se concluí que, não apenas por formação ideológica, mas por actuação repetida, se evidenciaram como agentes de subversão social, recorrendo a processos e incitando a que outros os adoptassem, contrários aos mais elementares princípios da disciplina por que devem reger-se todas as sociedades organizadas».

Acerca desta matéria, temos a dizer o seguinte:

a) Recusamos, como absolutamente inadmissível, que se continuem a invocar elementos, certamente de ordem policial e nitidamente discriminatórios, para apurar da formação ideológica de quem quer que seja.

b) Os candidatos recusados, entre os quais o nosso colega de lista Firmino Martins, são cidadãos recenseados, na plena posse dos seus direitos cívis e políticos e de todos os requisitos legais que uma candidatura deve preencher. Se já constitui um dos aspectos da nossa reivindicação a luta contra uma legislação arbitrária, que recusa a muitos portugueses esses direitos e requisitos, protestamos indignadamente contra outras limitações suplementares que são ilegais e atentatórias dos direitos que, mesmo a actual Constituição política, confere.

c) Tais processos é que nos parecem contrários aos mais elementares princípios de disciplina por que se deve reger uma sociedade organizada.

d) Compreendendo o claro alcance de uma manobra que nos impedia de começar a campanha eleitoral, e, para não entravar por mais tempo o início dela, decidiu a Comissão Distrital substituir Firmino Martins por José Manuel Galvão Teles, conforme já foi comunicado. Mas, ao fazê-lo, afirmamos ao nosso companheiro de lista e a todos os democratas atingidos pela mesma injusta discriminação a nossa total solidariedade e a nossa indignação.

2. — No «Diário de Lisboa» do dia 29 de Setembro, no suplemento dedicado ao momento eleitoral, inseriu-se um texto que tem como título «Manifesto da C. D. E. ao Povo de Lisboa». A propósito dessa publicação, é util esclarecer que se trata de um documento elaborado já há algum tempo e que nada tem a ver com o Manifesto da C. D. E. que será distribuído brevemente. Aquele texto não corresponde á fase actual do nosso Movimento, como, aliás, se depreende da sua leitura, e está já ultrapassado pela elaboração programática que daremos a conhecer logo que nos seja permitido iniciar a campanha eleitoral.

3. — Lembramos aos cidadãos não recenseados — e tantos milhares são — que, mesmo assim, ficam-lhes uma via muito eficaz de também contribuirem para o êxito da luta eleitoral da C. D. E. É a de contribuirem financeiramente para os fundos da campanha. Para o efeito, podem dirigir-se ás Comissões constituídas em todo o distrito. Também o podem fazer nas sedes de Lisboa (Trav. do Calado, 31, 1.º, esq.º, telef. 839501, ou no Campo Pequeno, 81).

Pela Comissão Política:
a) *Mário Sottomayor Cardia e Vítor Wengorovius.*»

Um apelo da C. E. U. D.

A C. E. U. D. tornou público o seguinte apelo:

A Comissão Eleitoral de Unidade Democrática está a proceder á impressão dos seus documentos mais importantes com vista ao esclarecimento do público sobre os problemas mais instantes da Nação.

Uma iniciativa desta envergadura é cara. Os fundos reunidos até agora devidos exclusivamente á colaboração espontanea dos nossos correligionários, não vão suportar o encargo assumido. Por isso lhe pedimos ajuda — ajuda que pode vir de si e também dos seus amigos que igualmente serão nossos.

O momento político que nos mobilizou não deve ser indiferente a quem tenha a consciência dos problemas da Pátria. Não há mais lugar para a indiferença.

Todos devemos participar na luta por um

Portugal de todos os Portugueses.

Lisboa, 1 de Outubro de 1969.

Pelos candidatos, a) Carlos Megre e Mário Soares.

Adiada a sessão de Almada

Por motivo de força maior, não se realizará hoje, em Almada, a anunciada sessão de propaganda eleitoral, o qual fica adiada para a próxima quarta-feira, no mesmo local (Academia Almadense).

LICEU
Diurno e nocturno
Ext. N.ª Sr.ª da Saúde
L. CONDE POMBEIRO, 12
T. 57048 (aos Anjos)

CURSO LICEAL
NOCTURNO
C. PREP. 2.º e 3.º CICLOS
EXTERNATO
NUN'ALVARES
Praça João do Rio, 2
T. 722461 (à Alameda)

Carta aberta ao Presidente do Conselho

(Continuação da 2.ª pág.)

dor da situação, para o exercício do poder.

Um Homem como V. Ex.ª, não pode, pois, ter certas ingenuidades, pelo que sou forçado a concluir que alguns passos desta sua «conversa em família», não podendo ser tidos por ingenuidade, não podem deixar de ser qualificados como atitude de demagogia. Eu não posso acreditar que V. Ex.ª, com toda a sua experiência e conhecimento das cousas e como elas se processam, acreditar que, no ano que vai decorrido, o País demonstrou, por modo inequívoco, a sua adesão á política que V. Ex.ª se propôs seguir.

Ninguém que tenha estado atento nestes ultimos 40 anos, ignora como se manipulam essas manifestações, das quais V. Ex.ª quer tirar aquela conclusão. As pessoas que nelas se incorporam, tirando umas tantas que vão por devoção e convicção — é óbvio que a situação também tem adeptos — e outras tantas que vão por curiosidade, para ver, recebem instruções para comparecer e não faltam por medo de caírem em desfavor, de perderem certas situações, de deixarem de auferir certas benesses ou, então, de poderem ser tidos como inimigos e como tal passarem a ser tratados, tanto pelas autoridades como pelas entidades patronais.

Põe-se o aparelho em marcha: convocam-se os legionários, a Brigada Naval, as Casas de Pescadores, os grémios e sindicatos, a Mocidade Portuguesa, e indica-se o dia, a hora e local em que têm de estar presentes na manifestação espontanea. Entretanto, nas grandes empresas, os Conselhos de Administração fazem-se representar, para apresentar cumprimentos e mostrar que não faltaram, e convidam, em jeito de imposição, os seus empregados a comparecerem também na manifestação e, muitos deles, com receio de caírem no desagrado dos patrões não deixam de lá ir.

Se se quer cousa mais estrondosa ainda, a grande instrumental, então, além do mais, fazem-se encerrar o comércio, os escritórios, as fábricas, as repartições publicas, mobilizam-se as colectividades, os funcionários publicos, confeccionam-se distícos e bandeiras, alugam-se as camionetas, organizam-se os comboios especiais e dá-se mesmo a cada qual um tanto para despesas, e oferece-se um passeio gratuito até á capital ou ao ponto em que terá lugar a manifestação. Faço a justiça de reconhecer que destas, a grande instrumental, V. Ex.ª ainda não teve nenhuma.

É fácil, assim, mas é enganador, juntar uns tantos milhares de pessoas.

Estas, uma vez juntas, todas dão palmas e correspondem aos vivas, para não darem nas vistas,i ficando quietos e calados.

Em Portugal, manifestações espontaneas, desde há muitos anos, da campanha do General Delgado, só existem quando o Sporting ou o Benfica têm triunfos futebolisticos no estrangeiro.

Não posso acreditar que, conhecendo tudo isto, V. Ex.ª, tome a sério as manifestações que lhe foram feitas até hoje. Por outro lado, muitas das pessoas que acorreram a ver e saudar V. Ex.ª fizeram-no mais para significarem a sua reprovação ao passado de que a sua aprovação ao presente, e ainda movidos pelo desejo de verem um governador que se não furtava — e nisso honra seja a V. Ex.ª — ao contacto com o Povo, na esperança, pois, de uma nova vida politica que, afinal, infelizmente, já vai tardando. De resto V. Ex.ª sabe também que muitos situacionistas que foram a essas manifestações são os seus piores adversários e detractores, com a agravante de o serem pela calada e de serem eles mesmo a denegrirem a pessoa de V. Ex.ª e as suas intenções.

De quem V. Ex.ª se não pode queixar, pelo menos sem correr o risco de ser injusto, é da Oposição Democrática, pois essa, até hoje sem ceder da sua posição, não só concedeu uma expectativa benevola ao seu governo, como procurou, e disso é exemplo a actuação da Comissão Promotora de Voto, dar a V. Ex.ª o ensejo, que infelizmente não foi aproveitado, de, através de uma nova legislação eleitoral capaz, dar confiança á Oposição e ao País na seriedade do acto eleitoral que se avizinhava.

Procurou colaborar com V. Ex.ª apresentando a sua crítica á legislação eleitoral vigente e propondo as alterações que se impunham. E V. Ex.ª nem sequer respondeu a essas críticas e sugestões, nem providenciou para que a lei eleitoral fornecesse autênticas condições de garantia de liberdade de sufrágio e igualdade entre todos os candidatos, ou não demonstrou que a Oposição não tinha razão nas suas críticas e não eram válidas as suas sugestões.

Parece, portanto, que V. Ex.ª e o seu Governo é que vêm revelando um espírito de oposição á Oposição, em espírito sectário, de partidarismo fechado, que a nada quer atender, e teima em denegrir e deprimir a Oposição Democrática.

Afigura-se, também, ser de pura demagogia a parte da fala de V. Ex.ª que se refere ás opções fundamentais. Não é justo, nem está bem, da parte de uma pessoa com a inteligência e experiência de V. Ex.ª, colocar o problema pela forma por que o foi. Nunca a Oposição Democrática, em relação ao problema do Ultramar quis outra cousa que não fosse ser amplamente esclarecida e que ele fosse amplamente analisado, dentro do princípio da autodeterminação que nada tem com abandono, já que a autodeterminação pode vir a concluir pela integração, ou pela comunidade, ou por uma confederação e, mesmo que venha a ser independência, não será nunca abandono.

O que se quer e se entende é que o problema não pode ser «tabu», deve poder discutir-se e procurar-se em conjunto a melhor solução, sem excluir possíveis negociações, não só para pôr termo á guerra como para assentar no rumo a seguir. E quer-se que o problema seja analisado ampla e livremente, a todas as luzes, e sem que se queira impedir essa discussão, com a estafada e demagógica afirmação de que quem não apoia a política do Governo,, tal qual, é mau português, é traidor á Pátria, é um renegado.

É preciso discutir o problema serenamente, partindo do principio de que o que se quer é encontrar a solução que melhor sirva o interesse nacional e o respeito pelo direito de todos a serem senhores dos seus destinos. Uma vez mais é preciso que se entenda que não há soluções infalíveis, e que não existem privilegiados a quem se confira o dom de serem detentores exclusivos da verdade. Tão-pouco se compreende, a não ser por pura demagogia, que se queira assegurar que para além do Governo actual, fora do Estado Novo, só pode haver a turbulência revolucionária de que se não pode esperar mais do que violência, despotismo, confusão e, afinal, miséria e fome.

A Oposição Democrática defende, e sempre defendeu, direitos iguais para todos os portugueses, respeito integral pelas liberdades fundamentais, igualdade de oportunidades para todos. Não se vê onde é que o respeito pelos direitos e concessão de igualdade de oportunidades, tenham de conduzir á violência, ao despotismo, á confusão, á miséria e á fome. Bem pelo contrário. Supomos que é a ausência de respeito pelos direitos e liberdades que origina e conduz á violência e ao despotismo, assim como é a ausência de igualdade de oportunidades que gera a miséria e a fome, pois não leva ao pleno emprego, ao salário justo, não garante o mínimo de igualdade na vida de cada um, e sustenta os grandes desníveis e os privilégios.

Permitirá a análise serena dos ultimos 40 anos, assegurar que Portugal tem vivido isento de violência e despotismo, sem miséria e sem fome? Que todos façam um exame consciente do que tem sido a nossa vida em todos os seus sectores e, depois, para si mesmos, que respondam a esta pergunta. Se a miséria e a fome não rondaram a nossa porta como explicar os bairros de lata que continuam, a vida de promiscuidade em barracas e buracos sem quaisquer condições, a emigração em massa dos nossos trabalhadores?

Se não tem havido violência nem despotismo, como explicar o numero de individuos que passaram pelas cadeias politicas, que se viram afastados dos seus empregos, privados dos meios de ganhar a sua vida, dos que tiveram de se exilar — e tantos constituindo dos melhores valores da nossa intelectualidade — para não terem, e mais os seus familiares que morrer á fome?

V. Ex.ª, por pura demagogia, afinal dentro desse espírito de sectarismo partidário que condena, e que a Oposição Democrática não aprova, na ansia de colher votos de todos os timoratos e dos menos esclarecidos, fez injuria á Oposição, partindo do principio, que sabe não ser exacto, de que esta pretende que se viva em desordem, que a ordem seja permanentemente perturbada.

A ordem, como V. Ex.ª bem sabe, não é a paz dos cemitérios, nem é a ordem quando apenas existe através dum policiamento constante e impiedoso. A ordem que se funda no medo, pelo desespero que gera, conduz ao desencadear das violências. Só a ordem que resulta da consciente aceitação da grande maioria, por saber os seus direitos respeitados e a segurança da sua vida económica assegurada, representa paz politica, convivência sádia entre todos. É esta a ordem que defende e quer a Oposição Democrática, e não a outra, a que se impõe pelo medo.

Neste ano decorrido do Governo de V. Ex.ª e sem que, afinal, tenham sido restauradas e respeitadas as liberdades fundamentais, que a Constituição consigna, sente-se, todavia, um certo sentimento de alívio, respira-se um pouco melhor, as pessoas entre si parecem falar com menos receio, sem olharem constantemente e com desconfiança para quem lhes fica ao lado. Mas, isto não resulta de qualsquer medidas governativas, mas tão-só da convicção de que se apossaram os portugueses de que estão criadas as condições para se caminhar em frente, que a hora da Democracia chegou finalmente, e que nem V. Ex.ª nem ninguém poderá continuar a governar sistemáticamente contra a vontade do Povo, sem ouvir e sem procurar seguir a voz da Nação. É possível, não se pretende negá-lo, que o ar descontraído com que V. Ex.ª se apresenta em publico, o soriso quase constante que o acompanha, tenham contribuído para esse desanuviamento, mas ele teria surgido da mesma forma, ainda que V. Ex.ª não sorrisse nem aparecesse em publico.

E não resultou da acção do Governo de V Ex.ª já que, até hoje, ele não suprimiu a censura — nem esta abrandou no uso imoderado da tesoura (cito a V. Ex.ª que me foram proibidos vários artigos de crítica construtiva e, entre eles um que era quase «ipsis verbis» a reprodução de outro que publicara em 1957 no jornal «Republica»); não liberalizou a regulamentação do direito de reunião e de associação, não foi concedida uma ampla amnistia (foi até proibida a publicação de um artigo meu que a justificava); não foram reintegrados todos os que, apenas por motivos politicos, perderam os seus lugares; continuou-se a não preencher os lugares publicos com aqueles — ainda que fossem mais qualificados — que não obtiveram informação favorável da polícia política; continuou a poder-se estar detido por seis meses sem culpa formada; não se extinguiram as medidas de segurança nos casos políticos; continuaram as apreensões de livros — mesmo de carácter técnico — nas tipografias e nas livrarias; continuou, quando isso convem ao Governo, a impedir-se a entrada de jornais estrangeiros; continua a não ser concedida — apesar de uma modificação legislativa que parecia ter sido anunciada para tal — mas não foi — a inteira liberdade sindical, não se solucionou antes se agravou, a questão dos estudantes, não se pôs cobro á alta de preços; continuou a exigir-se pagamento de imposto profissionaal ás remunerações de trabalho a partir de 1500$00 mensais mas não se aumentaram as taxas do mesmo imposto para os grandes proventos; não se reviu o problema das acumulações; continuou-se a assistir ao trespasse permanente das cadeiras do poder e dos altos cargos civis e militares para os conselhos de administração dos grandes potentados económicos; continuaram a ver-se nas ruas da cidade e nas estradas do País os automóveis do Estado passeando as famílias daqueles a quem estão destinados para o serviço público; em suma, não se caminhou nem na liberalização nem na moralização da vida política e administrativa da Nação.

Ora questões como estas podiam e deviam ter encontrado solução durante o ano de Governo de V. Ex.ª já que ela há muito que se impõe.

Afirmou V Ex.ª querer que o sufrágio de 26 de Outubro seja livremente expresso em termos de não deixar duvidas a ninguém.

O mesmo não se tem a Oposição cansado de reclamar desde 1945, mas até hoje sem resultado.

E, uma vez que o Ministério do Interior traiu este querer de V. Ex.ª não tendo sabido fazer uma lei eleitoral que garanta, por forma inequívoca, a fiscalização do acto eleitoral e a igualdade de todos os candidatos (que de resto, já partiam em desigualdade, dado que a uns — os da União Nacional — se põe a organização que existe livremente há largos anos, ao seu exclusivo serviço e outros — os da Oposição Democrática — não possuem, por desde há longos anos, não lhe ser consentida, qualquer organização válida) ainda não será desta que a Oposição verá satisfeitos os seus desejos de sempre e que agora seriam também os de V. Ex.ª

Estou certo que a Oposição Democrática acompanha V. Ex.ª no desejo de que a campanha eleitoral decorra serenamente, em elevado clima de correcção e civismo. Por parte da Oposição, a sua compostura, o seu estoicismo, nas eleições anteriores, são garantia segura de que assim será.

Quererá desta feita a União Nacional modificar as suas atitudes anteriores e agir sem intuitos provocatórios, respeitando os pontos de vista e a honra alheias, não acirrando inimigos, aceitando o princípio de que Portugal não é propriedade da União Nacional mas sim a Pátria de todos os Portugueses, que o patriotismo não é um exclusivo dela, e que todos sem distinções, têm iguais direitos de fazer ouvir as suas vozes, a tomarem parte activa na vida política nacional, a concorrerem para traçar os rumos que melhor possam servir o interesse da Nação?

Concorra V. Ex.ª decidida e francamente para que assim seja e não será esse, bem pelo contrário, o menos estimável serviço que terá prestado a Portugal; e poderá estar seguro de que a Oposição Democrática, que não quer só denegrir tudo e todos, será a primeira a aplaudir a atitude de V. Ex.ª, como os seus representantes (que, se houver eleições dignas não deixarão de ser eleitos) á Assembleia Nacional não deixarão de aplaudir e apoiar tudo o que o Governo de V. Ex.ª venha a fazer para estabelecer, finalmente, o clima de convivência política que se impõe, e tudo o que sirva efectivamente o legítimo interesse do Povo Português.

Creia V. Ex.ª, apesar de ser seu adversário, nos protestos de minha consideração.

José Magalhães Godinho
(Membro da Comissão Cordenadora da C. E. U. D.)

Manifesto democrático ao povo de Leiria

(Continuação da 5.ª pág.)

objectivo de promoção das condições de vida da população.

A orientação do Estado tem sido traçada de acordo com os interesses de grupos monopolistas que têm esmagado e submetido as classes trabalhadoras, os pequenos comerciantes, industriais, e agricultores. Ainda com a agravante de que esses grupos dominantes se têm sempre inclinado para uma **herança** mercantilista de manipulações e especulações monetárias e financeiras **e de actividades de oportunidade**, transitárias ou de comércio, á margem de iniciativa de criação de potenciais produtivos, de um processo de acumulação e reprodução do capital produtivo. Esta é a questão de fundo da sociedade portuguesa: **a identificação do Estado actual com os interesses e grupos poderosos.** Não vamos afirmar que a orientação do Estado tem sido **contra** as necessidades, as aspirações, a promoção da população portuguesa mas afirmamos que, pela constante identificação com esses grupos, a actuação do Estado resulta — como teria de resultar — **contra as necessidades, as aspirações, a promoção da população portuguesa.**

A sociedade portuguesa atravessa um momento particularmente doloroso: **a população está a viver em estado de guerra.**

Consideramos a guerra que o povo português sustenta (com vidas e haveres) em África **a questão de fundo de momento**, a circunstância mais condicionadora da vida nacional. Sem em nada minimizar o que a política do Governo representa no plano das opções políticas, é importante salientar que **a situação sócio-económica da população portuguesa se encontra condicionada pela evolução do problema ultramarino.**

CONTRADIÇÃO?

O Governo Português alicerça a sua política ultramarina em bases que se podem sintetizar nos seguintes pontos:

a) A Metrópole não pode subsistir sem o Ultramar;

b) Como sustentáculos da civilização ocidental temos a obrigação de preservar posições históricamente alcançadas.

O primeiro ponto radica-se nas potencialidades das riquezas africanas, no seu possível aproveitamento, no concurso da produção africana para atenuar o desequilíbrio da nossa balança comercial só superavitaria com o Ultramar, na criação do grande espaço económico português indispensável para o desenvolvimento metropolitano, na possível canalização migratória para aqueles territórios e na preservação de posições ali adquiridas por grupos de brancos.

Se se admitisse a viabilidade ou razão de todos estes fundamentos, e se, de facto, o desenvolvimento da Metrópole, dependesse daquela ligação com o Ultramar, nos termos processados, estar-se-ia perante uma clara situação de tipo colonialista, que o Governo diz assim, haveria uma contradição flagrante entre as relações de facto e o espírito de missão que o próprio Governo apresenta como a outra base da sua política ultramarina.

Quer dizer: julgamos impossível compatibilizar a opção da manutenção de territórios, fundada nas condições materiais referidas na indispensabilidade de ligação ultramarina como forma e desenvolver a Metrópole e o imperativo moral de haver que preservar o Ultramar, por virtude dos nossos antepassados e do decorrente espírito de missão. Porque, ou bem que nos mantemos ligados por motivos económicos, e a perda — no entender do Governo — seria irreparável, caso em que se justificaram os esforços para manter aquelas fontes de progresso metropolitano, ou então a razão é de ordem moral e Portugal não estaria a beneficiar de todos os privilégios e vantagens de teor económico, advindas da continuação do domínio político sobre tais povos e territórios, mas tão só a sacrificar-se coerentemente.

Ora a política do Governo, conduz precisamente ao inverso do que se diz pretender. Vejamos:

a) NO PLANO MATERIAL — As guerras ali conduzidas, reflectem-se de modo altamente intenso em toda a vida nacional.

b) NO PLANO MORAL — ao fim de oito anos de guerra não conseguimos «impôr» a razão da nossa presença, de modo a torná-la livremente aceite pelos componentes das várias etnias; o nosso «espírito de cruzada» analisa-se na manutenção de um exército numeroso, cada vez tem de acorrer a mais e mais perigosas frentes, sem que possa sequer admitir-se uma solução militar do problema, e, por outro lado reconhece-se ser indispensável que a paz volte áqueles territórios.

Quando o prof. Marcello Caetano imputa á Oposição Democrática o intuito de **abandonar o Ultramar**, esconde deliberadamente perante o Povo que a Política que o regime tem seguido é que é de abandono do Ultramar e que foi dentro destes 40 anos que se perderam todos os vínculos como a que foi a Índia Portuguesa, se fugiu do Forte de S. João Baptista de Ajudá, se perdoaram ao Japão os crimes e as depredações praticadas em Timor, se manteve Macau á custa de atitudes humilhantes e de concessões aviltantes. Abandonados têm sido centenas de milhar de portugueses ao destino da emigração, e a guesrra tem sido sua causa determinante: abandonados ao riscos e ás contingências de violências e ódios raciais têm sido os milhares de brancos que se radicaram e trabalham nos territórios africanos. Abandonada tem sido a política tradicional em favor da vergonhosa e contraditória aproximação com os governos racistas da África do Sul e da Rodésia. Abandonados têm estao os indígenas africanos, quer no domínio do Estatuto, quer com as alterações apressadamente adoptadas depois dos acontecimentos de 1961.

BAIXO GRAU DE ESCLARECIMENTO

Só tem sido possível ao Governo explorar este tema do «abandono» por ausência de condições de discussão do problema, pela falta de informações verdadeiras e, consequentemente, pelo baixo grau de esclarecimento em que o Povo tem sido mantido. Não fôra isso, e já teriam terminado as guerras, com proveito para todas as populações, tanto a metropolitana como as dos territórios coloniais, criando-se, sim, condições para o desenvolvimento económico e social dessas mesmas populações.

Cumpre dizer, pois, que ninguém preconizou ou preconiza o abandono los habitantes desses territórios. Entre esshas duas posições situa-se uma gama de possíveis soluções. Porém, só através da livre informação e discussão de todas as populações se encontrará o caminho conveniente. Se o Governo «tem a certeza» que a **sua** política ultramarina é a que convém aos YPovos, que a deixe plebiscitar em liberdade e após perfeito esclarcimento das populações, negra e branca.

Pelo exposto, defendemos o princípio da autodeterminação, como forma de conhecer a vontade popular e para que os Povos possam exercer o direito de escolherem o seu próprio destino. Negamos, consequentemente, a validade da política governamental.

Somos, pois, pela auto-determinação, pela solução política do problema urltmaarino, contra a guerra e pela imediata paz em África!

Tão grave situação social e económica não podia levar senão á generalização do descontentamento, nas suas várias formas da indiferença e apatia á emigração, passando pela recusa do regime em que se vive, na esperança breve e dsenganada de que a nova face do regime se recuse, seja um novo viver para os Portugueses.

O descontentamento popular, o isolamento internacional, o alastramento das guerras em África e a progressão dos movimentos nacionalistas, a perda de Salazar, árbitro incontestado de quaisquer litígios entre os sectores situacionistas, acentuam a crise e a decomposição do regime.

Para sobreviver á morte política daquele que, durante quarenta dcadas, fora seu símbolo fiel, o regime foi forçado de novo a dar algumas pinceladas na sua fachada. Para isso, o seu sucessor recorreu a toda uma retórica liberalizante, lançou boas palavras e promessas para a esquerda e para a direita, dispôs-se a aparecer, periódicamente, na Televisão com monólogos ditos familiares, passeou-se incansàvelmente pelo País e pelo estrangeiro a procurar ganhar as simpatias que tanto minguam ao regime; Tentou at dar uma aparência de renovação, substituindo quadros gastos, envelhecidos e desprestigiados, apresentando uma «nova» União Nacional — envelgonhado partido unico, que, por nunca ter conseguido o mínimo apoio popular, jamais se afirmou como força política.

Com isto, pretendia o regime alargar a sua base social e política, procurando anular o vazio que 40 anos de repressão e esgotamento ideológico tinham criado á sua volta, chamar á colaboração os sectores oposicionistas mais recuados dividindo a oposição e, eventualmente através de certas medidas sociais, atrair grupos de que o salazarismo se tinham divorciado.

Passado um ano, o Povo Português está habilitado a formular um juízo claro sobre a verdadeira natureza, e os verdadeiros designios do novo estilo, da linguagem falada pela nova direcção política do regime.

A falada liberalização, não resolveu um unico dos grandes problemas nacionais, não desermou nenhum dos odiosos instrumentos de repressão que sempre caracterizaram o regime.

— A polícia política, ao invés de ter sido extinta, como é exigência da Nação, não foi senão publicamente consagrada, prosseguindo nos seus métodos já tão (mas sempre insuficientemente) denunciados.

Se renovação houve neste campo, ela traduziu-se na intervenção de outras corporações policiais em domínio até então reservado á PIDE. Se seria a mais significativa forma por que o Governo poderia intentar eximir-se á indignação e aos protestos que a actuação da PIDE sempre provocou, tão claro **alargamento da actividade repressiva** diz do sentido real da liberalização havida.

— A demonstrar o maior menosprezo pelos mais vivos apelos populares não foi decretada uma amnistia geral dos presos políticos e os tribunais plenários continuam a exercer as suas funções e a condenar patriotas, pelo simples facto de pretenderem a sua Pátria efectivamente renovada e não aceitar. E é evidente que, a ser livre.

— Ao prodigalizar expressões como «Estado de Direito», «Legalidade», «Observancia Estrita da Lei», pretende a nova direcção do regime desvincular-se, perante a opinião publica das arbitrariedades cometidas durante 40 anos, sempre denunciadas e combatidas pela Oposição Democrática, com larga adesão popular. Mas nenhum dos preceitos anti-democráticos com que o Governo tem impedido e reprimido a actuação de quem se lhe opõe foi revogado. A aparente brandura corresponde apenas a uma táctica repressiva diferente: **a aplicação rigorosa e exigente das leis limitadas em vez da mesma repressão sem observancia sequer dessas leis.**

O «Estado de Direito» tão apregoado pelo professor de Direito que nos governa, realiza-se, afinal, em «Estado de Direito Policial», em «Estado de Direito Repressivo» das aspirações, direitos e reidinvicações por mais legítimas que sjam.

— Muito se tem falado em Lei de Imprensa mas a **Censura** continua a exercer a sua acção e os ares de renovação que tem procurado aparentar jamais permitiram a discussão publica dos grandes problemas nacionais.

e) — A guerra em África tem prosseguido e tem-se intensificado. Novos sacrifícios foram impostos pelo Governo «liberalizante» ao povo português ao serviço de uma política que continua a não servir os seus interesses e a ignorar a sua vontade; a aliança com os regimes mais reaccionários e racistas do Globo tem-se fortalecido e a alienação das riquezas dos territórios africanos tem-se processado de forma ainda mais ... liberal.

— A inflacção, que era surda e rastejante, explodiu no começo do ano. Os preços sobem e continuam a subir — e, com eles o custo de vida. Os índices relativos aos preços no consumidor mostram um agravamento que oscila entre 6% e 12%. E os exemplos não param de ilustrar o que a população sente dia a dia.

— A «Previdência» rural que tem servido largamente para a campanha eleitoral, utilizando meios de comunicação como a Televisão que se fecham a qualquer possibilidade de crítica, é também um outro exemplo do carácter falsamente generoso e desinteressado das medidas governamentais. Por outro lado, o abono de família para o trabalhador rural surge arrastado pela impossibilidade de manter desconhecidas regalias que a emigração revelou; por outro lado, aparece a tentar resolver problemas de escassês de mão-de-obra que se verificam em alguns locais, a tentar responder a exigências de «grandes empresas agrícolas» no sentido de suster o êxodo dos campos — o que se diz fazer para atenuar desiquilíbrios e «injustiças sociais».

— Mantém-se, não obstante, uma ou outra insuficiente e discriminatória actualização, a gritante injustiça das baixas remunerações aos funcionários, em que há pessoal que aufere apenas 800$00 por mês e em que os técnicos são irrisòriamente pagos.

Contudo o Governo como sempre faz em períodos eleitorais, lança boatos de aumentos, especula com a reforma administrativa mas continua a destinar quase metade das receitas do Estado para despesas militares.

APOIO POPULAR

Frente à grave crise para que o regime lançou o nosso Povo, compreendendo a importância e a urgência da sua acção, aproveitando as condições de luta e de organização abertas pela decomposição e pela crise directiva do regime, os democratas interpretando os sentimentos e as aspirações populares, lançaram-se à conquista de novas posições.

Vencendo todos os obstáculos e todas as manobras (falta de locais de reunião, dificuldades de comunicação, censura, intimidação de braço-dado com o convite ao colaboracionismo), o Movimento Democrático tem-se desenvolvido por todos os distritos do País e começa a impor-se ao próprio regime como uma força irresistível.

No II Encontro Nacional, em São Pedro de Muel, com a presença de representantes e observadores de todos os distritos, foi aprovado um **programa de acção comum** que será defendido, nas próximas eleições, por todos os sectores da Oposição Democrática. No III Encontro Nacional, realizado em Leiria, os democratas procederam a uma vigorosa denúncia da actuação governamental na Universidade. Fitambém realizado em Leiria, desmistificaram perante a Nação os aspectos falsamente liberalizadores das recentes alterações à lei eleitoral.

Pela primeira vez na história do regime, a Oposição Democrática vai concorrer às eleições para deputados em todos os distritos do continente, excepto Portalegre, lançou bases sérias de organização e consolidou, à sua volta, um apoio popular que lhe permite encarar com confiança as grandes batalhas que a esperam. Tal, caracteriza pectivas do momento político que atrabem a importância e a riqueza de persvessamos, e a histórica responsabilidade que cabe hoje a todos os democratas na luta por um **Portugal livre e progressivo.**

Os democratas do nosso distrito souberam colocar-se, desde a primeira hora, na primeira linha deste movimento, tendo vindo a realizar amplas reuniões e a ampliar a sua organização desde Novembro do ano passado. Dirigindo todo o o seu trabalho no sentido de uma ampla e unitária frente nacional antifascista, foi a Comissão Democrá-

(Continua na pág. seguinte)

A C. E. M. responde à U. N.

Dialogar em paz mesmo quando existam divergências de fundo

Recebemos da Comissão Eleitoral Monárquica de Lisboa, com pedido de publicação, o seguinte documento:

«A Comissão Eleitoral de Lisboa da União Nacional diz, em dada altura do seu comunicado de ontem: «Visto porém que as oposições estão a discutir esta posição...» (*quanto ao Ultramar*)... (e na conferência de Imprensa de ontem, assistiu em completo silêncio um representante da oposição monárquica), visto que esta posição — posição da Nação — está a ser discutida, então, além da firmeza com que a U. N. a reafirma, lembra as responsabilidades especialíssimas que as oposições, assim, assumiram.»

Quem é e com que autoridade fala essa Comissão Eleitoral, deste modo, ás outras Comissões Eleitorais? Que vem a ser isso de lembrar? Lembrar o quê e a quem? Quem é que apresenta diante de todo o País um extenso «palmarés» de esquecimentos que ninguém tem licença de lembrar? Não ganhará a U. N. esse lamentável prémio de ser a grande esquecida de cumprir os mais elementares deveres que assumiu perante o País, erigindo-se a si própria em representante exclusiva dos interesses legítimos da Nação, em intérprete absoluta e fiel das angustias, das dores, dos silêncios de um Povo que não tem licença para criticar nem mérito para louvar?

Fomos convidados para assistir a uma conferência de Imprensa de uma Comissão Eleitoral, e gostosamente acedemos ao convite. Não esqueçamos que a Comissão Eleitoral da U. N. é a favor da cordialidade, da franqueza, e afirma que «não se trata de proporcionar ao País e ao Estrangeiro um espectáculo de «batalha» em que o menor mal ainda seria o de se perder tempo em fantasias ludicas», etc.

É esta mesma União Nacional que queria que nós fizessemos uma bulha inoportuna e, sobretudo, desnecessária.

Não é segredo para ninguém — nem para as outras Comissões Eleitorais, nem para o Governo, nem para o publico em geral — qual é a posição que sempre mantivemos quanto ao Ultramar Português.

O facto de estarmos presentes enquanto se faziam afirmações com as quais não concordamos, pode ter várias interpretações, mesmo as mais malévolas, como é o caso a que nos referimos. Mas, se todos os presentes sabiam — e os ausentes também! — qual é a nossa posição, não julgámos oportuno, e disso não temos de dar contas á U. N., esclarecer um ponto sobejamente esclarecido. Também não passa pela cabeça de ninguém que a C. E. U. D. nos convidou com a torva intenção de convencer o publico de que a nossa presença silenciosa (pecado ou hábito de quarenta anos?) significava a adesão instantanea a uma orientação que diverge, em pontos essenciais, daquela que sempre defendemos. Como se porventura o nosso silêncio, neste condicionalismo tão claro, pudesse ter o significado que a U. N. lhe quis dar, a escopro e martelo, para logo a seguir nos identificar, 100 por cento, com posições que, nem por serem diferentes da U. N., são todas iguais entre si. Continua a U. N., ingénuamente, a supor que a opinião publica é tão estupida como lhe conviria, sem ter em conta o conhecido movimento do «boomerang», que tem partido muita cabeça aos amadores de Informação.

Tudo se passou entre pessoas entre pessoas que querem esclarecer-se e esclarecer um eleitorado atento, dialogando em paz, mesmo quando existem divergências de fundo Paz de vivos, paz de criadores, paz de homens sãos.

Que dificuldade apresenta dar ao Povo o espectáculo pacífico, risonho, ou mesmo de eufóricas gargalhadas, urbano e cortês, quando os interlocutores estão de antemão todos de acordo, sem tensões, sabendo os papéis de cor e salteado, o decorrer pautado da conversa e, por fim, o final teleguiado aonde têm obedientemente de chegar?

Quer a U. N. tirar conclusões de um minuto de silêncio, guardado por razões óbvias e não culposas.

Em Fevereiro de 1937, o comandante Paiva Couceiro tentou alertar o País para os gravíssimts problemas de Angola.

Em Março de 1961, Angola acordou num banho de sangue.

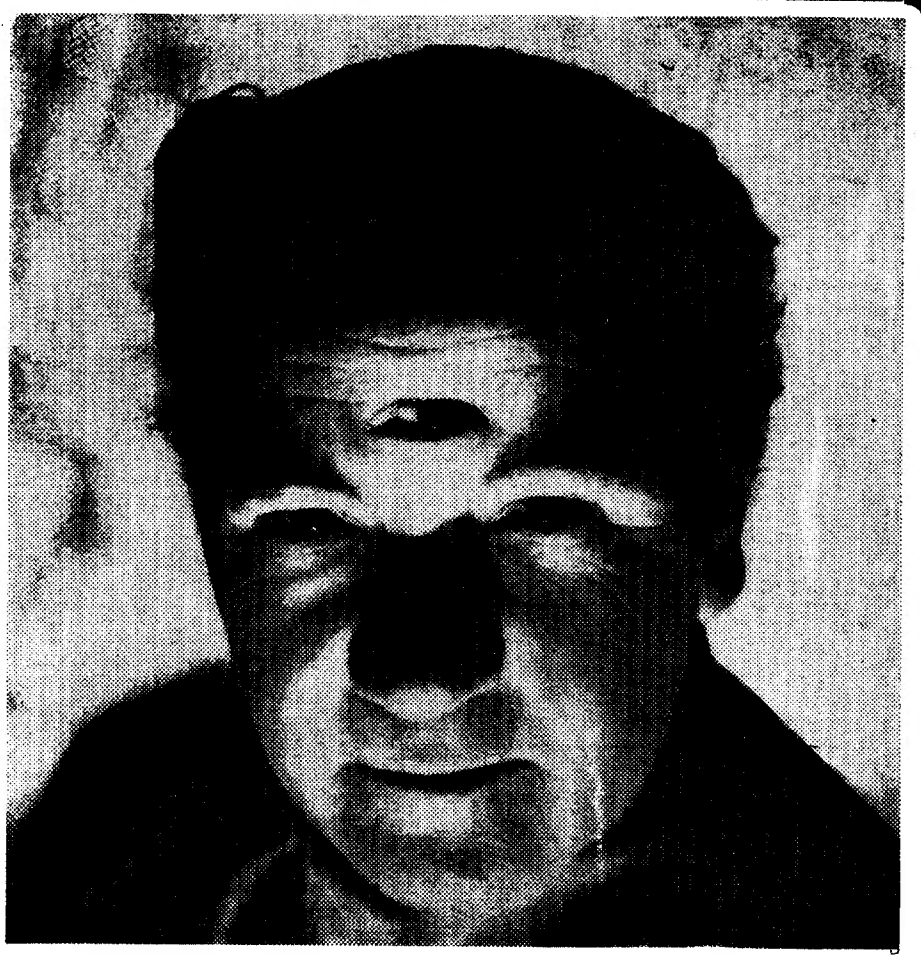
Como explica a U. N. os seus vinte e quatro anos de silêncio?

Lisboa, 1 de Outubro de 1969.

Pela Comissão Eleitoral Monárquica de Lisboa.

aa) *Dr. João Vaz Serra de Moura, José Manuel Neves da Costa.*»

● ATITUDES — Tanto em Albergaria-a-Velha como em Sever do Vouga, as unicas sala de espectáculos onde seria possível realizar sessões publicas de propaganda eleitoral são propriedade de uma empresa com sede na primeira daquelas vilas. Solicitada a cedência das citadas casas de espectáculos a gerência resolveu não as ceder a qualquer facção política.



VEJA BEM O QUE MAIS LHE CONVÉM:

- **CURSO SUPERIOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS**
- **CURSO DE TÉCNICA E CHEFIA DE VENDAS**
- **CURSO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE BALANÇOS**
- **CURSO DE PUBLICIDADE E DE PROMOÇÃO DE VENDAS**

Aprenda, nas horas vagas, de maneira fácil e agradável, a estratégia do MARKETING! De acordo com a sua conveniência, v. pode tirar qualquer destes cursos em REUNIÕES PÓS-LABORAIS ou por correspondência, em apenas 4 semanas!

OS ÚNICOS CURSOS EM PORTUGAL COM ESTAS VANTAGENS:

- VINTE lições práticas, de assimilação imediata, ministradas pelos mais modernos processos audio-visuais.
- aperfeiçoamento técnico actualizado a nível internacional.
- encaminhamento ou recomendação às mais importantes empresas de Portugal (Metrópole e Ultramar) e do Brasil, que já utilizaram nossos cursos no aperfeiçoamento de seus quadros dirigentes e executivos.

NO FINAL DE CADA CURSO V. RECEBE:

- Um DIPLOMA TÉCNICO INTERNACIONAL que o recomendará como profissional competente
- Um CARTÃO DE EFICIÊNCIA PROFISSIONAL

INÍCIO DOS CURSOS: Dia 8 de Outubro (inscrições limitadas)

INFORMAÇÕES: Das 10 às 20 horas, ininterruptamente, inclusive Sábados e Domingos.

CENTRO INTERNACIONAL DE MARKETING

Lisboa — Rio de Janeiro — São Paulo

SEDE: Rua Pascoal de Melo (atrás da Portugália), 7, 2.°, Esq.° — Tel. 534719 — LISBOA
CORRESPONDÊNCIA: APARTADO 5050 — LISBOA — PORTUGAL

Manifesto da Oposição Democrática ao povo do distrito de Leiria

(Continuação da pág. ant.)

tica Eleitoral de Leiria que promoveu todos os Encontros Nacionais da Oposição Democrática este anos efectuados, tendo também contribuído activamente para a elaboração do programa comum das forças democráticas — **a plataforma de acção comum de São Pedro de Muel.**

Os candidatos propostos pela Comissão Democrática Eleitoral de Leiria têm perfeita consciência das condições desfavoráveis em que vão enfrentar o adversário na luta eleitoral. Sabem que, em Portugal, mercê da acção obscurantista e antidemocrática do regime, o eleitorado mal representa 20 por cento da população e as operações de recensamnto constituiram um «fracasso» pùblicamnte reconhecido pelas autoridades que por ele são, aliás, os únicos responsáveis.

Foi, contudo, com perfeita consciência destas limitações, que se escolheu o caminho da participação activa, vencendo a passividade das posições abstencionistas e recusando com firmeza qualquer forma de compromisso ou de colaboração com o regime.

Reconhecendo que as armas continuam a ser flagrantemente desiguais e que o regime continuará a fazer tudo para «ganhar» as eleições, pois de nenhum modo lhe poderá convir a presença na Assembleia Nacional de homens que defendam os interesses populares e não os grupos restritos dominantes, entendem os Candidatos propostos pela Comissão Democrática Eleitoral de Leiria, que só actuando é possível esclarecer e politizar o Povo, fomentar a organização, conquistar novas posições e demonstrar que é falacioso tudo quanto apregoam os arautos da renovação liberalizante.

Os Candidatos propostos pela C. D. E. de Leiria não desejam contrapor promessas vãs às demagógicas promessas do Governo. **Seguros de que só a implantação da democracia no nosso País pode contribuir para a resolução dos grandes problemas nacionais e igualmente seguros de que ninguém a oferecerá ao Povo Português, apontam um caminho e desejam percorrê-lo no esforço, no estudo e na luta colectiva.**

A julgar pelas anteriores atitudes policiais após-eleições, esta posição é porventura a mais arriscada. Mas é a única que, no actual momento histórico, é capaz de concitar os cidadãos a participarem activa e decisivamente na vida política nacional, a analisar os graves problemas do País e a organizarem-se pra a luta por soluções que sejam conformes aos interesses da generalidade dos portugueses.

Foi, pois, conscientes das limitações que se nos irão deparar e dos riscos que iremos correr que aceitámos a responsabilidade de lutar, na qualidade de candidatos da Oposição Democrática pelos interesses e pelas aspirações do nosso Povo.

Assim, e em comunhão com a luta de todas as forças democráticas nacionais, será objectivo da nossa acção durante a Campanha Eleitoral e na Assembleia Nacional, se formos eleitos, a defesa dos pontos definidos na **Plataforma de Acção Comum do Movimento Democrático Nacional**, conhecido e divulgado como **Plataforma de São Pedro de Mutel.**

Esta proclamação representa uma afirmação de princípios informadores da nossa campanha, e representa um compromisso sobre a forma de analisar e atacar os problemas do nosso distrito no quadro de uma luta de amplitude nacional pela implantação da Democracia, único caminho para a libertação económica, social e política do nosso Povo!

Leiria, 1 de Outubro de 1969.

Aguinaldo Espada de Oliveira Santos — Henrique José de Sousa Neto — Jorge Manuel de Jesus Nogueira Silvestre — José Henriques Vareda — Sérgio José Ferreira Ribeiro — Vasco da Gama Lopes Fernandes.

NOTA. — Esta proclamação foi elaborada pelos candidatos escolhidos pelos democratas do distrito, organizados em Comissão Democrática Eleitoral.

A Conferência de Imprensa da C. D. E. de Lisboa

(Continuação da 1.ª pág.)

E de Lisboa não tem ainda inteiramente planificada a sua campanha, o dr. Galvão Telles afirmou que o importante era a definição do «*tipo de campanha que nos propomos*».

A propósito, o dr. José Manuel Tengarinha referiu as dificuldades encontradas para a cedência de salas (nomeadamente o Coliseu dos Recreios e o Pavilhão dos Desportos), afirmando que «*neste aspecto, as coisas estão, agora, pior do que dantes*». Disse ainda que estavam previstas sessões de dois tipos: «*reuniões amplas, tradicionais, com oradores e pessoas a aplaudir, e muitas outras de âmbito mais restrito, tipo colóquio, em que o público terá oportunidade de dialogar com os candidatos, expondo-lhes directamente os problemas*».

«*Não pretendemos ser exclusivamente mandatários da população, mas, mais do que isso, animadores das condições de discussão dos problemas*» — acrescentou.

No que respeita á divergência C. D. E.-C. E. U. D., foi ela atribuída ao «*facto de a Oposição não poder trabalhar em Liberdade*» e considerado «*o resultado do estado de opressão em que a Oposição vive há longos anos*».

«*Mas essas divergências* — afirmou o dr. Galvão Teles — *situam-se, essencialmente, quanto á metodologia que nós consideramos indispensável neste momento*».

Por seu turno, o dr. Mário Soares, usando da palavra em nome do C. E. U. D., subscreve as afirmações do dr. Galvão Teles, considerando que, «*com mais tempo, poderíamos ter chegado a uma plataforma comum*».

A questão havia sido levantada por um jornalista, a propósito de uma afirmação contida na «Vida Mundial» saída hoje, segundo a qual «*a maneira como esses dirigentes (os da C. D. E. e da (C. E. U. D.) se hostilizam é reveladora das suas intenções e mostra que nunca, provàvelmente, passou pelo seu espírito a ideia de que era possível realizarem um entendimento isento de intenções reservadas.*»

Comentando as afirmações atrás referidas, o dr. Pereira de Moura afirmou: «*Refutamos categòricamente essas palavras.*»

A candidata D. Rosalina Pinho refere os problemas encontrados pela C. D. E. na sua actuação no concelho de Vila Franca

As comemorações do 5 de Outubro

A passagem de mais um aniversário da proclamação da Republica será assinalada por cerimónias em todo o País, o que dará particular grandeza e especial significado ao acontecimento.

Em Lisboa, os Centros Republicanos, como habitualmente, promovem uma romagem ao cemitério do Alto de S. João, em que será prestada homenagem á memória dos heróis e mártires da Republica. A essa romagem — marcada para as 10 e 30, associam-se ambas as comissões democráticas de Lisboa (C. D. E. e C. E. U. D.) Haverá ainda outras manifestações de diversa índole — festas de confraternização republicana, sessões solenes, etc.

Por decisão do Conselho de Ministros, o 5 de Outubro será comemorado oficialmente em Lisboa, o que sucede pela primeira vez desde 1960 — ano em que se completou meio século após a revolução republicana

No distrito de Setúbal

A Comissão distrital da C. D. E de Setubal deliberou que os democratas de todos os concelhos do distrito comemorassem condignamente a data histórica do 5 de Outubro. Em Grandola, haverá no dia do aniversário da implantação da Republica uma romagem, ás 12 horas ao cemitério local, onde será prestada homenagem á memória do dr. Jacinto Nunes, que foi um dos paladinos da instauração do regime republicano.

Romagem ao monumento a Jaime Cortesão

A C. D. E. de Coimbra está, igualmente, a organizar um significativo programa comemorativo do 5 de Outubro, que culminará, ás 17 e 30, com uma sessão no Teatro Avenida.

Em Coimbra haverá, de manhã, uma romagem ao túmulo de José Falcão. Em Ançã, efectua-se também uma cerimónia de homenagem à memória de Jaime Cortesão, junto do monumento áquele saudoso escritor e figura política.

Na Figueira da Foz, efectua-se um almoço de confraternização republicana no restaurante Tubarão.

Em Braga

Além de outras cerimónias, haverá um jantar comemorativo da proclamação da República no dia 5, pelas 20 horas, no Hotel do Parque do Bom-Jesus.

Almoço promovido pela C. E. U. D. de Lisboa

A C. E. U. D. de Lisboa promove no dia 5, em local a designar, um almoço de confraternização republicana.

As inscrições podem ser feitas até ao dia 4 do corrente na sede da C. E. U. D.

Almoço de confraternização

No restaurante «A Costureirinha» (Amadora), há um almoço de confraternização, no próximo domingo. As inscrições podem fazer-se pelos telefones 930376, 936392 ou 2431098.

A SOCIEDADE MUSICAL 5 DE OUTUBRO

tem 81 anos

No domingo, completa 81 anos a Sociedade Musical 5 de Outubro, de Paio Pires. Por tal motivo, haverá, na respectiva sede, uma sessão solene, ás 16 horas.

A sessão eleitoral em Braga

(Continuação da 1.ª pág.)

lavra ao primeiro orador oficial, o dr. José Sampaio que disse:

● A SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES CONTINUA A SER «DEPLORÁVEL»

«O verdadeiro patriotismo não consiste em, numa colecção de situações privilegiadas, se amontoarem quantias fabulosas, que tantíssimas vezes vão parar aos bancos estrangeiros, principalmente americanos e suiços. O autêntico patriotismo também não se traduz em ocultar as mazelas da Pátria Patriota, sim, é aquele que ganha a vida e se comporta honradamente, e aguenta desassombradamente as feridas que dilaceram a sua Pátria, a fim de mais depressa serem encontrados e aplicados os remédios que conduzem á cura».

Continuando, falou de um aspecto que considerou dos mais candentes da vida nacional: «A segurança social», afirmando em certo passo: «Um sistema de segurança social só é válido quando abranja a população trabalhadora, e esta esteja, de facto, e não aparentemente, adequada e eficientemente coberta dos riscos sociais existentes. Terá o Estado Novo criado um sistema de segurança social que satisfaça tal imperativo?».

Depois de outras considerações, o dr. José Sampaio referiu-se á legislação corporativa, e disse que, apesar da recente atribuição do Abono de Família aos trabalhadores agrícolas, a sua situação continua a ser «deplorável».

Seguidamente Eduardo Ribeiro procedeu á leitura de um documento em que os candidatos definem a sua posição perante o Estado e a Igreja. Foi depois proposto um minuto de silêncio em memória do general Humberto Delgado.

O dr. Santos Simões — orador seguinte — começou por afirmar ser um homem do povo e com ele conviver desde a infância conhecendo a miséria em que vive o povo da sua terra, grande parte dele instalado em tugurios. «São bocas mudas» e só por isso aceitei a minha candidatura, para lutar contra essa situação confrangedora. Há necessidade que outras bocas falem por essas».

Mais adiante, disse que só a democracia pode conduzir a um bem-estar social, a uma eficaz assistência ás famílias, ás crianças e ás mães.

Após outras considerações, afirmou: «Temos um país de Pilatos que assiste ao crucificar do Povo Português.

E a concluir: «Temos connosco a juventude que marcha á frente a caminho de um Portugas novo. É com a juventude que caminharemos para a vitória.

O dr. Humberto Soeiro falou de um Portugal novo, lidariedade e um telegrama da C. D. E. do Porto, respondendo depois os candidatos a dezenas de perguntas que, entretanto, haviam chegado á mesa.

O dr. Lino Lima ocupou-se de algumas que visavam o problema ultramarino.

No uso da palavra, o candidato Eduardo Ribeiro respondeu a perguntas relacionadas com o problema da habitação, declarando a certa altura: «A iniciativa particular não pode investir desde que não obtenha um rendimento mínimo nunca inferior a 5 %, este rendimento não é compatível com a renda económica. Quem deve construir? nas actuais condições da habitação, só o Governo pode e é ao Governo que compete resolver o problema de habitação, investindo verbas a baixo juro (1 por cento a 2 por cento), como lá fora».

E após anisar o problema em questão, concluiu: «Temos de lutar pela criação de um Ministério da Habitação e por um plano social e nacional da habitação. Temos de lutar para que se dê prioridade à habitação porque, os palácios e obras de fachada tanto do carinho do Governo, esses podem esperar. A saúde do povo, não».

● RESPOSTA A PERGUNTAS DA ASSISTÊNCIA

Após alguns dos candidatos terem respondido a outras perguntas formuladas pela assistência, o dr. Lino Lima, ultimo orador, exaltou a responsabilidade e a preocupação da assembleia, que traduzia — disse —, os seus pensamentos quanto ás desgraças da Pátria e também a alegria por participar na vida política.

A terminar declarou que os problemas da vida nacional permanecem, fazendo largas referências ao caso ultramarino, agrícola (que mantém estruturas feudais), á industrialização anárquica e ás charadas da distribuição equitativa do trabalho nacional.

O dr. Vítor Sá encerrou depois a sessão (que decorreu dentro do maior espírito de civismo) com vivas á Republica, á Democracia e a Portugal. E no final, todos os presentes voltaram a cantar em coro com vibração o Hino Nacional.

Resposta a um comunicado do Sindicato dos jornalistas

O sr. António João Fernandes tornou publica a seguinte nota:

«Por haver sido visado numa nota do Sindicato Nacional dos Jornalistas, publicada no jornal de cuja redacção V. é mui ilustre chefe, peço a publicação do seguinte esclarecimento:

«Nessa nota, o Sindicato Nacional dos Jornalistas declara que «António João Fernandes se intitulou jornalista, quando, na realidade, não preenche os requisitos necessários para se arrogar deste título, pois não consta dos registos deste sindicato»

«Ora, a verdade é que o signatário visado, apesar de continuar a colaborar em órgãos da Informação, não está efectivamente a exercer agora a sua actividade na Imprensa diária portuguesa, da qual se afastou há cerca de quatro anos. No entanto, acha-se inscrito naquele Sindicato, como sócio n.º 340, e possuindo a carteira profissional com o mesmo número, não estando a sua situação devidamente legalizada pelo motivo, já referido, de não pertencer aos quadros de nenhum órgão da Informação diária.»

■ **Cadernos fotocopiados** — A C. E. U. D. do Porto vai utilizar máquinas fotocopiadoras na cópia dos cadernos de recenseamento. O secretário-geral do governo civil anunciou que a referida cópia pode ser feita «por qualquer meio».

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — ESPECIAL ELEIÇÕES — 3 de OUTUBRO DE 1969